UNE ✦ SACRA

Hinduísmo

Kama Sutra

✦ ✦ ✦

Vatsyayana

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Vatsyayana
Data	c. séc. III–IV d.C.
Idioma original	Sânscrito
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Richard F. Burton e F. F. Arbuthnot (1883)
Fonte	Project Gutenberg — The Kama Sutra of Vatsyayana (Burton e Arbuthnot, 1883), eBook 27827
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Tratado indiano sobre amor, convivência e sexualidade.

O Kama Sutra ("aforismos sobre o desejo") foi composto em sânscrito por Vatsyayana, provavelmente entre os séculos III e IV d.C., como resumo de obras mais antigas.

Kama, o prazer e o amor, é um dos três objetivos da vida no pensamento hindu, ao lado de dharma (o dever e a virtude) e artha (a prosperidade); o livro ensina a buscá-lo sem prejudicar os outros dois.

Bem mais que um manual de posições, que ocupa só uma das sete partes, trata da educação e das 64 artes que um cidadão culto deveria conhecer, da vida doméstica, do namoro e das formas de casamento, dos deveres da esposa, das relações com as esposas alheias e da vida das cortesãs, e termina com receitas e encantamentos.

A tradução inglesa de Richard Francis Burton e Forster Fitzgerald Arbuthnot, impressa em 1883 pela "Kama Shastra Society" para escapar da censura vitoriana, tornou o livro conhecido no Ocidente.

Nesta edição, cada capítulo de Vatsyayana é um capítulo, agrupados nas sete partes, e cada parte abre com uma miniatura indiana antiga (séculos XVII a XIX): casais,

Radha e Krishna e cenas da corte.

O prefácio, a introdução e as considerações finais são do tradutor.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/27827

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

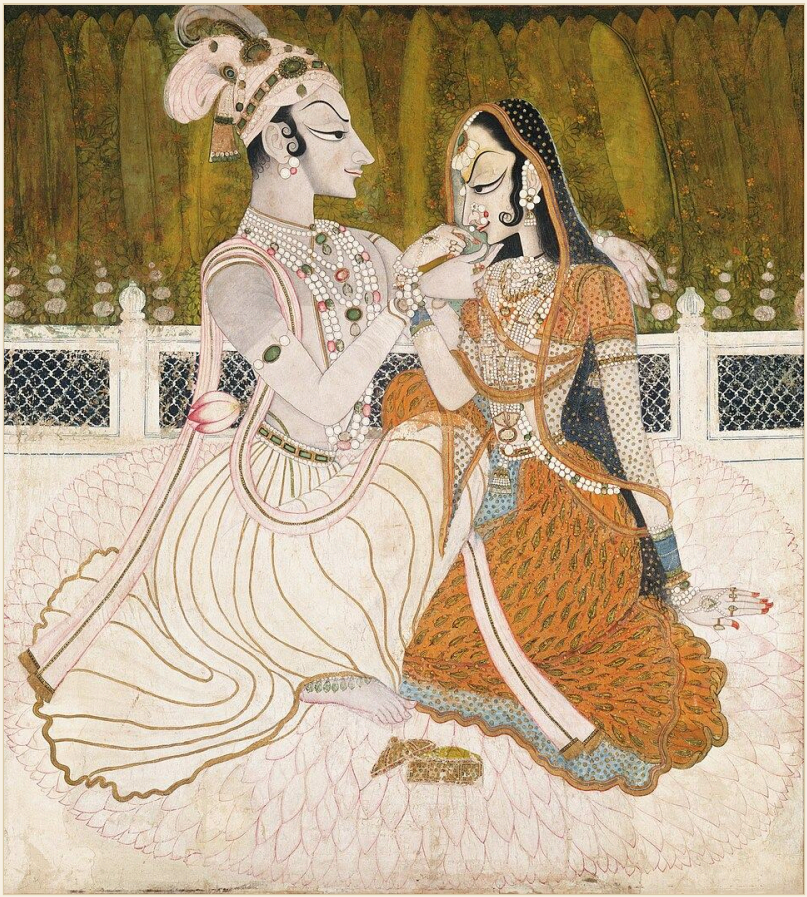
Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens



Krishna e Radha sentados num terraço, com duas criadas (Rajastão, c. 1750–1790; Brooklyn Museum).

Krishna e Radha sentados num terraço, Rajastão, c. 1750–1790 — Brooklyn Museum (84.201.7), Wikimedia Commons · Alta resolução



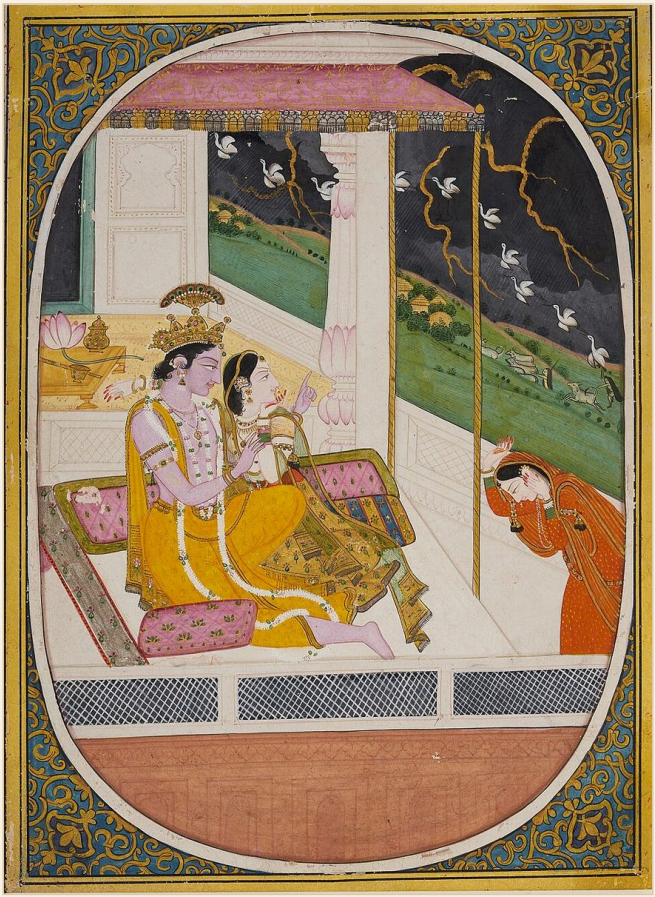
Krishna e Radha, atribuída a Nihal Chand (Kishangarh, c. 1750).

Krishna e Radha, atribuída a Nihal Chand, Kishangarh, c. 1750 — Google Art Project, Wikimedia Commons · Alta resolução



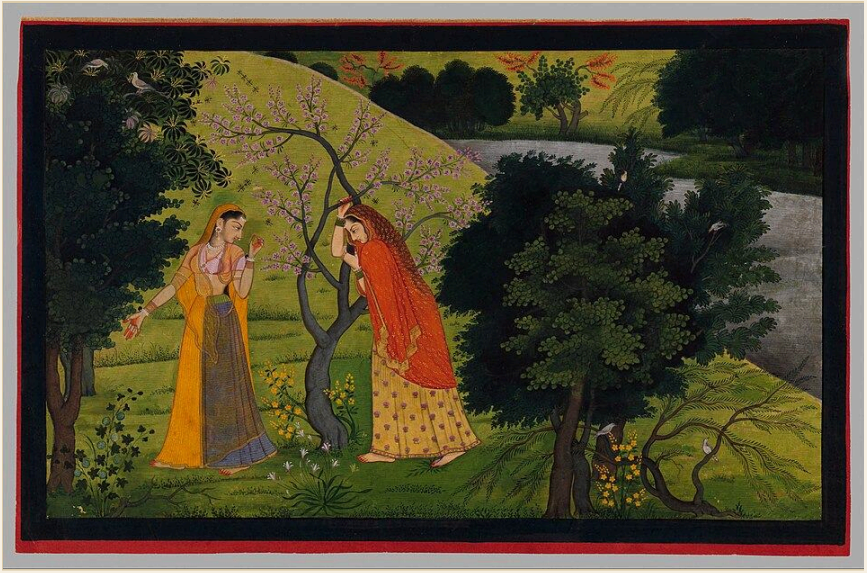
O casamento de Krishna e Rukmini, fólio de um Bhagavata Purana (c. 1820; Harvard Art Museums).

O casamento de Krishna e Rukmini, fólio de um Bhagavata Purana, c. 1820 — Harvard Art Museums (2001.336), Wikimedia Commons · Alta resolução



Radha e Krishna olhando a tempestade de um pavilhão, atribuída a Purkhu (Kangra, c. 1810–1820).

Radha e Krishna olhando a tempestade, atribuída a Purkhu, Kangra, c. 1810–1820 — Wikimedia Commons · Alta resolução



Radha com sua confidente, saudosa de Krishna, fólio do Gita Govinda "Tehri Garhwal" (c. 1775–1780; Metropolitan Museum of Art).

Radha com sua confidente, saudosa de Krishna, fólio do Gita Govinda "Tehri Garhwal", c. 1775–1780 — The Metropolitan Museum of Art, Wikimedia Commons · Alta resolução



Duas dançarinas, folha avulsa de estilo mogol e rajput (século XVIII; Walters Art Museum).

Duas dançarinas, folha avulsa de estilo mogol e rajput, século XVIII — Walters Art Museum (W.710), Wikimedia Commons · Alta resolução



Radha e Krishna olhando fogos de artifício no céu noturno, de Sitaram (Kishangarh, fim do século XVIII; National Museum, Nova Délhi).

Radha e Krishna olhando fogos de artifício, Sitaram, Kishangarh, fim do século XVIII — National Museum, Nova Délhi (63.810), Wikimedia Commons · Alta resolução

Sumário

Prefácio

Introdução

Saudação a Dharma, Artha e Kama

Índice da obra

Da aquisição de Dharma, Artha e Kama

Das artes e ciências a estudar

Da vida do cidadão

Dos tipos de mulher, dos amigos e dos mensageiros

Tipos de união e tipos de amor

Do abraço

Do beijo

Das marcas com as unhas

Das mordidas e dos costumes de cada região

Das maneiras de se deitar

Dos golpes e dos sons que os acompanham

Da mulher que faz o papel do homem

Da Auparishtaka

Como começar e terminar a união; brigas de amor

Do noivado e do casamento

De como ganhar a confiança da noiva

Do namoro

O que cabe ao homem e à moça

Das formas de casamento

Da vida da esposa virtuosa

Da convivência entre as esposas

Do caráter de homens e mulheres

De como conhecer a mulher

Do exame dos sentimentos da mulher

Do ofício da intermediária

Do amor dos que têm autoridade

Das mulheres do harém real

Das escolhas da cortesã

Da cortesã que vive como esposa

Dos meios de obter dinheiro

Da volta a um antigo amante

Dos tipos de ganho

Dos ganhos e perdas, e dos tipos de cortesã

Do adorno pessoal e dos tônicos

Dos meios de despertar o desejo; receitas

Considerações finais

PREFÁCIO

✦

1 Na literatura de todos os países, encontra-se certo número de obras que tratam especialmente do amor. Em toda parte, o assunto é abordado de maneiras diferentes e sob vários pontos de vista. Nesta publicação, propõe-se apresentar uma tradução completa daquela que é considerada a obra de referência sobre o amor na literatura sânscrita, chamada 'Kama Sutra de Vatsyayana', ou Aforismos sobre o Amor, de Vatsyayana.

2 Enquanto a introdução tratará das evidências relativas à data de composição da obra e dos comentários escritos sobre ela, os capítulos seguintes à introdução apresentarão uma tradução da própria obra. Convém, contudo, oferecer aqui uma breve análise de obras da mesma natureza, elaboradas por autores que viveram e escreveram anos depois da morte de Vatsya, mas que ainda o consideravam uma grande autoridade e sempre o citavam como o principal guia da literatura erótica hindu.

3 Além do tratado de Vatsyayana, podem ser encontradas na Índia as seguintes obras sobre o mesmo assunto:—

4 1. O Ratirahasya, ou segredos do amor.

5 2. O Panchasakya, ou as cinco flechas.

6 3. O Smara Pradipa, ou a luz do amor.

7 4. O Ratimanjari, ou a grinalda do amor.

8 5. O Rasmanjari, ou o broto do amor.

[9] 6. O Anunga Runga, ou o palco do amor; também chamado Kamaledhiplava, ou um barco no oceano do amor.

[10] O autor dos 'Segredos do Amor' (nº 1) foi um poeta chamado Kukkoka. Ele compôs sua obra para agradar a um certo Venudutta, que talvez fosse um rei. Ao escrever seu próprio nome no fim de cada capítulo, chama a si mesmo de "Siddha patiya pandita", isto é, um homem engenhoso entre homens eruditos.

[10.2] A obra foi traduzida para o hindi anos atrás, e nessa tradução o nome do autor foi escrito como Koka. E, como esse mesmo nome passou para todas as traduções em outras línguas da Índia, o livro tornou-se amplamente conhecido, e o assunto passou a ser chamado popularmente de Koka Shastra, ou doutrinas de Koka, que é o mesmo que Kama Shastra, ou doutrinas do amor, sendo as expressões Koka Shastra e Kama Shastra usadas indistintamente.

[11] A obra contém quase oitocentos versos e se divide em dez capítulos, chamados Pachivedas. Algumas das questões tratadas nessa obra não se encontram no Vatsyayana, como as quatro classes de mulheres, a saber, Padmini, Chitrini, Shankini e Hastini, bem como a enumeração dos dias e das horas em que as mulheres das diferentes classes ficam sujeitas ao amor.

[11.2] O autor acrescenta que escreveu essas coisas com base nas opiniões de Gonikaputra e Nandikeshwara, ambos mencionados por Vatsyayana, mas cujas obras já não existem. É difícil dar qualquer ideia aproximada do ano em que a obra foi composta. Só se pode presumir que tenha sido escrita depois da de Vatsyayana e antes das outras obras sobre esse assunto que ainda existem.

11.3 Vatsyayana fornece os nomes de dez autores sobre o assunto, cujas obras havia consultado, mas nenhuma delas sobreviveu, e não menciona este. Isso tenderia a mostrar que Kukkoka escreveu depois de Vatsya; caso contrário, Vatsya certamente o teria mencionado, junto com os demais, como autor desse ramo da literatura.

12 O autor das 'Cinco Flechas' (nº 2 da lista) foi um certo Jyotirisha. Ele é chamado de principal ornamento dos poetas, tesouro das sessenta e quatro artes e melhor mestre das regras da música.

12.2 Diz que compôs a obra depois de refletir sobre os aforismos do amor revelados pelos deuses e de estudar as opiniões de Gonikaputra, Muladeva, Babhravya, Ramtideva, Nundikeshwara e Kshemandra. É impossível dizer se havia lido todas as obras desses autores ou se apenas ouvira falar delas; de qualquer modo, nenhuma parece existir atualmente.

12.3 Essa obra contém quase seiscentos versos e se divide em cinco capítulos, chamados Sayakas ou Flechas.

13 O autor da 'Luz do Amor' (nº 3) foi o poeta Gunakara, filho de Vechapati. A obra contém quatrocentos versos e apresenta apenas uma breve exposição das doutrinas do amor, tratando mais de outros assuntos.

14 'A Grinalda do Amor' (nº 4) é obra do famoso poeta Jayadeva, que disse de si mesmo ser um escritor sobre todos os assuntos. Esse tratado, porém, é muito curto, contendo apenas cento e vinte e cinco versos.

15 O autor do 'Broto do Amor' (nº 5) foi um poeta chamado Bhanudatta. Pelo último verso do manuscrito, parece que ele morava na província de Tirhoot e era filho de um brâmane chamado Ganeshwar, que também era poeta. A obra, escrita em sânscrito, apresenta descrições de diferentes clas-

ses de homens e mulheres, sendo essas classes estabelecidas segundo a idade, a aparência, a conduta etc. Contém três capítulos, e sua data não é conhecida nem pode ser determinada.

16 'O Palco do Amor' (nº 6) foi composto pelo poeta Kullianmull para o divertimento de Ladkhan, filho de Ahmed Lodi, sendo esse mesmo Ladkhan chamado em alguns lugares de Ladana Mull e, em outros, de Ladanaballa. Supõe-se que ele tenha sido parente ou ligado à casa de Lodi, que reinou no Hindustão de 1450 a 1526 d.C.

16.2 A obra teria sido escrita, por conseguinte, no século quinze ou dezesseis. Contém dez capítulos e foi traduzida para o inglês, mas apenas seis exemplares foram impressos para circulação privada. Supõe-se que essa seja a mais recente das obras sânscritas sobre o assunto, e as ideias nela contidas foram evidentemente extraídas de escritos anteriores da mesma natureza.

17 O conteúdo dessas obras é, por si só, uma curiosidade literária. Tanto na poesia quanto no teatro em sânscrito, encontra-se certa dose de sentimento poético e romance, que, em todos os países e em todas as línguas, envolveram o assunto em uma auréola imortal. Mas aqui ele é tratado de maneira direta, simples e objetiva.

17.2 Homens e mulheres são divididos em classes e subdivisões da mesma forma que Buffon e outros autores de história natural classificaram e dividiram o mundo animal. Assim como os gregos representavam Vênus como o modelo da beleza da mulher, os hindus descrevem a Padmini, ou mulher Lótus, como o modelo da mais perfeita excelência feminina, da seguinte maneira:

18 Aquela em quem aparecem os seguintes sinais e características é chamada de Padmini. Seu rosto é agradável como a lua cheia; seu corpo, de carnes fartas, é macio como a flor de Shiras ou de mostarda; sua pele é fina, delicada e clara como o lótus amarelo, nunca de cor escura. Seus olhos são brilhantes e belos como os de uma corça, bem delineados e com os cantos avermelhados.

18.2 Seus seios são firmes, cheios e altos; ela tem um belo pescoço; seu nariz é reto e encantador, e três dobras ou rugas atravessam sua cintura, na região do umbigo. Sua yoni se assemelha ao botão de lótus que se abre, e sua semente do amor (Kama salila) é perfumada como o lírio que acaba de desabrochar.

18.3 Ela caminha com o andar de um cisne, e sua voz é baixa e musical como o canto do pássaro Kokila; deleita-se com roupas brancas, joias finas e vestidos luxuosos. Come pouco, tem sono leve e, sendo tão respeitosa e religiosa quanto inteligente e cortês, está sempre desejosa de adorar os deuses e desfrutar da conversa dos brâmanes. Assim é, pois, a Padmini, ou mulher Lótus.

19 Seguem-se descrições detalhadas da Chitrini, ou mulher Arte; da Shankhini, ou mulher Concha; e da Hastini, ou mulher Elefante, de seus dias de prazer, dos diversos pontos em que se concentra sua paixão, da maneira como devem ser tocadas e tratadas durante a relação sexual, juntamente com as características dos homens e das mulheres das diversas regiões do Hindustão. Os detalhes são tão numerosos, e os assuntos são tratados com tanta seriedade e de maneira tão extensa, que nem o tempo nem o espaço permitem apresentá-los aqui.

20 Uma obra em língua inglesa é um tanto semelhante a essas obras dos hindus. Chama-se 'Caloginomia: ou as Leis da Beleza Feminina', contendo os princípios elementares dessa ciência, de T. Bell, doutor em medicina, com vinte e quatro pranchas, impressa em Londres em 1821. Trata da Beleza, do Amor, da Relação Sexual, das Leis que regulam essa Relação, da Monogamia e da Poligamia, da Prostituição, da Infidelidade, terminando com um catálogo comentado dos defeitos da beleza feminina.

21 Outras obras em inglês também entram em grandes detalhes sobre a vida privada e doméstica: 'Os Elementos da Ciência Social, ou Religião Física, Sexual e Natural', de um doutor em medicina, Londres, 1880, e 'O Livro de Toda Mulher', do Dr. Waters, 1826. As pessoas interessadas nos assuntos acima encontrarão nessas obras detalhes que raramente foram publicados antes e que deveriam ser plenamente compreendidos por todos os filantropos e benfeitores da sociedade.

22 Depois de ler a obra hindu e os livros ingleses mencionados acima, o leitor compreenderá o assunto, ao menos de um ponto de vista materialista, realista e prático. Se toda ciência se funda, em maior ou menor grau, sobre uma base de fatos, não pode haver mal em dar a conhecer à humanidade em geral certas questões intimamente ligadas à sua vida privada, doméstica e social.

23 Ah! A completa ignorância dessas questões infelizmente arruinou muitos homens e muitas mulheres, enquanto um pouco de conhecimento de um assunto em geral ignorado pelas massas teria permitido a numerosas pessoas compreender muitas coisas que acreditavam ser inteiramente incompreensíveis ou que não julgavam dignas de sua atenção.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

INTRODUÇÃO

✦

1 Pode ser interessante para algumas pessoas saber como Vatsyayana veio a ser revelado ao público e traduzido pela primeira vez para a língua inglesa. Isso aconteceu da seguinte maneira. Durante a tradução, com os panditas, do 'Anunga runga, ou o palco do amor', encontravam-se com frequência referências a um certo Vatsya. O sábio Vatsya era desta ou daquela opinião.

1.2 O sábio Vatsya disse isto, e assim por diante. Naturalmente, perguntou-se quem era esse sábio, e os panditas responderam que Vatsya era o autor da obra de referência sobre o amor na literatura sânscrita, que nenhuma biblioteca sânscrita estava completa sem sua obra e que agora era muito difícil obtê-la na íntegra.

1.3 A cópia do manuscrito obtida em Bombaim estava incompleta, e por isso os panditas escreveram a Benares, Calcutá e Jaipur pedindo cópias do manuscrito às bibliotecas sânscritas desses lugares.

1.4 Depois de obtidas, as cópias foram comparadas entre si e, com a ajuda de um comentário chamado 'Jayamangla', preparou-se uma cópia revisada de todo o manuscrito, a partir da qual foi feita a tradução inglesa. Segue-se a declaração do pandita principal:--

2 "O manuscrito que acompanha esta declaração foi corrigido por mim após a comparação de quatro cópias diferentes da obra. Contei com a ajuda de um comentário chamado 'Jayamangla' para corrigir o trecho das cinco primeiras partes, mas encontrei grande dificuldade para corrigir o restante,

pois, com exceção de uma cópia razoavelmente correta desse trecho, todas as outras que eu tinha apresentavam erros demais. Contudo, considerei correta a passagem em que a maioria das cópias concordava entre si."

3 Os 'Aforismos sobre o Amor', de Vatsyayana, contêm cerca de mil duzentos e cinquenta slokas ou versos e se dividem em partes, as partes em capítulos e os capítulos em parágrafos. O conjunto consiste em sete partes, trinta e seis capítulos e sessenta e quatro parágrafos. Quase nada se sabe sobre o autor. Supõe-se que seu verdadeiro nome fosse Mallinaga ou Mrillana, sendo Vatsyayana seu nome de família. No encerramento da obra, ele escreve o seguinte sobre si mesmo:

4 "Depois da leitura e consideração das obras de Babhravya e de outros autores antigos, e da reflexão sobre o significado das regras dadas por eles, este tratado foi composto, segundo os preceitos das Sagradas Escrituras, para o benefício do mundo, por Vatsyayana, enquanto levava a vida de um estudante religioso em Benares, inteiramente dedicado à contemplação da Divindade.

4.2 Esta obra não deve ser usada apenas como instrumento para satisfazer nossos desejos. Uma pessoa familiarizada com os verdadeiros princípios desta ciência, que preserve seu Dharma (virtude ou mérito religioso), seu Artha (riqueza material) e seu Kama (prazer ou satisfação sensual), e que respeite os costumes do povo, certamente obterá o domínio de seus sentidos.

4.3 Em suma, uma pessoa inteligente e instruída, que cuide do Dharma e do Artha e também do Kama, sem se tornar escrava de suas paixões, terá sucesso em tudo o que fizer."

5 É impossível determinar a data exata tanto da vida de Vatsyayana quanto de sua obra. Supõe-se que ele tenha vivido entre o primeiro e o sexto séculos da era cristã, pelos seguintes motivos:--Ele menciona que Satkarni Srtvahan, um rei de Kuntal, matou sua esposa Malayevati com um instrumento chamado kartari, golpeando-a no ardor da paixão amorosa, e Vatsya cita esse caso para alertar as pessoas sobre o perigo de certos costumes antigos de golpear mulheres sob a influência dessa paixão.

5.2 Acredita-se que esse rei de Kuntal tenha vivido e reinado durante o primeiro século da era cristã e, portanto, Vatsya deve ter vivido depois dele. Por outro lado, Virahamihira, no décimo oitavo capítulo de seu 'Brihatsanhita', trata da ciência do amor e parece ter aproveitado amplamente os escritos de Vatsyayana sobre o assunto.

5.3 Diz-se que Virahamihira viveu durante o sexto século d.C. e, como Vatsya deve ter escrito suas obras antes disso, deve-se considerar que sua existência se deu aproximadamente entre o primeiro século da era cristã e o sexto século d.C.

6 Sobre o texto dos 'Aforismos sobre o Amor', de Vatsyayana, foram encontrados apenas dois comentários. Um se chama 'Jayamangla' ou 'Sutrabashya', e o outro, 'Sutra vritti'.

6.2 A data do 'Jayamangla' é situada entre os séculos décimo e décimo terceiro d.C., pois, ao tratar das sessenta e quatro artes, apresenta um exemplo retirado do 'Kávyaprakásha', que foi escrito por volta do décimo século d.C.

6.3 Ademais, a cópia do comentário obtida era evidentemente uma transcrição de um manuscrito que pertencia à biblioteca de um rei da dinastia Chaulukya chamado Vishaladeva, fato deduzido da seguinte frase ao final do texto:--

7 "Aqui termina a parte relativa à arte do amor no comentário sobre o 'Vatsyayana Kama Sutra', uma cópia da biblioteca do rei dos reis, Vishaladeva, que foi um herói poderoso, como um segundo Arjuna, e a joia principal da família Chaulukya."

8 É bem conhecido que esse rei governou em Guzerate de 1244 a 1262 d.C. e fundou uma cidade chamada Visalnagur. Assim, considera-se que o comentário não seja anterior ao décimo século nem posterior ao décimo terceiro. Supõe-se que seu autor tenha sido um certo Yashodhara, a quem seu preceptor deu o nome de Indrapada.

8.2 Ele parece tê-lo escrito durante um período de aflição causado pela separação de uma mulher inteligente e perspicaz; ao menos é isso que ele próprio diz ao final de cada capítulo. Presume-se que tenha dado à obra o nome de sua amante ausente, ou que a palavra tenha alguma ligação com o significado do nome dela.

9 Esse comentário foi muito útil para explicar o verdadeiro sentido de Vatsyayana, pois o comentarista parece ter tido um conhecimento considerável da época do autor mais antigo e fornece, em alguns lugares, informações muito detalhadas.

9.2 O mesmo não se pode dizer do outro comentário, chamado "Sutra vritti", que foi escrito por volta de d.C., por Narsing Shastri, aluno de um certo Sarveshwar Shastri; este último era descendente de Bhaskur, assim como nosso autor, pois, ao final de cada parte, ele se chama Bhaskur Narsing Shastra.

9.3 Ele foi levado a escrever a obra por ordem do erudito rajá Vrijalala, enquanto residia em Benares, mas, quanto aos méritos desse comentário, ele não merece muitos elogios. Em muitos casos, o escritor parece não ter

compreendido o sentido do autor original e alterou o texto em muitos lugares para ajustá-lo às suas próprias explicações.

10 Segue-se agora uma tradução completa da obra original. Ela foi preparada em plena conformidade com o texto do manuscrito e é apresentada, sem outros comentários, tal como foi feita a partir dele.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SAUDAÇÃO A DHARMA, ARTHA E KAMA

✦



1 No princípio, o Senhor dos Seres criou homens e mulheres e, na forma de mandamentos em cem mil capítulos, estabeleceu regras para ordenar sua existência no que diz respeito a Dharma,[1] Artha,[2] e Kama.[3] Alguns desses mandamentos, a saber, os que tratavam de Dharma, foram escritos separadamente por Swayambhu Manu; os relativos a Artha foram compilados por Brihaspati; e os referentes a Kama foram expostos por Nandi, o seguidor de Mahadeva, em mil capítulos.

2 Esses 'Kama Sutra' (Aforismos sobre o Amor), escritos por Nandi em mil capítulos, foram reproduzidos por Shvetaketu, filho de Uddvalaka, de forma abreviada em quinhentos capítulos, e essa obra foi de novo reproduzida de maneira semelhante, em uma versão abreviada de cento e cin-

quenta capítulos, por Babhravya, habitante da região de Punchala (ao sul de Délhi). Esses cento e cinquenta capítulos foram então reunidos sob sete temas ou partes, denominadas respectivamente--

3 1ª. Sadharana (temas gerais).

4 2ª. Samprayogika (abraços etc.).

5 3ª. Kanya Samprayuktaka (união de homens e mulheres).

6 4ª. Bharyadhikarika (sobre a própria esposa).

7 5ª. Paradika (sobre as esposas de outras pessoas).

8 6ª. Vaisika (sobre as cortesãs).

9 7ª. Aupamishadika (sobre as artes da sedução, medicamentos tônicos etc.).

10 A sexta parte dessa última obra foi exposta separadamente por Dattaka a pedido das prostitutas de Pataliputra (Patna), e, da mesma forma, Charayana explicou a primeira parte. As partes restantes, a saber, a segunda, a terceira, a quarta, a quinta e a sétima, foram expostas, cada uma separadamente, por--

11 Suvarnanabha (segunda parte).

12 Ghotakamukha (terceira parte).

13 Gonardiya (quarta parte).

14 Gonikaputra (quinta parte).

15 Kuchumara (sétima parte), respectivamente.

16 Assim, escrita em partes por diferentes autores, a obra era quase impossível de obter. Como as partes expostas por Dattaka e pelos demais tratavam apenas dos ramos específicos do assunto a que cada uma se referia, e como, ademais, era difícil dominar a obra original de Babhravya por causa de sua extensão, Vatsyayana compôs sua obra em um pequeno volume, como um compêndio do conjunto das obras dos autores acima mencionados.

17 [1] Dharma é a aquisição de mérito religioso e é descrito em detalhes no Capítulo 5, Volume III., da 'História da Índia', de Talboys Wheeler, e nos éditos de Asoka.

18 [2] Artha é a aquisição de riqueza e propriedades etc.

19 [3] Kama é amor, prazer e satisfação sensual.
Essas três palavras são mantidas em sua forma original ao longo de toda a obra, como termos técnicos. Também podem ser definidas como virtude, riqueza e prazer, as três coisas de que se fala repetidamente nas Leis de Manu.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ÍNDICE DA OBRA

[1] Parte I — Introdução

[2] Capítulo I. Prefácio.

[3] Capítulo II. Observações sobre as três conquistas mundanas da Virtude, da Riqueza e do Amor.

[4] Capítulo III. Sobre o estudo das Sessenta e Quatro Artes.

[5] Capítulo IV. Sobre a organização de uma casa e os móveis domésticos; e sobre a vida cotidiana de um cidadão, seus companheiros, diversões, etc.

[6] Capítulo V. Sobre as classes de mulheres adequadas e inadequadas para relações sexuais com o cidadão, e sobre amigos e mensageiros.

[7] Parte II — Sobre a união sexual

[8] Capítulo I. Tipos de união segundo as dimensões, a força do desejo e a duração; e sobre os diferentes tipos de amor.

[9] Capítulo II. Sobre o abraço.

[10] Capítulo III. Sobre o beijo.

[11] Capítulo IV. Sobre pressionar ou marcar com as unhas.

[12] Capítulo V. Sobre morder e as práticas amorosas a empregar com mulheres de diferentes países.

[13] Capítulo VI. Sobre as várias maneiras de deitar e os diferentes tipos de relação sexual.

14 Capítulo VII. Sobre as várias maneiras de bater e os sons apropriados a elas.

15 Capítulo VIII. Sobre mulheres que desempenham o papel de homens.

16 Capítulo IX. Sobre segurar o lingam na boca.

17 Capítulo X. Como começar e como terminar a relação sexual. Diferentes tipos de relação sexual e brigas amorosas.

18 Parte III — Sobre a obtenção de uma esposa

19 Capítulo I. Observações sobre o noivado e o casamento.

20 Capítulo II. Sobre despertar confiança na moça.

21 Capítulo III. O cortejo e as manifestações dos sentimentos por meio de sinais exteriores e ações.

22 Capítulo IV. Sobre as coisas que devem ser feitas apenas pelo homem e a conquista da moça por esses meios. Também sobre o que deve ser feito por uma moça para conquistar um homem e submetê-lo a ela.

23 Capítulo V. Sobre as diferentes formas de casamento.

24 Parte IV — Sobre a esposa

25 Capítulo I. Sobre o modo de viver de uma mulher virtuosa e seu comportamento durante a ausência do marido.

26 Capítulo II. Sobre a conduta da esposa mais velha em relação às outras esposas de seu marido e da esposa mais jovem em relação às mais velhas. Também sobre a conduta de uma viúva virgem que se casou de novo; de uma esposa de quem o marido não gosta; das mulheres do harém do rei; e de um marido que tem mais de uma esposa.

27 Parte V — Sobre as esposas de outras pessoas

28 Capítulo I. Sobre as características de homens e mulheres e a razão pela qual as mulheres rejeitam as investidas dos homens. Sobre homens que têm sucesso com as mulheres e sobre mulheres que são facilmente conquistadas.

29 Capítulo II. Sobre como conhecer a mulher e sobre os esforços para conquistá-la.

30 Capítulo III. Exame do estado de espírito de uma mulher.

31 Capítulo IV. A atividade de um intermediário.

32 Capítulo V. Sobre o amor de pessoas em posição de autoridade com as esposas de outras pessoas.

33 Capítulo VI. Sobre as mulheres do harém real e sobre a guarda da própria esposa.

34 Parte VI — Sobre as cortesãs

35 Capítulo I. Sobre os motivos que levam uma cortesã a procurar homens; sobre os meios de prender a si o homem desejado e o tipo de homem que é desejável conhecer.

36 Capítulo II. Sobre uma cortesã que vive com um homem como sua esposa.

37 Capítulo III. Sobre os meios de obter dinheiro; sobre os sinais de um amante que começa a se cansar e sobre a maneira de se livrar dele.

38 Capítulo IV. Sobre o reencontro com um antigo amante.

39 Capítulo V. Sobre diferentes tipos de ganho.

[40] Capítulo VI. Sobre ganhos e perdas, ganhos e perdas decorrentes e dúvidas; e, por fim, os diferentes tipos de cortesãs.

[41] Parte VII — Sobre os meios de atrair outras pessoas para si

[42] Capítulo I. Sobre os adornos pessoais, a conquista do coração de outras pessoas e os medicamentos tônicos.

[43] Capítulo II. Sobre os meios de despertar o desejo e as maneiras de aumentar o lingam. Experiências e receitas diversas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA AQUISIÇÃO DE DHARMA, ARTHA E KAMA

✦

1 O homem, cujo tempo de vida é de cem anos, deve praticar Dharma, Artha e Kama em diferentes épocas e de tal maneira que se harmonizem entre si e não entrem em conflito de modo algum.

1.2 Deve adquirir conhecimentos na infância; na juventude e na meia-idade, deve dedicar-se a Artha e Kama; e, na velhice, deve praticar Dharma e assim procurar alcançar Moksha, isto é, a libertação de novas transmigrações. Ou, devido à incerteza da vida, pode praticá-los nas ocasiões em que sua prática é prescrita.

1.3 Mas uma coisa deve ser observada: ele deve levar a vida de um estudante religioso até concluir sua educação.

2 Dharma é a obediência à ordem do Shastra, ou Escritura Sagrada dos hindus, de fazer certas coisas, como realizar sacrifícios, que em geral não são feitos porque não pertencem a este mundo e não produzem efeito visível; e de não fazer outras coisas, como comer carne, o que muitas vezes se faz porque pertence a este mundo e tem efeitos visíveis.

3 Dharma deve ser aprendido no Shruti (Escritura Sagrada) e com aqueles que o conhecem bem.

4 Artha é a aquisição de artes, terras, ouro, gado, riquezas, carruagens e amigos. É também a proteção do que foi adquirido e o aumento do que é protegido.

5 Artha deve ser aprendido com os funcionários do rei e com comerciantes que conheçam bem os caminhos do comércio.

6 Kama é o desfrute dos objetos apropriados pelos cinco sentidos da audição, do tato, da visão, do paladar e do olfato, auxiliados pela mente em conjunto com a alma. O elemento que o constitui é um contato particular entre o órgão dos sentidos e seu objeto, e a consciência do prazer que surge desse contato é chamada Kama.

7 Kama deve ser aprendido no Kama Sutra (aforismos sobre o amor) e na prática dos cidadãos.

8 Quando os três, isto é, Dharma, Artha e Kama, se encontram, o anterior é superior ao que vem depois dele; isto é, Dharma é superior a Artha, e Artha é superior a Kama. Mas Artha deve sempre ser praticado primeiro pelo rei, pois é somente dele que se pode obter o sustento dos homens. Por sua vez, sendo Kama a ocupação das prostitutas, elas devem preferi-lo aos outros dois, e essas são exceções à regra geral.

9 Objeção 1.

10 Alguns homens instruídos dizem que, como Dharma está ligado a coisas que não pertencem a este mundo, é apropriado tratá-lo em um livro; e o mesmo se aplica a Artha, porque ele só é praticado pela aplicação dos meios adequados, e o conhecimento desses meios só pode ser obtido pelo estudo e pelos livros. Mas Kama, sendo algo que até os animais praticam e que se encontra por toda parte, não necessita de nenhuma obra sobre o assunto.

11 Resposta.

12 Não é assim. Sendo a relação sexual algo que depende do homem e da mulher, ela exige que ambos apliquem os meios adequados, e esses meios devem ser aprendidos no Kama Shastra. A falta de aplicação dos meios adequados, que vemos entre os animais, deve-se ao fato de não terem freios, de suas fêmeas só estarem aptas à relação sexual em certas épocas e em nenhuma outra, e de suas relações não serem precedidas por qualquer tipo de reflexão.

13 Objeção 2.

14 Os Lokayatikas[4] dizem: — As prescrições religiosas não devem ser observadas, pois dão frutos no futuro e, ao mesmo tempo, é duvidoso que venham a dar algum fruto. Que pessoa tola entregaria às mãos de outra aquilo que está em suas próprias mãos? Além disso, é melhor ter um pombo hoje do que um pavão amanhã; e uma moeda de cobre que temos certeza de obter é melhor do que uma moeda de ouro cuja posse é duvidosa.

15 Resposta.

16 Não é assim. 1º. A Escritura Sagrada, que ordena a prática de Dharma, não admite dúvida.

17 2º. Vê-se que sacrifícios como os realizados para a destruição dos inimigos ou para a vinda da chuva dão frutos.

18 3º. O sol, a lua, as estrelas, os planetas e os demais corpos celestes parecem trabalhar intencionalmente para o bem do mundo.

19 4º. A existência deste mundo é mantida pela observância das regras relativas às quatro classes[5] de homens e às suas quatro etapas de vida.

20 5º. Vemos que a semente é lançada à terra na esperança de colheitas futuras.

21 Vatsyayana é, portanto, da opinião de que as prescrições da religião devem ser obedecidas.

22 Objeção 3.

23 Aqueles que acreditam que o destino é o primeiro motor de todas as coisas dizem: — Não devemos nos esforçar para adquirir riqueza, pois às vezes ela não é adquirida, embora nos empenhemos em obtê-la, enquanto em outras ocasiões ela vem a nós por si mesma, sem nenhum esforço de nossa parte.

23.2 Tudo está, por conseguinte, sob o poder do destino, que é o senhor do ganho e da perda, do sucesso e da derrota, do prazer e da dor. Assim, vemos que Bali[6] foi elevado ao trono de Indra pelo destino e também foi deposto pelo mesmo poder, e somente o destino pode restituí-lo ao trono.

24 Resposta.

25 Não é correto dizer isso. Como a aquisição de qualquer objeto pressupõe, em todos os casos, algum esforço por parte do homem, pode-se dizer que a aplicação dos meios adequados é a causa de alcançarmos todos os nossos fins; e, sendo assim necessária essa aplicação dos meios adequados (mesmo quando algo está destinado a acontecer), segue-se que uma pessoa que nada faz não desfrutará de felicidade alguma.

26 Objeção 4.

27 Aqueles que se inclinam a pensar que Artha é o principal objetivo a alcançar argumentam assim: os prazeres não devem ser buscados, pois são obstáculos à prática de Dharma e Artha, ambos superiores a eles, e também desagradam às pessoas de mérito.

27.2 Os prazeres também levam o homem à aflição e ao contato com pessoas de baixa condição; fazem com que pratique atos injustos e produzem impureza nele; fazem com que não se importe com o futuro e incentivam a negligência e a leviandade. E, por fim, fazem com que ninguém acredite nele, ninguém o acolha e todos o desprezem, inclusive ele próprio.

27.3 Além disso, é bem sabido que muitos homens que se entregaram apenas ao prazer foram arruinados junto com suas famílias e seus parentes. Assim, o rei Dandakya,[7] da dinastia Bhoja, raptou a filha de um brâmane com más intenções e acabou arruinado, perdendo seu reino. Indra também, tendo violado a castidade de Ahalya,[8] foi levado a sofrer por isso.

27.4 Da mesma forma, o poderoso Kichaka,[9] que tentou seduzir Draupadi, e Ravana,[10] que tentou conquistar Sita, foram punidos por seus crimes. Esses e muitos outros caíram por causa de seus prazeres.

28 Resposta.

29 Essa objeção não se sustenta, pois os prazeres, sendo tão necessários à existência e ao bem-estar do corpo quanto o alimento, são, consequentemente, igualmente indispensáveis. Além disso, são os resultados de Dharma e Artha. Portanto, os prazeres devem ser buscados com moderação e cautela. Ninguém deixa de preparar comida porque há mendigos que a pedirão, nem de semear porque há cervos que destruirão os cereais quando crescerem.

30 Assim, um homem que pratica Dharma, Artha e Kama desfruta de felicidade tanto neste mundo quanto no mundo que há de vir. Os bons realizam as ações cujos resultados no outro mundo não têm motivo para temer e que não põem em perigo seu bem-estar. Qualquer ação que contribua para a prática de Dharma, Artha e Kama em conjunto, ou de quaisquer dois deles, ou mesmo de apenas um deles, deve ser realizada; mas uma ação que contribua para a prática de um deles em prejuízo dos outros dois não deve ser realizada.

31 [4] Esses eram certamente materialistas que pareciam pensar que mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

32 [5] Entre os hindus, as quatro classes de homens são os brâmanes, ou classe sacerdotal; os xátrias, ou classe guerreira; os vaixás, ou classe agrícola e mercantil; e os sudras, ou classe servil. As quatro etapas da vida são a vida de estudante religioso, a vida de chefe de família, a vida de eremita e a vida de um sannyasi, ou devoto.

33 [6] Bali era um demônio que havia vencido Indra e conquistado seu trono, mas depois foi derrotado por Vishnu na época de sua quinta encarnação.

34 [7] Diz-se que Dandakya raptou da floresta a filha de um brâmane chamado Bhargava e, tendo sido amaldiçoado pelo brâmane, foi soterrado com seu reino sob uma chuva de poeira. O lugar recebeu, em referência a ele, o nome de floresta Dandaka, celebrada no Ramayana, mas hoje desconhecida.

[35] [8] Ahalya era a esposa do sábio Gautama. Indra a fez acreditar que ele era Gautama e assim desfrutou dela. Ele foi amaldiçoado por Gautama e depois sofreu com mil úlceras em seu corpo.

[36] [9] Kichaka era cunhado do rei Virata, com quem os Pandavas haviam se refugiado por um ano. Kichaka foi morto por Bhima, que se disfarçou de Draupadi. Para essa história, deve-se consultar o Mahabharata.

[37] [10] A história de Ravana é contada no Ramayana, que, junto com o Mahabharata, forma os dois grandes poemas épicos dos hindus; o segundo foi escrito por Vyasa, e o primeiro, por Valmiki.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS ARTES E CIÊNCIAS A ESTUDAR

✦

1 O homem deve estudar o Kama Sutra e as artes e ciências a ele subordinadas, além de estudar as artes e ciências contidas no Dharma e no Artha. Mesmo as jovens devem estudar este Kama Sutra, juntamente com suas artes e ciências, antes do casamento, e depois dele devem continuar a fazê-lo com o consentimento de seus maridos.

2 Aqui, alguns homens instruídos fazem uma objeção e dizem que as mulheres, por não terem permissão para estudar nenhuma ciência, não devem estudar o Kama Sutra.

3 Mas Vatsyayana é de opinião que essa objeção não procede, pois as mulheres já conhecem a prática do Kama Sutra, e essa prática deriva do Kama Shastra, ou da própria ciência de Kama. Além disso, não é apenas neste caso, mas em muitos outros, que, embora a prática de uma ciência seja conhecida de todos, apenas poucas pessoas conhecem as regras e leis em que ela se baseia.

3.2 Assim, os Yadnikas, ou sacrificadores, embora desconheçam a gramática, usam palavras apropriadas ao se dirigirem às diferentes Divindades, sem saber como essas palavras são formadas. Da mesma forma, as pessoas cumprem os deveres que lhes cabem nos dias auspiciosos, determinados pela astrologia, embora não conheçam a ciência da astrologia.

3.3 De modo semelhante, os que montam cavalos e elefantes treinam esses animais sem conhecer a ciência do treinamento de animais, mas apenas pela prática. E, igualmente, os habitantes das províncias mais distantes obedecem às leis do reino por costume e porque há um rei que os governa, sem

outra razão.[11] E a experiência nos mostra que algumas mulheres, como as filhas de príncipes e de seus ministros, e as cortesãs, são de fato versadas no Kama Shastra.

4 Uma mulher, portanto, deve aprender o Kama Shastra, ou pelo menos uma parte dele, estudando sua prática com alguma amiga de confiança. Ela deve estudar sozinha, em particular, as sessenta e quatro práticas que fazem parte do Kama Shastra.

4.2 Sua professora deve ser uma das seguintes pessoas: a filha de uma ama, criada junto com ela e já casada,[12] ou uma amiga em quem possa confiar em tudo, ou a irmã de sua mãe (isto é, sua tia), ou uma velha criada, ou uma mendiga que possa ter vivido anteriormente com a família, ou sua própria irmã, em quem sempre se pode confiar.

5 As seguintes artes devem ser estudadas juntamente com o Kama Sutra:

6 1. Canto.

7 2. Tocar instrumentos musicais.

8 3. Dança.

9 4. União da dança, do canto e da execução de música instrumental.

10 5. Escrita e desenho.

11 6. Tatuagem.

12 7. Arranjar e enfeitar um ídolo com arroz e flores.

13 8. Preparar e arranjar leitos ou divãs de flores, ou espalhar flores pelo chão.

14 9. Colorir os dentes, as roupas, os cabelos, as unhas e os corpos, isto é, manchá-los, tingi-los, colori-los e pintá-los.

15 10. Fixar vidros coloridos em um piso.

16 11. A arte de arrumar camas e dispor tapetes e almofadas para se reclinar.

17 12. Tocar taças musicais cheias de água.

18 13. Armazenar e acumular água em aquedutos, cisternas e reservatórios.

19 14. Fazer imagens, ornamentar e decorar.

20 15. Enfiar contas de rosários e colares, e montar guirlandas e coroas.

21 16. Atar turbantes e grinaldas, e fazer penachos e adornos de flores para o alto da cabeça.

22 17. Representações cênicas. Atuação teatral.

23 18. A arte de fazer adornos para as orelhas.

24 19. A arte de preparar perfumes e essências.

25 20. A disposição adequada de joias e enfeites, e o adorno do vestuário.

26 21. Magia ou feitiçaria.

27 22. Agilidade das mãos ou habilidade manual.

28 23. Arte culinária, isto é, cozinhar e preparar alimentos.

29 24. Fazer limonadas, sorvetes, bebidas aciduladas e extratos alcoólicos com sabor e cor adequados.

30 25. Alfaiataria e costura.

[31] 26. Fazer papagaios, flores, tufos, borlas, cachos, relevos, botões etc. com fios ou linhas.

[32] 27. Resolver adivinhas, enigmas, falas veladas, quebra-cabeças verbais e perguntas enigmáticas.

[33] 28. Um jogo que consistia em recitar versos: assim que uma pessoa terminava, outra tinha de começar imediatamente a recitar outro verso, começando com a mesma letra com que terminava o verso do último participante. Quem não conseguisse recitar era considerado perdedor e ficava sujeito a pagar uma prenda ou algum tipo de aposta.

[34] 29. A arte da mímica ou imitação.

[35] 30. Leitura, incluindo o canto e a entoação.

[36] 31. Estudo de frases difíceis de pronunciar. É praticado como um jogo, principalmente por mulheres e crianças, e consiste em apresentar uma frase difícil que, quando repetida rapidamente, muitas vezes tem suas palavras trocadas de lugar ou mal pronunciadas.

[37] 32. Prática com espada, bastão curto, bastão longo, arco e flecha.

[38] 33. Tirar conclusões, raciocinar ou fazer inferências.

[39] 34. Carpintaria, ou o trabalho de um carpinteiro.

[40] 35. Arquitetura, ou a arte de construir.

[41] 36. Conhecimento de moedas de ouro e prata, de joias e de pedras preciosas.

[42] 37. Química e mineralogia.

[43] 38. Colorir joias, pedras preciosas e contas.

[44] 39. Conhecimento de minas e pedreiras.

[45] 40. Jardinagem; conhecimento de como tratar as doenças de árvores e plantas, nutri-las e determinar suas idades.

[46] 41. A arte das lutas de galos, codornas e carneiros.

[47] 42. A arte de ensinar papagaios e estorninhos a falar.

[48] 43. A arte de aplicar unguentos perfumados no corpo e de arrumar os cabelos com unguentos e perfumes, e trançá-los.

[49] 44. A arte de compreender a escrita cifrada e de escrever palavras de maneira peculiar.

[50] 45. A arte de falar alterando as formas das palavras. Há vários tipos. Alguns falam mudando o começo e o fim das palavras; outros, acrescentando letras desnecessárias entre cada sílaba de uma palavra, e assim por diante.

[51] 46. Conhecimento da língua e dos dialetos locais.

[52] 47. A arte de fazer carruagens de flores.

[53] 48. A arte de traçar diagramas místicos, proferir feitiços e encantamentos, e atar braçadeiras.

[54] 49. Exercícios mentais, como completar estrofes ou versos ao receber uma parte deles; ou fornecer uma, duas ou três linhas quando as linhas restantes são dadas sem ordem, a partir de diferentes versos, de modo que o conjunto forme um verso completo quanto ao sentido; ou ordenar as palavras de um verso escrito de forma irregular, separando as vogais das conso-

antes ou omitindo-as por completo; ou transformar em verso ou prosa frases representadas por sinais ou símbolos. Há muitos outros exercícios desse tipo.

55 50. Compor poemas.

56 51. Conhecimento de dicionários e vocabulários.

57 52. Conhecimento de maneiras de mudar e disfarçar a aparência das pessoas.

58 53. Conhecimento da arte de mudar a aparência das coisas, como fazer o algodão parecer seda e coisas grosseiras e comuns parecerem finas e boas.

59 54. Várias formas de jogos de azar.

60 55. A arte de obter a posse dos bens alheios por meio de mantras ou encantamentos.

61 56. Habilidade em jogos juvenis.

62 57. Conhecimento das regras da sociedade e de como prestar homenagens e fazer cumprimentos aos outros.

63 58. Conhecimento da arte da guerra, das armas, dos exércitos etc.

64 59. Conhecimento de ginástica.

65 60. A arte de conhecer o caráter de um homem por seus traços físicos.

66 61. Conhecimento de escansão ou composição de versos.

67 62. Passatempos aritméticos.

68 63. Fazer flores artificiais.

69 64. Fazer figuras e imagens de argila.

70 Uma cortesã dotada de bom temperamento, beleza e outras qualidades cativantes, e também versada nas artes acima, recebe o nome de Ganika, ou cortesã de alta categoria, e recebe um lugar de honra em uma reunião de homens. Além disso, ela é sempre respeitada pelo rei e elogiada pelos homens instruídos, e, como todos buscam seus favores, torna-se objeto de consideração geral.

70.2 Também a filha de um rei, assim como a filha de um ministro, quando instruída nas artes acima, pode conquistar o favor de seu marido, ainda que ele tenha milhares de outras esposas além dela. E, da mesma forma, se uma esposa se separar de seu marido e cair em dificuldades, poderá sustentar-se facilmente, mesmo em um país estrangeiro, por meio de seu conhecimento dessas artes.

70.3 Até mesmo o simples conhecimento delas torna uma mulher atraente, embora sua prática possa ser possível ou não, conforme as circunstâncias de cada caso. Um homem versado nessas artes, que seja falante e conheça as artes da galanteria, conquista muito depressa o coração das mulheres, mesmo que as conheça há pouco tempo.

71 [11] O autor deseja provar que muitas coisas são feitas pelas pessoas por prática e costume, sem que conheçam a razão das coisas ou as leis em que se baseiam, e isso é perfeitamente verdadeiro.

72 [12] A condição de ser casada se aplica a todas as professoras.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA VIDA DO CIDADÃO

✦

1 Tendo assim adquirido instrução, um homem, com a riqueza que possa ter obtido por doação, conquista, compra, depósito[14] ou herança de seus antepassados, deve estabelecer um lar e levar a vida de um cidadão. Deve escolher uma casa numa cidade, numa aldeia grande, nas proximidades de homens de bem ou num lugar frequentado por muitas pessoas.

1.2 Essa moradia deve ficar perto de alguma fonte de água e ser dividida em diferentes compartimentos para diferentes fins. Deve ser cercada por um jardim e também conter dois aposentos, um externo e outro interno.

1.3 O aposento interno deve ser ocupado pelas mulheres, enquanto o externo, impregnado de perfumes intensos, deve conter uma cama macia, agradável à vista, coberta com um pano branco limpo, baixa na parte central, com guirlandas e ramos de flores[15] sobre ela, um dossel acima e dois travesseiros, um na cabeceira e outro aos pés.

1.4 Deve haver também uma espécie de divã e, à sua cabeceira, uma espécie de banquinho, sobre o qual devem ser colocados os unguentos perfumados para a noite, assim como flores, potes contendo colírio e outras substâncias perfumadas, coisas usadas para perfumar a boca e a casca da cidreira comum.

1.5 Perto do divã, no chão, deve haver um recipiente para cuspir, uma caixa contendo adornos e também um alaúde pendurado num pino feito de uma presa de elefante, uma prancha para desenhar, um pote contendo perfume, alguns livros e algumas guirlandas de flores amarelas de amaranto.

1.6 Não longe do divã, e no chão, deve haver um assento redondo, um carrinho de brinquedo e um tabuleiro para jogar dados; fora do aposento externo deve haver gaiolas de pássaros[16] e um lugar separado para fiar, entalhar e outras diversões semelhantes.

1.7 No jardim deve haver um balanço giratório e um balanço comum, assim como um caramanchão de trepadeiras cobertas de flores, dentro do qual se deve fazer um canteiro elevado para sentar.

2 O dono da casa, depois de se levantar pela manhã e satisfazer suas necessidades,[17] deve limpar os dentes, aplicar uma quantidade moderada de unguentos e perfumes no corpo, colocar alguns adornos em si e colírio nas pálpebras e abaixo dos olhos, colorir os lábios com alacktaka[18] e olhar-se no espelho.

2.2 Depois de comer folhas de bétele, com outras coisas que perfumam a boca, deve cuidar de seus negócios habituais. Deve tomar banho diariamente, untar o corpo com óleo em dias alternados, aplicar no corpo uma substância que faça espuma[19] a cada três dias, mandar raspar a cabeça e o rosto a cada quatro dias e as outras partes do corpo a cada cinco ou dez dias.[20] Tudo isso deve ser feito sem falta, e o suor das axilas também deve ser removido.

2.3 As refeições devem ser feitas pela manhã, à tarde e novamente à noite, segundo Charayana. Depois do desjejum, deve-se ensinar papagaios e outros pássaros a falar e, em seguida, promover combates de galos, codornas e carneiros.

2.4 Deve-se dedicar um tempo limitado a diversões com Pithamardas, Vitas e Vidushakas[21] e depois tirar o sono do meio-dia.[22] Após isso, o dono da casa, tendo vestido suas roupas e colocado seus adornos, deve conversar com os amigos durante a tarde.

2.5 À noite deve haver canto e, depois disso, o dono da casa, junto com seu amigo, deve aguardar em seu aposento, previamente decorado e perfumado, a chegada da mulher que lhe seja afeiçoada, ou pode mandar uma mensageira buscá-la, ou ir buscá-la pessoalmente. Depois que ela chegar à sua casa, ele e seu amigo devem recebê-la e entretê-la com uma conversa amorosa e agradável. Assim terminam os deveres do dia.

3 As seguintes atividades devem ser realizadas ocasionalmente como diversões ou passatempos.

4 1. Realizar festivais[23] em honra de diferentes divindades.

5 2. Reuniões sociais de ambos os sexos.

6 3. Festas com bebidas.

7 4. Piqueniques.

8 5. Outras diversões sociais.

9 Festivais.

10 Em algum dia especialmente auspicioso, deve-se convocar uma assembleia de cidadãos no templo de Saraswati.[24] Ali deve ser avaliada a habilidade dos cantores e de outros que tenham chegado recentemente à cidade, e no dia seguinte eles devem sempre receber algumas recompensas.

10.2 Depois disso, podem ser mantidos ou dispensados, conforme suas apresentações agradem ou não à assembleia. Os membros da assembleia devem agir de comum acordo, tanto nos tempos de aflição como nos de prosperidade, e também é dever desses cidadãos oferecer hospitalidade aos forasteiros que tenham vindo à assembleia.

10.3 O que foi dito acima deve ser entendido como aplicável a todos os outros festivais que possam ser realizados em honra das diferentes divindades, de acordo com as presentes regras.

11 Reuniões sociais.

12 Quando homens da mesma idade, disposição e talentos, que apreciam as mesmas diversões e possuem o mesmo grau de instrução, se sentam juntos na companhia de mulheres públicas,[25] ou numa assembleia de cidadãos, ou na moradia de um deles, e conversam agradavelmente entre si, isso se chama encontro em companhia ou reunião social.

12.2 Os temas da conversa devem ser a conclusão de versos deixados pela metade por outros e a avaliação dos conhecimentos uns dos outros nas diversas artes. Nesses encontros, prestam-se homenagens às mulheres que sejam as mais belas, que apreciem as mesmas coisas que os homens e que tenham o poder de atrair a atenção dos outros.

13 Festas com bebidas.

14 Homens e mulheres devem beber nas casas uns dos outros. Nessas ocasiões, os homens devem fazer com que as mulheres públicas bebam e depois beber eles próprios bebidas como Madhu, Aireya, Sara e Asawa, que têm sabor amargo e ácido; também bebidas preparadas com cascas de diversas árvores, frutos silvestres e folhas.

15 Passeios aos jardins ou piqueniques.

16 Pela manhã, os homens, depois de se vestirem, devem ir aos jardins a cavalo, acompanhados de mulheres públicas e seguidos por criados. Depois de cumprirem ali todos os deveres do dia e passarem o tempo em várias di-

versões agradáveis, como combates de codornas, galos e carneiros e outros espetáculos, devem voltar para casa à tarde da mesma maneira, trazendo consigo ramos de flores etc.

17 O mesmo também se aplica aos banhos de verão em águas das quais tenham sido retirados previamente os animais nocivos ou perigosos e que tenham sido cercadas por construções de todos os lados.

18 Outras diversões sociais.

19 Passar as noites jogando dados. Sair em noites de luar. Celebrar o dia festivo em honra da primavera. Colher os brotos e os frutos das mangueiras. Comer as fibras dos lótus. Comer as espigas tenras dos cereais. Fazer piqueniques nas florestas quando as árvores ganham nova folhagem. O Udakakashvedika, ou brincadeiras na água.

19.2 Enfeitar uns aos outros com as flores de algumas árvores. Atirar uns nos outros flores da árvore Kadamba e muitos outros jogos que podem ser conhecidos em todo o país ou ser próprios de determinadas regiões. Essas e outras diversões semelhantes devem ser sempre praticadas pelos cidadãos.

20 As diversões acima devem ser praticadas tanto por uma pessoa que se diverte apenas na companhia de uma cortesã quanto por uma cortesã, que pode fazer o mesmo na companhia de suas criadas ou de cidadãos.

21 Um Pithamarda[26] é um homem sem riqueza, sozinho no mundo, cujos únicos bens consistem em sua Mallika,[27] alguma substância que faça espuma e um pano vermelho, que vem de uma boa região e é hábil em todas as artes; ao ensinar essas artes, é recebido na companhia dos cidadãos e na moradia das mulheres públicas.

22 Um Vita[28] é um homem que desfrutou dos prazeres da fortuna, que é compatriota dos cidadãos com quem convive, que possui as qualidades de um dono de casa, que tem a esposa consigo, que é honrado na assembleia dos cidadãos e nas moradias das mulheres públicas e que vive dos recursos deles e às suas custas.

23 Um Vidushaka[29] (também chamado Vaihasaka, isto é, aquele que provoca o riso) é uma pessoa que conhece apenas algumas das artes, que faz o papel de bufão e em quem todos confiam.

24 Essas pessoas são empregadas em questões de desavenças e reconciliações entre cidadãos e mulheres públicas.

25 Essa observação também se aplica às mendigas, às mulheres de cabeça raspada, às mulheres adúlteras e às velhas mulheres públicas hábeis em todas as diversas artes.

26 Assim, um cidadão que vive em sua cidade ou aldeia, respeitado por todos, deve visitar as pessoas de sua própria casta que valha a pena conhecer. Deve conversar nas reuniões e agradar aos amigos com sua companhia e, ao prestar ajuda aos outros em diversas questões, deve levá-los a ajudar uns aos outros da mesma maneira.

27 Há alguns versos sobre esse assunto, como se segue:--

28 Um cidadão que conversa em sociedade sobre diversos assuntos, sem usar completamente a língua sânscrita[30] nem apenas os dialetos do país, conquista grande respeito. Os sábios não devem frequentar uma sociedade malvista pelo público, que não segue regra alguma e busca a destruição dos

outros. Mas um homem instruído que vive numa sociedade que age de acordo com os desejos do povo e tem o prazer como único objetivo é muito respeitado neste mundo.

[29] [13] Esse termo parece se aplicar de modo geral a um habitante do Hindustão. Não se refere apenas a quem mora numa cidade, como o latim Urbanus em oposição a Rusticus.

[30] [14] A doação é própria de um brâmane, a conquista de um xátria, enquanto a compra, o depósito e outros meios de adquirir riqueza cabem ao vaixá.

[31] [15] Flores naturais de jardim.

[32] [16] Como codornas, perdizes, papagaios, estorninhos etc.

[33] [17] As necessidades fisiológicas, que os hindus sempre satisfazem logo ao se levantar pela manhã.

[34] [18] Um corante feito de laca.

[35] [19] Isso serviria no lugar do sabão, que só foi introduzido durante o domínio dos muçulmanos.

[36] [20] Permite-se um intervalo de dez dias quando os pelos são arrancados com uma pinça.

[37] [21] São personagens em geral presentes no teatro hindu; suas características serão explicadas mais adiante.

[38] [22] O sono do meio-dia só é permitido no verão, quando as noites são curtas.

[39] [23] São muito comuns em todas as partes da Índia.

40 [24] Na 'Miscelânea Asiática' e nas obras de Sir W. Jones encontra-se um hino vibrante dirigido a essa deusa, que é adorada como protetora das belas-artes, especialmente da música e da retórica, como inventora da língua sânscrita etc., etc. Ela é a deusa da harmonia, da eloquência e da linguagem, e é um tanto semelhante a Minerva. Para mais informações sobre ela, veja o 'Panteão Hindu', de Edward Moor.

41 [25] As mulheres públicas, ou cortesãs (Vesya), dos antigos hindus foram muitas vezes comparadas às hetairas dos gregos. O assunto é tratado com algum detalhe em 'Exemplos Selecionados do Teatro dos Hindus', de H. H. Wilson, em dois volumes, Trubner & Co., 1871.

41.2 Pode-se considerar com razão que a cortesã era um dos elementos, e um elemento importante, da antiga sociedade hindu, e que tanto sua instrução quanto seu intelecto eram superiores aos das mulheres do lar.

41.3 Wilson diz: "Por Vesya ou cortesã, contudo, não devemos entender uma mulher que tenha desprezado as obrigações da lei ou os preceitos da virtude, mas uma figura criada por um estado de costumes contrário à admissão de mulheres casadas na sociedade, que só a abria, ao custo da reputação, às mulheres preparadas para a convivência com os homens por meio de qualidades pessoais e intelectuais que a mulher casada desconhecia."

42 [26] Segundo essa descrição, um Pithamarda seria uma espécie de professor de todas as artes e, como tal, recebido como amigo e confidente dos cidadãos.

43 [27] Um assento em forma da letra T.

44 [28] Supõe-se que o Vita represente, em certa medida, o personagem do Parasita da comédia grega. É possível que fosse mantido junto aos ricos e dissolutos como uma espécie de preceptor particular, assim como um companheiro divertido.

45 [29] O Vidushaka é evidentemente o bufão e o gracejador. Wilson diz que ele é o companheiro humilde, e não o criado, de um príncipe ou homem de posição, e uma peculiaridade curiosa é que ele é sempre um brâmane.

45.2 Talvez tenha mais afinidade com Sancho Pança do que com qualquer outro personagem da ficção ocidental, assemelhando-se a ele em sua combinação de astúcia e simplicidade, seu gosto pela boa vida e seu amor à comodidade. Nas peças de intriga, exibe alguns dos talentos de Mercúrio, mas com menos atividade e engenhosidade, e ocasionalmente sofre por sua interferência.

45.3 Segundo a definição técnica de seus atributos, deve provocar o riso por ser ridículo na aparência, na idade e no traje.

46 [30] Isso significa, presume-se, que o cidadão deve conhecer várias línguas. A parte central deste parágrafo poderia se aplicar aos niilistas e fenianos da época, ou às sociedades secretas. Talvez fosse uma referência aos thughs.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS TIPOS DE MULHER, DOS AMIGOS E DOS MENSAGEIROS

✦

1 Quando Kama é praticado por homens das quatro castas segundo as regras da Escritura Sagrada (isto é, por meio do casamento legítimo) com virgens de sua própria casta, torna-se um meio de obter descendência legítima e boa fama, e tampouco se opõe aos costumes do mundo.

1.2 Por outro lado, a prática de Kama com mulheres de castas superiores e com aquelas que já foram possuídas por outros, ainda que sejam da mesma casta, é proibida. Mas a prática de Kama com mulheres de castas inferiores, com mulheres expulsas de sua própria casta, com mulheres públicas e com mulheres casadas duas vezes[31] não é ordenada nem proibida. O objetivo de praticar Kama com essas mulheres é apenas o prazer.

2 As Nayikas,[32] portanto, são de três tipos: donzelas, mulheres casadas duas vezes e mulheres públicas. Gonikaputra expressou a opinião de que há um quarto tipo de Nayika: uma mulher a quem se recorre em alguma ocasião especial, embora já seja casada com outro. Essas ocasiões especiais ocorrem quando um homem pensa assim:—

3 (a). Esta mulher faz o que quer e já foi possuída
por muitos outros além de mim. Posso, portanto, com segurança,
recorrer a ela como a uma mulher pública, embora pertença a uma
casta superior à minha, e, ao fazer isso, não estarei
violando os preceitos do
Dharma.

[4] Ou assim:—

[5] (b). Esta é uma mulher casada duas vezes e foi possuída por outros antes de mim; por conseguinte, não há objeção a que eu recorra a ela.

[6] Ou assim:—

[7] (c). Esta mulher conquistou o coração de seu grande e poderoso marido e exerce domínio sobre ele, que é amigo do meu inimigo; portanto, se ela se unir a mim, fará com que seu marido abandone meu inimigo.

[8] Ou assim:—

[9] (d). Esta mulher mudará a disposição de seu marido, que é muito poderoso, a meu favor, pois ele atualmente me tem aversão e pretende me causar algum mal.

[10] Ou assim:—

[11] (e). Ao tornar esta mulher minha amiga, alcançarei o objetivo de algum amigo meu, ou poderei provocar a ruína de algum inimigo, ou realizarei algum outro difícil propósito.

[12] Ou assim:—

[13] (f). Ao me unir a esta mulher, matarei seu marido e assim obterei suas vastas riquezas, que cobiço.

[14] Ou assim:—

15 (g). A união desta mulher comigo não envolve nenhum perigo e me trará riqueza, da qual, por causa de minha pobreza e incapacidade de me sustentar, tenho grande necessidade. Portanto, obterei suas vastas riquezas dessa maneira, sem nenhuma dificuldade.

16 Ou assim:—

17 (h). Esta mulher me ama ardentemente e conhece todos os meus pontos fracos;
portanto, se eu não quiser me unir a ela, ela tornará públicos meus defeitos, manchando assim meu caráter e minha reputação. Ou fará alguma acusação grave contra mim, da qual poderá ser difícil me defender, e eu estarei arruinado. Ou talvez ela afaste de mim seu marido, que é poderoso, mas está sob seu controle, e o unirá ao meu inimigo, ou ela mesma se juntará a este.

18 Ou assim:—

19 (i). O marido desta mulher violou a castidade de minhas esposas; portanto, retribuirei essa ofensa seduzindo as esposas dele.

20 Ou assim:—

21 (j). Com a ajuda desta mulher, matarei um inimigo do rei, que se abrigou com ela e que recebi ordens do rei para destruir.

22 Ou assim:

23 (k). A mulher que amo está sob o controle desta mulher. Eu poderei, por meio da influência desta última, chegar à primeira.

24 Ou assim:—

25 (l). Esta mulher me trará uma donzela que possui riqueza e beleza, mas de quem é difícil se aproximar e que está sob o controle de outra pessoa.

26 Ou, por fim, assim:—

27 (m). Meu inimigo é amigo do marido desta mulher; eu farei, portanto, com que ela se una a ele e assim criarei uma inimizade entre seu marido e ele.

28 Por essas e outras razões semelhantes, pode-se recorrer às esposas de outros homens, mas deve ficar claramente entendido que isso só é permitido por razões especiais, e não por mero desejo carnal.

29 Charayana considera que, nessas circunstâncias, há também um quinto tipo de Nayika: uma mulher que é sustentada por um ministro e que o visita ocasionalmente; ou uma viúva que realiza o propósito de um homem junto à pessoa a quem ela recorre.

30 Suvarnanabha acrescenta que uma mulher que leva uma vida de asceta e se encontra na condição de viúva pode ser considerada um sexto tipo de Nayika.

31 Ghotakamukha diz que a filha de uma mulher pública e uma criada, quando ainda são virgens, formam um sétimo tipo de Nayika.

32 Gonardiya apresenta sua doutrina de que qualquer mulher nascida em boa família, depois de atingir a maioridade, é um oitavo tipo de Nayika.

33 Mas esses quatro últimos tipos de Nayikas não diferem muito dos quatro primeiros, pois não há um objetivo distinto ao recorrer a elas. Portanto, Vatsyayana é da opinião de que existem apenas quatro tipos de Nayikas, isto é, a donzela, a mulher casada duas vezes, a mulher pública e a mulher a quem se recorre para um propósito especial.

34 Não se deve ter relações com as seguintes mulheres:—

35 Uma leprosa.

36 Uma louca.

37 Uma mulher expulsa de sua casta.

38 Uma mulher que revela segredos.

39 Uma mulher que expressa publicamente o desejo de ter relações sexuais.

40 Uma mulher extremamente branca.

41 Uma mulher extremamente negra.

42 Uma mulher com mau cheiro.

43 Uma mulher que seja parente próxima.

44 Uma mulher que seja amiga.

45 Uma mulher que leva uma vida de asceta.

46 E, por fim, a esposa de um parente, de um amigo, de um brâmane erudito e do rei.

47 Os seguidores de Babhravya dizem que qualquer mulher que tenha sido possuída por cinco homens é uma pessoa adequada e apropriada para se ter relações. Mas Gonikaputra é da opinião de que, mesmo nesse caso, devem ser excluídas as esposas de um parente, de um brâmane erudito e de um rei.

48 Os tipos de amigos são os seguintes:—

49 Aquele que brincou com você na poeira, isto é, na infância.

50 Aquele que está ligado a você por uma obrigação.

51 Aquele que tem a mesma disposição e gosta das mesmas coisas.

52 Aquele que é companheiro de estudos.

53 Aquele que conhece seus segredos e defeitos, e cujos defeitos e segredos você também conhece.

54 Aquele que é filho de sua ama.

55 Aquele que foi criado com você.

56 Aquele cuja amizade vem de gerações anteriores.

57 Esses amigos devem possuir as seguintes qualidades:—

58 Devem dizer a verdade.

59 Não devem mudar com o tempo.

60 Devem ser favoráveis aos seus planos.

61 Devem ser firmes.

62 Devem ser livres de cobiça.

63 Não devem se deixar conquistar por outros.

64 Não devem revelar seus segredos.

65 Charayana diz que os cidadãos fazem amizade com lavadeiros, barbeiros, vaqueiros, floristas, vendedores de drogas, vendedores de folhas de bétel, taberneiros, mendigos, Pithamardas, Vitas e Vidushekas, assim como com as esposas de todas essas pessoas.

66 Um mensageiro deve possuir as seguintes qualidades:—

67 Habilidade.

68 Ousadia.

69 Conhecimento das intenções dos homens por seus sinais exteriores.

70 Ausência de embaraço, isto é, nenhuma timidez.

71 Conhecimento do significado exato do que os outros fazem ou dizem.

72 Boas maneiras.

73 Conhecimento dos momentos e lugares apropriados para fazer diferentes coisas.

74 Engenhosidade nos negócios.

75 Compreensão rápida.

76 Aplicação rápida de soluções, isto é, recursos rápidos e prontamente disponíveis.

77 E esta parte termina com um verso:—

78 O homem engenhoso e sábio, que está acompanhado de um amigo e conhece as intenções dos outros, assim como o momento e o lugar apropriados para fazer cada coisa, pode conquistar, com muita facilidade, até

mesmo uma mulher muito difícil de obter.

79 [31] Este termo não se aplica a uma viúva, mas a uma mulher que provavelmente deixou seu marido e vive com outra pessoa como mulher casada, maritalement, como se diz na França.

80 [32] Qualquer mulher com quem se possa ter relações sem pecado. O objetivo de ter relações com mulheres é duplo: prazer e descendência. Qualquer mulher com quem se possa ter relações sem pecado para alcançar um ou outro desses dois objetivos é uma Nayika.

80.2 O quarto tipo de Nayika, que Vatsya admite mais adiante, não é procurado para ter relações por prazer nem para gerar descendência, mas apenas para realizar algum propósito especial em questão. A palavra Nayika é mantida como termo técnico ao longo de todo o texto.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TIPOS DE UNIÃO E TIPOS DE AMOR

✦



1 Tipos de união.

2 O homem se divide em três classes, a saber: o homem-lebre, o homem-touro e o homem-cavalo, de acordo com o tamanho de seu lingam.

3 A mulher também, de acordo com a profundidade de sua yoni, é uma corça, uma égua ou uma elefanta.

4 Há, assim, três uniões iguais entre pessoas de dimensões correspondentes, e há seis uniões desiguais, quando as dimensões não correspondem, ou nove ao todo, como mostra a tabela a seguir:

5 +----------+----------+
| IGUAIS. | DESIGUAIS. |
+----------+----------+
| HOMENS. | MULHERES. | HOMENS. | MULHERES. |
+---------+----------+---------|----------+

Lebre.	Corça.	Lebre.	Égua.
Touro.	Égua.	Lebre.	Elefanta.
Cavalo.	Elefanta.	Touro.	Corça.
		Touro.	Elefanta.
		Cavalo.	Corça.
		Cavalo.	Égua.
+---------+------------+---------+------------+

6 Nessas uniões desiguais, quando o homem supera a mulher em tamanho, sua união com uma mulher que está imediatamente próxima dele em tamanho é chamada de união alta, e é de dois tipos; já sua união com a mulher mais distante dele em tamanho é chamada de união mais alta, e é de um único tipo. Por outro lado, quando a mulher supera o homem em tamanho, sua união com um homem imediatamente próximo dela em tamanho é chamada de união baixa, e é de dois tipos; já sua união com um homem mais distante dela em tamanho é chamada de união mais baixa, e é de um único tipo.

7 Em outras palavras, o cavalo e a égua, o touro e a corça formam a união alta, enquanto o cavalo e a corça formam a união mais alta. Do lado feminino, a elefanta e o touro, a égua e a lebre formam uniões baixas, enquanto a elefanta e a lebre formam as uniões mais baixas.

8 Há, portanto, nove tipos de união de acordo com as dimensões. Entre todas elas, as uniões iguais são as melhores; as de grau superlativo, isto é, as mais altas e as mais baixas, são as piores; e as demais são medianas, sendo que, entre elas, as altas[33] são melhores do que as baixas.

9 Há também nove tipos de união de acordo com a força da paixão ou do desejo carnal, como segue:

10 +----------+----------+----------+----------+
| HOMENS. | MULHERES. | HOMENS. | MULHERES. |
+----------+----------+----------+----------+
Fraca.	Fraca.	Fraca.	Moderada.
Moderada.	Moderada.	Fraca.	Intensa.
Intensa.	Intensa.	Moderada.	Fraca.
		Moderada.	Intensa.
		Intensa.	Fraca.
		Intensa.	Moderada.
+----------+----------+----------+----------+

11 Chama-se homem de paixão fraca aquele cujo desejo no momento da união sexual não é grande, cujo sêmen é escasso e que não suporta os abraços ardentes da mulher.

12 Os que diferem desse temperamento são chamados de homens de paixão moderada, enquanto os de paixão intensa são cheios de desejo.

13 Da mesma forma, considera-se que as mulheres têm os três graus de sentimento especificados acima.

14 Por fim, de acordo com a duração, há três tipos de homens e mulheres, a saber: os de curta duração, os de duração moderada e os de longa duração; e, entre eles, como nas descrições anteriores, há nove tipos de união.

15 Mas, quanto a esse último ponto, há uma diferença de opinião a respeito da mulher que deve ser exposta.

16 Auddalika diz: "As mulheres não emitem como os homens. Os homens simplesmente eliminam seu desejo, enquanto as mulheres, pela consciência que têm do desejo, sentem certo tipo de prazer que lhes dá satisfação, mas é impossível para elas dizer que tipo de prazer sentem. O fato que torna isso evidente é que os homens, durante o coito, param por si mesmos depois da emissão e ficam satisfeitos, mas com as mulheres não é assim."

17 Essa opinião, contudo, é contestada com o argumento de que, se um homem é de longa duração, a mulher o ama mais, mas, se ele é de curta duração, ela fica insatisfeita com ele. E essa circunstância, dizem alguns, provaria que a mulher também emite.

18 Mas essa opinião não se sustenta, pois, se leva muito tempo para acalmar o desejo de uma mulher, e durante esse tempo ela está desfrutando de grande prazer, é bastante natural que deseje sua continuação. E sobre esse assunto há o seguinte verso:

19 "Pela união com os homens, a luxúria, o desejo ou a paixão das mulheres é satisfeita, e o prazer derivado da consciência disso é chamado de sua satisfação."

20 Os seguidores de Babhravya, porém, dizem que o sêmen das mulheres continua a sair desde o início da união sexual até seu fim, e é adequado que assim seja, pois, se elas não tivessem sêmen, não haveria embrião.

21 Há uma objeção a isso. No início do coito, a paixão da mulher é moderada, e ela não suporta as investidas vigorosas de seu amante, mas aos poucos sua paixão aumenta até que ela deixa de pensar em seu corpo e, por fim, deseja interromper o coito.

22 Essa objeção, contudo, não se sustenta, pois, mesmo nas coisas comuns que giram com grande força, como uma roda de oleiro ou um pião, vemos que o movimento a princípio é lento, mas aos poucos se torna muito rápido. Da mesma forma, tendo a paixão da mulher aumentado gradualmente, ela sente o desejo de interromper o coito quando todo o sêmen tiver saído. E há um verso a esse respeito, como segue:

23 "A saída do sêmen do homem ocorre apenas no fim do coito, enquanto o sêmen da mulher sai continuamente, e, depois que todo o sêmen de ambos tiver saído, eles desejam interromper o coito."[34]

24 Por fim, Vatsyayana é da opinião de que o sêmen da mulher sai da mesma forma que o do homem.

25 Agora, alguns podem perguntar aqui: se homens e mulheres são seres do mesmo tipo e estão empenhados em produzir o mesmo resultado, por que deveriam ter tarefas diferentes a cumprir?

26 Vatsya diz que isso acontece porque tanto as maneiras de agir quanto a consciência do prazer são diferentes nos homens e nas mulheres. A diferença nas maneiras de agir, pela qual os homens são os agentes e as mulheres são as pessoas sobre as quais se age, se deve à natureza do homem e da mulher; caso contrário, o agente seria às vezes a pessoa sobre a qual se age, e vice-versa.

26.2 E dessa diferença nas maneiras de agir decorre a diferença na consciência do prazer, pois um homem pensa: "Esta mulher está unida a mim", e uma mulher pensa: "Estou unida a este homem."

27 Pode-se perguntar: se as maneiras de agir dos homens e das mulheres são diferentes, por que não haveria uma diferença também no prazer que sentem e que resulta dessas maneiras de agir?

28 Mas essa objeção não tem fundamento, pois, sendo a pessoa que age e a pessoa sobre a qual se age de tipos diferentes, há uma razão para a diferença em suas maneiras de agir; mas não há razão para qualquer diferença no prazer que sentem, porque ambos naturalmente obtêm prazer do ato que praticam.[35]

29 Sobre isso, alguns podem ainda dizer que, quando pessoas diferentes estão empenhadas em fazer o mesmo trabalho, vemos que alcançam o mesmo fim ou propósito; ao passo que, no caso de homens e mulheres, vemos que cada um alcança seu próprio fim separadamente, e isso é incoerente.

29.2 Mas isso é um engano, pois vemos que às vezes duas coisas são feitas ao mesmo tempo, como, por exemplo, na luta de carneiros: ambos recebem o choque na cabeça ao mesmo tempo. O mesmo ocorre ao se lançar uma maçã-de-madeira contra outra, e também em uma luta ou disputa entre lutadores.

29.3 Se for dito que, nesses casos, as coisas empregadas são do mesmo tipo, responde-se que, mesmo no caso de homens e mulheres, a natureza das duas pessoas é a mesma. E, como a diferença em suas maneiras de agir decorre apenas da diferença de sua constituição física, segue-se que os homens experimentam o mesmo tipo de prazer que as mulheres.

30 Há também um verso sobre esse assunto, como segue: "Homens e mulheres, sendo da mesma natureza, sentem o mesmo tipo de prazer, e, portanto, um homem deve se casar com uma mulher que o ame para sempre dali em diante."

31 Estando assim provado que o prazer de homens e mulheres é do mesmo tipo, segue-se que, quanto à duração, há nove tipos de relação sexual, da mesma forma que há nove tipos de acordo com a força da paixão.

32 Havendo assim nove tipos de união quanto às dimensões, à força da paixão e à duração, respectivamente, ao combiná-los seriam produzidos inúmeros tipos de união. Por conseguinte, em cada tipo particular de união sexual, os homens devem empregar os meios que julgarem adequados à ocasião.[36]

33 Na primeira união sexual, a paixão do homem é intensa e sua duração é curta, mas nas uniões seguintes no mesmo dia acontece o inverso. Com a mulher, contudo, ocorre o contrário, pois na primeira vez sua paixão é fraca e sua duração é longa, mas nas ocasiões seguintes no mesmo dia sua paixão é intensa e sua duração é curta, até que sua paixão seja satisfeita.

34 Sobre os diferentes tipos de amor.

35 Os homens versados nas humanidades são da opinião de que o amor é de quatro tipos, a saber:

36 1. Amor adquirido pelo hábito contínuo.

37 2. Amor resultante da imaginação.

38 3. Amor resultante da crença.

39 4. Amor resultante da percepção de objetos externos.

40 (1). Amor resultante da prática e do hábito constantes e contínuos, como, por exemplo, o amor à relação sexual, o amor à caça, o amor à bebida, o amor aos jogos de azar etc., etc.

41 (2). O amor que se sente por coisas às quais não estamos habituados e que procede inteiramente das ideias é chamado de amor resultante da imaginação, como, por exemplo, aquele amor que alguns homens, mulheres e eunucos sentem pelo Auparishtaka, ou união pela boca, e aquele que todos sentem por coisas como abraços, beijos etc., etc.

42 (3). O amor que é recíproco de ambos os lados e comprovadamente verdadeiro, quando cada um considera o outro como completamente seu, é chamado pelos sábios de amor resultante da crença.

43 (4). O amor resultante da percepção de objetos eternos é bastante evidente e bem conhecido no mundo, porque o prazer que proporciona é superior ao prazer dos outros tipos de amor, que existe apenas em função dele.

44 O que foi dito neste capítulo sobre o tema da união sexual é suficiente para os sábios; mas, para a instrução dos ignorantes, o mesmo tema será agora tratado de forma extensa e detalhada.

45 [33] Diz-se que as uniões altas são melhores que as baixas, pois nas primeiras é possível ao homem satisfazer sua própria paixão sem ferir a mulher, enquanto nas últimas é difícil que a mulher se satisfaça por qualquer meio.

46 [34] A força da paixão nas mulheres varia muito: algumas se satisfazem facilmente, enquanto outras são ávidas e dispostas a continuar por muito tempo. Para satisfazer plenamente estas últimas, um homem deve recorrer à arte. É certo que um líquido flui da mulher em maior ou menor quantidade, mas sua satisfação não é completa até que ela tenha experimentado o

"espasmo genésico", como descrito em uma obra francesa publicada recentemente e intitulada "Breviário do Amor Experimental, pelo Dr. Jules Guyot".

47 [35] Esta é uma longa dissertação muito comum entre os autores sânscritos, tanto ao escrever quanto ao conversar socialmente. Eles apresentam certas proposições e depois argumentam a favor e contra elas.

47.2 Presume-se que o autor queira dizer que, embora tanto homens quanto mulheres obtenham prazer do ato do coito, esse prazer é produzido por meios diferentes, cada indivíduo desempenhando sua própria tarefa no assunto, independentemente do outro, e cada um obtendo individualmente sua própria consciência do prazer a partir do ato que pratica.

47.3 Há uma diferença na tarefa que cada um realiza e uma diferença na consciência do prazer que cada um tem, mas nenhuma diferença no prazer que sentem, pois cada um sente esse prazer em maior ou menor grau.

48 [36] Este parágrafo deve receber atenção especial, pois se aplica particularmente aos homens casados e às suas esposas. Muitos homens ignoram por completo os sentimentos das mulheres e nunca dão a menor atenção à paixão delas. Para compreender o assunto a fundo, é absolutamente necessário estudá-lo, e então a pessoa saberá que, assim como a massa é preparada para assar, uma mulher deve ser preparada para a relação sexual, se há de obter satisfação dela.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO ABRAÇO

✦

1 Esta parte do Kama Shastra, que trata da união sexual, também é chamada de "Sessenta e quatro" (Chatushshashti). Alguns autores antigos dizem que ela é chamada assim porque contém sessenta e quatro capítulos.

1.2 Outros são da opinião de que, sendo o autor desta parte uma pessoa chamada Panchala, e sendo também chamado Panchala aquele que recitou a parte do Rig Veda chamada Dashatapa, que contém sessenta e quatro versos, o nome "sessenta e quatro" foi dado a esta parte da obra em homenagem aos Rig Vedas.

1.3 Os seguidores de Babhravya, por outro lado, dizem que esta parte contém oito assuntos, a saber: o abraço, o beijo, os arranhões com as unhas ou os dedos, as mordidas, o deitar-se, a emissão de vários sons, o desempenho do papel de homem e o Auparishtaka, ou união pela boca.

1.4 Como cada um desses assuntos tem oito modalidades, e oito multiplicado por oito são sessenta e quatro, esta parte recebe, portanto, o nome de "sessenta e quatro".

1.5 Mas Vatsyayana afirma que, como esta parte também contém os seguintes assuntos: os golpes, os gritos, os atos do homem durante a relação, os vários tipos de relação e outros assuntos, o nome "sessenta e quatro" lhe é dado apenas por acaso.

1.6 Assim, por exemplo, dizemos que esta árvore é "Saptaparna", ou de sete folhas, e que esta oferenda de arroz é "Panchavarna", ou de cinco cores, mas a árvore não tem sete folhas, nem o arroz tem cinco cores.

2 No entanto, trataremos agora da parte sessenta e quatro e, sendo o abraço o primeiro assunto, ele será considerado a seguir.

3 O abraço que indica o amor mútuo de um homem e uma mulher que se encontram é de quatro tipos, a saber:

4 Toque.
Penetração.
Fricção.
Pressão.

5 A ação, em cada caso, é indicada pelo significado da palavra que a representa.

6 (1). Quando um homem, sob algum pretexto, passa à frente ou ao lado de uma mulher e toca o corpo dela com o seu, isso é chamado de "abraço de toque".

7 (2). Quando uma mulher, em um lugar solitário, se inclina como se fosse apanhar alguma coisa e, por assim dizer, espeta com os seios um homem sentado ou em pé, e ele, em resposta, os segura, isso é chamado de "abraço penetrante".

8 Os dois tipos de abraço acima acontecem apenas entre pessoas que ainda não conversam livremente uma com a outra.

9 (3). Quando dois amantes caminham devagar juntos, seja no escuro, em um lugar frequentado pelo público ou em um lugar solitário, e esfregam seus corpos um contra o outro, isso é chamado de "abraço de fricção".

10 (4). Quando, na ocasião acima, um deles pressiona com força o corpo do outro contra uma parede ou coluna, isso é chamado de "abraço de pressão".

11 Esses dois últimos abraços são próprios daqueles que conhecem as intenções um do outro.

12 No momento do encontro, são usados os quatro tipos de abraço a seguir:

13 Jataveshtitaka, ou o enlaçar de uma trepadeira.

14 Vrikshadhirudhaka, ou subir em uma árvore.

15 Tila-Tandulaka, ou a mistura de sementes de gergelim com arroz.

16 Kshiraniraka, ou abraço de leite e água.

17 (1). Quando uma mulher, agarrando-se a um homem como uma trepadeira se enlaça em uma árvore, inclina a cabeça dele em direção à sua com o desejo de beijá-lo e emite suavemente o som de sut sut, abraça-o e olha para ele com amor, isso é chamado de abraço semelhante ao "enlaçar de uma trepadeira".

18 (2). Quando uma mulher, tendo colocado um dos pés sobre o pé de seu amante e o outro sobre uma das coxas dele, passa um dos braços ao redor das costas dele e o outro sobre seus ombros, emite suavemente sons de canto e arrulhos e deseja, por assim dizer, subir nele para receber um beijo, isso é chamado de abraço semelhante a "subir em uma árvore".

19 Esses dois tipos de abraço acontecem quando o amante está em pé.

20 (3). Quando os amantes se deitam em uma cama e se abraçam tão estreitamente que os braços e as coxas de um ficam envolvidos pelos braços e pelas coxas do outro e, por assim dizer, se esfregam contra eles, isso é chamado de abraço semelhante à "mistura de sementes de gergelim com arroz".

21 (4). Quando um homem e uma mulher estão muito apaixonados um pelo outro e, sem pensar em qualquer dor ou ferimento, se abraçam como se estivessem entrando no corpo um do outro, seja com a mulher sentada no colo do homem ou à sua frente, ou em uma cama, isso é chamado de abraço semelhante a uma "mistura de leite e água".

22 Esses dois tipos de abraço acontecem no momento da união sexual.

23 Assim, Babhravya nos descreveu os oito tipos de abraço acima.

24 Suvarnanabha, além disso, nos apresenta quatro maneiras de abraçar partes isoladas do corpo, que são:

25 O abraço das coxas.

26 O abraço do jaghana, isto é, a parte do corpo que vai do umbigo para baixo, até as coxas.

27 O abraço dos seios.

28 O abraço da testa.

29 (1). Quando um dos dois amantes aperta com força uma ou ambas as coxas do outro entre as suas, isso é chamado de "abraço das coxas".

30 (2). Quando um homem pressiona o jaghana, ou parte central do corpo da mulher, contra o seu e se coloca sobre ela para arranhar com a unha ou o dedo, morder, golpear ou beijar, estando os cabelos da mulher soltos e caídos, isso é chamado de "abraço do jaghana".

31 (3). Quando um homem coloca o peito entre os seios de uma mulher e a pressiona com ele, isso é chamado de "abraço dos seios".

32 (4). Quando um dos amantes toca a boca, os olhos e a testa do outro com sua própria boca, seus olhos e sua testa, isso é chamado de "abraço da testa".

33 Alguns dizem que até a massagem é um tipo de abraço, porque nela há contato entre os corpos. Mas Vatsyayana considera que a massagem é feita em outro momento, com outro propósito e também tem uma natureza diferente, de modo que não se pode dizer que esteja incluída no abraço.

34 Há também alguns versos sobre o assunto, como se segue: "Todo o assunto dos abraços é de tal natureza que os homens que fazem perguntas a respeito, ou que ouvem falar dele, ou que falam sobre ele, adquirem assim um desejo de prazer.

34.2 Mesmo os abraços que não são mencionados no Kama Shastra devem ser praticados no momento do prazer sexual, se de alguma forma contribuírem para aumentar o amor ou a paixão. As regras do Shastra se aplicam enquanto a paixão do homem é moderada, mas, uma vez posta em movimento a roda do amor, já não há Shastra nem ordem."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO BEIJO

✦

1 Dizem alguns que não há tempo nem ordem fixos entre o abraço, o beijo e o apertar ou arranhar com as unhas ou os dedos, mas que todas essas coisas devem em geral ser feitas antes da união sexual, enquanto os golpes e os diversos sons acontecem em geral no momento da união. Vatsyayana, porém, pensa que tudo pode acontecer a qualquer momento, pois o amor não se importa com tempo nem com ordem.

2 Na primeira união, o beijo e as outras coisas mencionadas acima devem ser feitos com moderação, não devem prolongar-se por muito tempo e devem ser feitos alternadamente. Nas ocasiões seguintes, porém, pode acontecer o contrário de tudo isso, e a moderação não será necessária: podem prolongar-se por muito tempo e, para acender o amor, podem ser feitos todos ao mesmo tempo.

3 Os lugares para beijar são os seguintes: a testa, os olhos, as faces, a garganta, o colo, os seios, os lábios e o interior da boca. Além disso, o povo do país de Lat beija também nos seguintes lugares: as juntas das coxas, os braços e o umbigo. Mas Vatsyayana pensa que, embora esse povo pratique o beijo nesses lugares por causa da intensidade do seu amor e dos costumes do seu país, não convém que seja praticado por todos.

4 No caso de uma moça jovem, há três espécies de beijo, a saber:

5 O beijo nominal.
O beijo palpitante.
O beijo que toca.

6 (1). Quando a moça apenas toca a boca do amante com a sua, mas ela mesma não faz nada, chama-se "beijo nominal".

7 (2). Quando a moça, deixando um pouco de lado a timidez, quer tocar o lábio que é pressionado contra a sua boca e, com esse fim, move o lábio inferior, mas não o superior, chama-se "beijo palpitante".

8 (3). Quando a moça toca o lábio do amante com a língua e, de olhos fechados, põe as mãos sobre as dele, chama-se "beijo que toca".

9 Outros autores descrevem mais quatro espécies de beijo, a saber:

10 O beijo direto.
O beijo inclinado.
O beijo voltado.
O beijo apertado.

11 (1). Quando os lábios de dois amantes se põem em contato direto, chama-se "beijo direto".

12 (2). Quando as cabeças de dois amantes se inclinam uma para a outra e, assim inclinadas, se beijam, chama-se "beijo inclinado".

13 (3). Quando um deles ergue o rosto do outro segurando-lhe a cabeça e o queixo e então o beija, chama-se "beijo voltado".

14 (4). Por fim, quando o lábio inferior é apertado com muita força, chama-se "beijo apertado".

15 Há também uma quinta espécie de beijo, chamada "beijo muito apertado", que se faz segurando o lábio inferior entre dois dedos e, depois de tocá-lo com a língua, apertando-o com grande força com o lábio.

16 Quanto ao beijo, pode-se fazer uma aposta sobre quem pegará primeiro os lábios do outro. Se a mulher perder, deve fingir que chora, afastar o amante agitando as mãos, virar-lhe as costas e discutir com ele, dizendo: "façamos outra aposta".

16.2 Se perder uma segunda vez, deve parecer duplamente aflita e, quando o amante estiver desprevenido ou dormindo, deve pegar-lhe o lábio inferior e segurá-lo entre os dentes, para que não escape, e então rir, fazer muito barulho, zombar dele, dançar e dizer de brincadeira o que lhe vier à cabeça, mexendo as sobrancelhas e revirando os olhos.

16.3 Tais são as apostas e as brigas no que diz respeito ao beijo, mas o mesmo pode aplicar-se ao apertar ou arranhar com as unhas e os dedos, às mordidas e aos golpes. Tudo isso, porém, é próprio apenas de homens e mulheres de paixão intensa.

17 Quando o homem beija o lábio superior da mulher, enquanto ela, por sua vez, beija o lábio inferior dele, chama-se "beijo do lábio superior".

18 Quando um deles toma os dois lábios do outro entre os seus, chama-se "beijo que envolve". A mulher, porém, só recebe esse beijo de um homem que não tem bigode. E, nesse beijo, se um deles tocar com a língua os dentes, a língua e o palato do outro, chama-se "luta das línguas". Do mesmo modo se pratica o apertar dos dentes de um contra a boca do outro.

19 O beijo é de quatro espécies — moderado, contraído, apertado e suave —, segundo as diferentes partes do corpo que são beijadas, pois diferentes espécies de beijo convêm a diferentes partes do corpo.

20 Quando a mulher olha o rosto do amante enquanto ele dorme e o beija para mostrar a sua intenção ou o seu desejo, chama-se "beijo que acende o amor".

21 Quando a mulher beija o amante enquanto ele está ocupado com os negócios, ou enquanto briga com ela, ou enquanto olha para outra coisa, para desviar-lhe a atenção, chama-se "beijo que desvia".

22 Quando o amante, chegando tarde da noite, beija a amada que está dormindo ou deitada, para mostrar-lhe o seu desejo, chama-se "beijo que desperta". Nessa ocasião, a mulher pode fingir que dorme quando o amante chega, para conhecer a intenção dele e obter dele consideração.

23 Quando alguém beija o reflexo da pessoa amada num espelho, na água ou numa parede, chama-se "beijo que mostra a intenção".

24 Quando alguém beija uma criança sentada em seu colo, ou um quadro, uma imagem ou uma figura, na presença da pessoa amada, chama-se "beijo transferido".

25 Quando, à noite, num teatro ou numa reunião de gente da mesma casta, o homem se aproxima de uma mulher e lhe beija um dedo da mão, se ela estiver de pé, ou um dedo do pé, se estiver sentada; ou quando a mulher, massageando o corpo do amante, põe o rosto sobre a coxa dele (como se estivesse com sono), para inflamar a sua paixão, e lhe beija a coxa ou o dedo grande do pé, chama-se "beijo demonstrativo".

26 Há também um verso sobre o assunto, que diz:

27 "Tudo o que um dos amantes fizer ao outro deve ser retribuído pelo outro; isto é, se a mulher o beijar, ele deve beijá-la em troca; se ela lhe bater, ele também deve bater-lhe em troca."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS MARCAS COM AS UNHAS

✦

1 Quando o amor se torna intenso, pratica-se o apertar com as unhas ou o arranhar do corpo com elas, e isso se faz nas seguintes ocasiões: na primeira visita; no momento de partir em viagem; na volta de uma viagem; quando um amante zangado se reconcilia; e, por fim, quando a mulher está embriagada.

2 Mas o apertar com as unhas não é coisa comum, a não ser entre os intensamente apaixonados, isto é, cheios de paixão. É empregado juntamente com as mordidas por aqueles a quem a prática agrada.

3 O apertar com as unhas é das oito espécies seguintes, segundo as formas das marcas produzidas, a saber:

4 1. O sonoro.

5 2. A meia-lua.

6 3. O círculo.

7 4. A linha.

8 5. A unha ou garra de tigre.

9 6. O pé de pavão.

10 7. O salto da lebre.

11 8. A folha de lótus azul.

12 Os lugares a apertar com as unhas são os seguintes: a axila, a garganta, os seios, os lábios, o jaghana, ou partes do meio do corpo, e as coxas. Mas Suvarnanabha é de opinião que, quando o ímpeto da paixão é excessivo, não é preciso atentar para os lugares.

13 As qualidades das boas unhas são estas: devem ser brilhantes, bem assentadas, limpas, inteiras, convexas, macias e de aspecto lustroso. As unhas são de três espécies segundo o tamanho, a saber:

14 Pequenas.
Médias.
Grandes.

15 As unhas grandes, que dão graça às mãos e atraem pelo aspecto o coração das mulheres, são as dos bengalis.

16 As unhas pequenas, que podem ser usadas de vários modos e devem ser aplicadas só com o fim de dar prazer, são as do povo dos distritos do sul.

17 As unhas médias, que reúnem as propriedades das duas espécies acima, pertencem ao povo de Maharashtra.

18 (1). Quando alguém aperta o queixo, os seios, o lábio inferior ou o jaghana de outra pessoa tão suavemente que não fica arranhão nem marca, mas apenas os pelos do corpo se arrepiam ao toque das unhas, e as próprias unhas fazem um som, chama-se "som ou aperto com as unhas".

19 Esse aperto se usa no caso de uma moça jovem, quando o amante a massageia, lhe coça a cabeça e quer provocá-la ou assustá-la.

20 (2). A marca curva feita com as unhas, que se imprime no pescoço e nos seios, chama-se "meia-lua".

21 (3). Quando as meias-luas são impressas uma diante da outra, chama-se "círculo". Essa marca com as unhas costuma ser feita no umbigo, nas pequenas cavidades junto às nádegas e nas juntas das coxas.

22 (4). Uma marca em forma de pequena linha, que pode ser feita em qualquer parte do corpo, chama-se "linha".

23 (5). Essa mesma linha, quando é curva e feita no peito, chama-se "unha de tigre".

24 (6). Quando se faz no peito uma marca curva por meio das cinco unhas, chama-se "pé de pavão". Essa marca é feita com o fim de ser elogiada, pois exige muita habilidade para ser bem feita.

25 (7). Quando se fazem cinco marcas de unha bem juntas perto do mamilo, chama-se "salto da lebre".

26 (8). Uma marca feita no peito ou nos quadris em forma de folha de lótus azul chama-se "folha de lótus azul".

27 Quando alguém vai partir em viagem e faz uma marca nas coxas ou no peito, chama-se "sinal de lembrança". Nessa ocasião, imprimem-se com as unhas três ou quatro linhas bem juntas.

28 Aqui termina a marcação com as unhas. Também se podem fazer com as unhas marcas de outras espécies além das acima, pois os autores antigos dizem que, assim como há inúmeros graus de habilidade entre os homens (sendo a prática desta arte conhecida de todos), há inúmeras maneiras de fazer essas marcas.

28.2 E como o apertar ou marcar com as unhas não depende do amor, ninguém pode dizer com certeza quantas espécies diferentes de marcas de unha existem de fato. A razão disso, diz Vatsyayana, é que, assim como a variedade é necessária no amor, o amor deve ser produzido por meio da variedade.

28.3 É por isso que as cortesãs, que conhecem bem vários modos e meios, se tornam tão desejáveis; pois, se a variedade é buscada em todas as artes e diversões, como o tiro com arco e outras, quanto mais deve ser buscada no caso presente.

29 As marcas de unha não devem ser feitas em mulheres casadas, mas certas espécies de marcas podem ser feitas em suas partes íntimas, para lembrança e aumento do amor.

30 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

31 "O amor de uma mulher que vê as marcas de unha nas partes íntimas do seu corpo, ainda que velhas e quase apagadas, torna-se de novo fresco e novo. Se não houver marcas de unha para lembrar a pessoa dos episódios do amor, o amor diminui, assim como quando não há união por muito tempo."

32 Até um estranho que vê de longe uma jovem com marcas de unha no peito[37] se enche de amor e respeito por ela.

33 Também o homem que traz marcas de unhas e dentes em algumas partes do corpo influencia a mente de uma mulher, por mais firme que ela seja. Em resumo, nada tende tanto a aumentar o amor quanto os efeitos da marcação com as unhas e das mordidas.

34 NOTA:

[35] [37] Por aqui se vê que, nos tempos antigos, os seios das mulheres não eram cobertos, e isso se nota nas pinturas de Ajanta e de outras cavernas, onde vemos que até os seios das damas reais e de outras estão descobertos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS MORDIDAS E DOS COSTUMES DE CADA REGIÃO

✦

1 Todos os lugares que podem ser beijados podem também ser mordidos, exceto o lábio superior, o interior da boca e os olhos.

2 As qualidades dos bons dentes são estas: devem ser iguais, ter um brilho agradável, poder ser tingidos, ter proporções adequadas, ser inteiros e ter as pontas afiadas.

3 Os defeitos dos dentes, por outro lado, são estes: serem rombos, saírem das gengivas, serem ásperos, moles, grandes e mal assentados.

4 As diferentes espécies de mordida são as seguintes:

5 A mordida oculta.
A mordida inchada.
O ponto.
A linha de pontos.
O coral e a joia.
A linha de joias.
A nuvem partida.
A mordida do javali.

6 (1). A mordida que só se mostra pela vermelhidão excessiva da pele mordida chama-se "mordida oculta".

7 (2). Quando a pele é comprimida dos dois lados, chama-se "mordida inchada".

[8] (3). Quando uma pequena porção da pele é mordida com apenas dois dentes, chama-se "ponto".

[9] (4). Quando essas pequenas porções da pele são mordidas com todos os dentes, chama-se "linha de pontos".

[10] (5). A mordida que se faz juntando os dentes e os lábios chama-se "coral e joia". O lábio é o coral, e os dentes, a joia.

[11] (6). Quando a mordida é feita com todos os dentes, chama-se "linha de joias".

[12] (7). A mordida que consiste em elevações desiguais em círculo e que vem do espaço entre os dentes chama-se "nuvem partida". É impressa nos seios.

[13] (8). A mordida que consiste em muitas fileiras largas de marcas próximas umas das outras, com intervalos vermelhos, chama-se "mordida do javali". É impressa nos seios e nos ombros; e estes dois últimos modos de morder são próprios das pessoas de paixão intensa.

[14] O lábio inferior é o lugar onde se fazem a "mordida oculta", a "mordida inchada" e o "ponto"; já a "mordida inchada" e o "coral e joia" se fazem na face. O beijo, o aperto com as unhas e a mordida são os ornamentos da face esquerda, e quando se usa a palavra face deve-se entender a face esquerda.

[15] Tanto a "linha de pontos" quanto a "linha de joias" devem ser impressas na garganta, na axila e nas juntas das coxas; mas só a "linha de pontos" se imprime na testa e nas coxas.

16 A marcação com as unhas e a mordida das seguintes coisas — um enfeite da testa, um enfeite da orelha, um ramo de flores, uma folha de bétel ou uma folha de tamala —, usadas pela mulher amada ou pertencentes a ela, são sinais do desejo de prazer.

Aqui terminam as diferentes espécies de mordida.

18 Nos assuntos do amor, o homem deve fazer as coisas que agradam às mulheres das diferentes regiões.

19 As mulheres das regiões centrais (isto é, entre o Ganges e o Jumna) são de caráter nobre, não acostumadas a práticas vergonhosas, e não gostam do aperto das unhas nem das mordidas.

20 As mulheres do país de Balhika são conquistadas pelos golpes.

21 As mulheres de Avantika gostam de prazeres grosseiros e não têm boas maneiras.

22 As mulheres de Maharashtra gostam de praticar as sessenta e quatro artes, dizem palavras baixas e ásperas e gostam que lhes falem do mesmo modo, e têm um desejo impetuoso de prazer.

23 As mulheres de Pataliputra (isto é, a moderna Patna) são da mesma natureza que as mulheres de Maharashtra, mas mostram as suas preferências só em segredo.

24 As mulheres do país dos drávidas, embora sejam esfregadas e apertadas no momento do prazer sexual, chegam devagar ao fim, isto é, são muito lentas no ato.

25 As mulheres de Vanavasi são moderadamente apaixonadas, passam por toda espécie de prazer, cobrem o corpo e repreendem os que dizem palavras baixas, vis e ásperas.

26 As mulheres de Avanti detestam o beijo, a marcação com as unhas e a mordida, mas gostam de várias espécies de união sexual.

27 As mulheres de Malwa gostam do abraço e do beijo, mas não de ferimentos, e são conquistadas pelos golpes.

28 As mulheres de Abhira e as da região do Indo e dos cinco rios (isto é, o Punjab) são conquistadas pela Auparishtaka, ou união pela boca.

29 As mulheres de Aparatika são cheias de paixão e fazem devagar o som "Sit".

30 As mulheres do país de Lat têm um desejo ainda mais impetuoso e também fazem o som "Sit".

31 As mulheres de Stri Rajya e de Koshola (Oudh) são cheias de desejo impetuoso, o seu fluido cai em grande quantidade, e gostam de tomar remédios para que isso aconteça.

32 As mulheres do país de Audhra têm corpos delicados, gostam do prazer e têm inclinação pelos prazeres voluptuosos.

33 As mulheres de Ganda têm corpos delicados e falam com doçura.

34 Suvarnanabha, porém, é de opinião que aquilo que agrada à natureza de uma pessoa em particular tem mais importância do que aquilo que agrada a uma nação inteira, e que por isso, nesses casos, não se devem observar as

peculiaridades da região. Os vários prazeres, as roupas e os passatempos de uma região são com o tempo tomados por outra, e nesse caso essas coisas devem ser consideradas como pertencentes originalmente àquela região.

35 Entre as coisas mencionadas acima, isto é, o abraço, o beijo etc., as que aumentam a paixão devem ser feitas primeiro, e as que servem só para divertir ou variar, depois.

36 Há também alguns versos sobre este assunto, que dizem:

37 "Quando o homem morde a mulher com força, ela deve, zangada, fazer o mesmo com ele com o dobro da força. Assim, um 'ponto' deve ser retribuído com uma 'linha de pontos', e uma 'linha de pontos' com uma 'nuvem partida'; e se ela estiver muito irritada, deve começar de imediato uma briga de amor com ele.

37.2 Nessa hora deve segurar o amante pelos cabelos, abaixar-lhe a cabeça e beijar-lhe o lábio inferior e então, embriagada de amor, fechar os olhos e mordê-lo em vários lugares.

37.3 Mesmo de dia, e num lugar público, quando o amante lhe mostrar alguma marca que ela tenha deixado no corpo dele, ela deve sorrir ao vê-la e, virando o rosto como se fosse repreendê-lo, mostrar-lhe com olhar zangado as marcas que ele fez no corpo dela. Assim, se homens e mulheres agirem segundo o gosto um do outro, o amor de um pelo outro não diminuirá nem em cem anos."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS MANEIRAS DE SE DEITAR

✦

1 Numa "união alta", a mulher Mrigi (Corça) deve deitar-se de modo a alargar a sua yoni, enquanto numa "união baixa" a mulher Hastini (Elefanta) deve deitar-se de modo a estreitar a sua. Mas numa "união igual" devem deitar-se na posição natural. O que se disse acima sobre a Mrigi e a Hastini aplica-se também à mulher Vadawa (Égua). Numa "união baixa", as mulheres devem sobretudo usar remédios, para que o seu desejo seja satisfeito depressa.

2 A mulher Corça tem as três seguintes maneiras de se deitar.

3 A posição bem aberta.
A posição do bocejo.
A posição da esposa de Indra.

4 (1). Quando ela abaixa a cabeça e ergue as partes do meio, chama-se "posição bem aberta". Nessa hora o homem deve aplicar algum unguento, para facilitar a entrada.

5 (2). Quando ela ergue as coxas e as mantém bem afastadas e se entrega à união, chama-se "posição do bocejo".

6 (3). Quando ela põe as coxas, com as pernas dobradas sobre elas, junto aos flancos e assim se entrega à união, chama-se posição de Indrani, e esta só se aprende com a prática. A posição também é útil no caso da "união mais alta".

7 A "posição que envolve" é usada na "união baixa" e na "união mais baixa", juntamente com a "posição que aperta", a "posição entrelaçada" e a "posição da égua".

8 Quando as pernas do homem e da mulher estão estendidas retas uma sobre a outra, chama-se "posição que envolve". É de duas espécies, a de lado e a de costas, segundo o modo como se deitam. Na posição de lado, o homem deve sempre deitar-se sobre o lado esquerdo e fazer a mulher deitar-se sobre o lado direito, e essa regra deve ser observada ao deitar-se com todas as espécies de mulher.

9 Quando, depois de começada a união na posição que envolve, a mulher aperta o amante com as coxas, chama-se "posição que aperta".

10 Quando a mulher põe uma das coxas sobre a coxa do amante, chama-se "posição entrelaçada".

11 Quando a mulher retém com força o lingam dentro da sua yoni, chama-se "posição da égua". Só se aprende com a prática e encontra-se sobretudo entre as mulheres do país de Andhra.

12 Essas são as diferentes maneiras de se deitar mencionadas por Babhravya; Suvarnanabha, porém, acrescenta as seguintes.

13 Quando a mulher ergue as duas coxas bem retas para cima, chama-se "posição que se eleva".

14 Quando ela ergue as duas pernas e as põe sobre os ombros do amante, chama-se "posição do bocejo".

15 Quando as pernas estão encolhidas e o amante as segura assim diante do peito, chama-se "posição apertada".

16 Quando só uma das pernas dela está estendida, chama-se "posição meio apertada".

17 Quando a mulher põe uma das pernas no ombro do amante e estende a outra, depois põe esta no ombro dele e estende a primeira, e continua a fazer isso alternadamente, chama-se "rachar do bambu".

18 Quando uma das pernas está posta sobre a cabeça e a outra estendida, chama-se "fixar de um prego". Só se aprende com a prática.

19 Quando as duas pernas da mulher estão encolhidas e postas sobre o ventre, chama-se "posição do caranguejo".

20 Quando as coxas estão erguidas e postas uma sobre a outra, chama-se "posição compacta".

21 Quando as canelas estão postas uma sobre a outra, chama-se "posição de lótus".

22 Quando o homem, durante a união, se vira e goza da mulher sem se separar dela, enquanto ela o abraça pelas costas o tempo todo, chama-se "posição giratória", e só se aprende com a prática.

23 Assim diz Suvarnanabha: essas diferentes maneiras de deitar, sentar e ficar de pé devem ser praticadas na água, porque nela é fácil fazê-lo. Mas Vatsyayana é de opinião que a união na água é imprópria, porque é proibida pela lei religiosa.

24 Quando o homem e a mulher se apoiam no corpo um do outro, ou numa parede ou coluna, e assim, de pé, se entregam à união, chama-se "união apoiada".

25 Quando o homem se apoia numa parede e a mulher, sentada nas mãos dele, unidas e postas por baixo dela, lhe passa os braços em volta do pescoço e, pondo as coxas junto à cintura dele, se move com os pés, que tocam a parede em que o homem está encostado, chama-se "união suspensa".

26 Quando a mulher se põe sobre as mãos e os pés como um quadrúpede e o amante a monta como um touro, chama-se "união da vaca". Nessa hora, tudo o que normalmente se faz sobre o peito deve ser feito sobre as costas.

27 Do mesmo modo se podem fazer a união do cão, a união do bode, a união do cervo, a montada forçada do asno, a união do gato, o salto do tigre, o aperto do elefante, a fricção do javali e a montada do cavalo. E em todos esses casos as características desses diferentes animais devem manifestar-se agindo como eles.

28 Quando o homem goza de duas mulheres ao mesmo tempo, ambas as quais o amam igualmente, chama-se "união conjunta".

29 Quando o homem goza de muitas mulheres juntas, chama-se "união de uma manada de vacas".

30 As seguintes espécies de união — brincar na água, ou a união de um elefante com muitas elefantas, que se diz ocorrer só na água, a união de um rebanho de cabras, a união de uma manada de cervos — acontecem à imitação desses animais.

31 Em Gramaneri, muitos rapazes gozam de uma mulher que pode ser casada com um deles, um depois do outro ou ao mesmo tempo. Assim, um deles a segura, outro goza dela, um terceiro usa a sua boca, um quarto segura as suas partes do meio, e desse modo continuam a gozar alternadamente das várias partes dela.

32 O mesmo pode ser feito quando vários homens estão reunidos com uma cortesã, ou quando uma cortesã está sozinha com muitos homens. Do mesmo modo pode ser feito pelas mulheres do harém do rei quando, por acaso, conseguem um homem.

33 O povo das regiões do sul tem também uma união pelo ânus, que se chama "união inferior".

34 Assim terminam as várias espécies de união. Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

35 "Uma pessoa engenhosa deve multiplicar as espécies de união à maneira das diferentes espécies de animais e de aves. Pois essas diferentes espécies de união, praticadas segundo o costume de cada região e o gosto de cada pessoa, geram amor, amizade e respeito no coração das mulheres."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS GOLPES E DOS SONS QUE OS ACOMPANHAM

✦

1 A relação sexual pode ser comparada a uma briga, por causa das contrariedades do amor e da sua tendência à disputa. O lugar dos golpes dados com paixão é o corpo, e no corpo os lugares especiais são:

2 Os ombros.
A cabeça.
O espaço entre os seios.
As costas.
O jaghana, ou parte do meio do corpo.
Os flancos.

3 Os golpes são de quatro espécies, a saber:

4 Golpe com as costas da mão.
Golpe com os dedos um pouco encolhidos.
Golpe com o punho.
Golpe com a palma da mão aberta.

5 Por causarem dor, os golpes dão origem ao som sibilante, que é de várias espécies, e às oito espécies de grito, a saber:

6 O som Hin.
O som trovejante.
O som de arrulho.
O som de choro.

O som Phut.
O som Phât.
O som Sût.
O som Plât.

7 Além desses, há também palavras com sentido, como "mãe", e as que exprimem proibição, basta, desejo de ser solta, dor ou elogio, às quais se podem juntar sons como os da pomba, do cuco, do pombo-verde, do papagaio, da abelha, do pardal, do flamingo, do pato e da codorna, que são todos usados de vez em quando.

8 Os golpes com o punho devem ser dados nas costas da mulher, enquanto ela está sentada no colo do homem, e ela deve retribuí-los, repreendendo o homem como se estivesse zangada e fazendo os sons de arrulho e de choro. Enquanto a mulher se entrega à união, o espaço entre os seios deve ser golpeado com as costas da mão, devagar no começo e depois em proporção à excitação crescente, até o fim.

9 Nessa hora podem-se fazer os sons Hin e outros, alternadamente ou à vontade, segundo o hábito. Quando o homem, fazendo o som Phât, bate na cabeça da mulher com os dedos da mão um pouco encolhidos, chama-se Prasritaka, que quer dizer golpe com os dedos da mão um pouco encolhidos.

9.2 Nesse caso, os sons apropriados são o som de arrulho, o som Phât e o som Phut no interior da boca, e, no fim da união, os sons de suspiro e de choro. O som Phât imita o som de um bambu que se racha, enquanto o som Phut é como o som de algo que cai na água. Sempre que se começam os beijos e coisas semelhantes, a mulher deve responder com um som sibilante.

9.3 Durante a excitação, quando a mulher não está acostumada aos golpes, ela diz sem parar palavras que exprimem proibição, basta ou desejo de ser solta, bem como as palavras "pai", "mãe", misturadas aos sons de suspiro, de choro e trovejantes.[38] Perto do fim da união, os seios, o jaghana e os flancos da mulher devem ser apertados com as palmas das mãos abertas, com alguma força, até o fim, e então devem fazer-se sons como os da codorna ou do ganso.

10 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

11 "Diz-se que as características da masculinidade consistem na rudeza e no ímpeto, enquanto a fraqueza, a ternura, a sensibilidade e a inclinação a afastar-se das coisas desagradáveis são as marcas distintivas da feminilidade. A excitação da paixão e as peculiaridades do hábito podem às vezes fazer aparecer resultados contrários, mas estes não duram muito, e no fim volta-se ao estado natural."

12 A cunha no colo, a tesoura na cabeça, o instrumento perfurante nas faces e as pinças nos seios e nos flancos podem também ser considerados junto com os outros quatro modos de golpear, dando assim oito maneiras ao todo. Mas essas quatro maneiras de golpear com instrumentos são próprias do povo das regiões do sul, e as marcas causadas por elas se veem nos seios das suas mulheres. São peculiaridades locais, mas Vatsyayana é de opinião que a sua prática é dolorosa, bárbara e vil, e de modo algum digna de imitação.

13 Do mesmo modo, nada que seja uma peculiaridade local deve ser sempre adotado em outro lugar, e mesmo no lugar onde a prática é comum deve-se sempre evitar o excesso. Exemplos do uso perigoso desses instrumentos po-

dem ser dados como segue. O rei dos panchalas matou a cortesã Madhavasena com a cunha durante a união.

13.2 O rei Shatakarni Shatavahana, dos kuntalas, tirou a vida da sua grande rainha Malayavati com uma tesoura, e Naradeva, que tinha a mão deformada, cegou uma dançarina ao dirigir mal um instrumento perfurante.

14 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

15 "Sobre essas coisas não pode haver nem enumeração nem regra definida. Uma vez começada a união, só a paixão dá origem a todos os atos das partes."

16 Essas ações apaixonadas e esses gestos ou movimentos amorosos, que surgem no calor do momento durante a relação sexual, não podem ser definidos e são tão irregulares quanto os sonhos.

16.2 Um cavalo que chegou ao quinto grau de velocidade segue numa corrida cega, sem se importar com buracos, valas e postes no caminho; e do mesmo modo um par de amantes fica cego de paixão no calor da união e segue com grande ímpeto, sem prestar a menor atenção ao excesso.

16.3 Por isso, quem conhece bem a ciência do amor, sabendo a própria força e também a delicadeza, o ímpeto e a força da jovem, deve agir de acordo. Os vários modos de prazer não são para todos os momentos nem para todas as pessoas, mas devem ser usados só no momento adequado e nas regiões e lugares adequados.

17 NOTA:

18 [38] Os homens que conhecem bem a arte do amor sabem muito bem quanto uma mulher difere de outra em seus suspiros e sons durante a união. Algumas mulheres gostam que lhes falem do modo mais amoroso, outras do modo mais rude, e assim por diante. Algumas mulheres desfrutam de olhos fechados, em silêncio; outras fazem grande barulho; e algumas quase desmaiam. A grande arte é descobrir o que lhes dá maior prazer e de que particularidades mais gostam.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA MULHER QUE FAZ O PAPEL DO HOMEM

✦

1 Quando a mulher vê que o amante está cansado de uma união prolongada, sem ter satisfeito o seu desejo, deve, com a permissão dele, deitá-lo de costas e ajudá-lo fazendo o papel dele. Pode também fazer isso para satisfazer a curiosidade do amante ou o seu próprio desejo de novidade.

2 Há duas maneiras de fazer isso: a primeira é quando, durante a união, ela se vira e fica por cima do amante, de modo a continuar a união sem atrapalhar o seu prazer; a outra é quando ela faz o papel do homem desde o começo.

2.2 Nessa hora, com as flores do cabelo soltas e os sorrisos entrecortados pela respiração ofegante, ela deve apertar o peito do amante com os seios e, abaixando a cabeça muitas vezes, fazer em troca as mesmas ações que ele costumava fazer antes, retribuindo os seus golpes e caçoando dele; deve dizer: "Fui deitada por ti e cansada por uma união dura; agora, por conseguinte, vou deitar-te em troca."

2.3 Deve então mostrar de novo o seu pudor, o seu cansaço e o seu desejo de parar a união. Desse modo deve fazer o trabalho do homem, que vamos relatar agora.

3 Tudo o que o homem faz para dar prazer à mulher chama-se trabalho do homem, e é o seguinte:

4 Enquanto a mulher está deitada na cama dele e como que distraída pela conversa, ele deve afrouxar o nó das roupas de baixo dela e, quando ela começar a discutir com ele, deve cobri-la de beijos. Depois, quando o seu lingam estiver ereto, deve tocá-la com as mãos em vários lugares e acariciar suavemente várias partes do corpo.

4.2 Se a mulher for tímida e se for a primeira vez que se unem, o homem deve pôr as mãos entre as coxas dela, que ela provavelmente manterá bem juntas; e, se ela for uma moça muito jovem, deve primeiro pôr as mãos nos seios dela, que ela provavelmente cobrirá com as próprias mãos, e sob as axilas e no pescoço.

4.3 Se, porém, for uma mulher experiente, deve fazer o que for agradável a ele ou a ela e o que convier à ocasião. Depois disso deve segurar-lhe os cabelos e tomar-lhe o queixo entre os dedos para beijá-la. Com isso, se ela for uma moça jovem, ficará tímida e fechará os olhos. De todo modo, ele deve perceber pelas ações da mulher que coisas lhe agradarão durante a união.

5 Aqui diz Suvarnanabha que, enquanto o homem faz à mulher o que mais lhe agrada durante a união, deve sempre fazer questão de apertar as partes do corpo dela para as quais ela volta os olhos.

6 Os sinais do prazer e da satisfação da mulher são os seguintes: o corpo dela relaxa, ela fecha os olhos, deixa de lado toda timidez e mostra mais vontade de unir os dois órgãos o mais estreitamente possível.

6.2 Por outro lado, os sinais de que ela não sente prazer e não fica satisfeita são estes: agita as mãos, não deixa o homem levantar-se, fica abatida, morde o homem, dá-lhe pontapés e continua a mover-se depois que o homem terminou.

6.3 Nesses casos, o homem deve esfregar a yoni da mulher com a mão e os dedos (como o elefante esfrega qualquer coisa com a tromba) antes de se entregar à união, até que esteja amolecida, e depois de feito isso deve introduzir nela o seu lingam.

7 Os atos que cabem ao homem são:

8 Avançar.
Fricção ou bater.
Perfurar.
Esfregar.
Apertar.
Dar um golpe.
O golpe do javali.
O golpe do touro.
O brinquedo do pardal.

9 (1). Quando os órgãos se juntam de modo adequado e direto, chama-se "avançar o órgão".

10 (2). Quando o lingam é segurado com a mão e girado por toda a yoni, chama-se "bater".

11 (3). Quando a yoni é abaixada e a sua parte superior é golpeada com o lingam, chama-se "perfurar".

12 (4). Quando se faz o mesmo na parte inferior da yoni, chama-se "esfregar".

13 (5). Quando a yoni é apertada pelo lingam por muito tempo, chama-se "apertar".

14 (6). Quando o lingam é afastado a certa distância da yoni e depois a golpeia com força, chama-se "dar um golpe".

15 (7). Quando só uma parte da yoni é esfregada com o lingam, chama-se "golpe do javali".

16 (8). Quando os dois lados da yoni são esfregados desse modo, chama-se "golpe do touro".

17 (9). Quando o lingam está na yoni e é movido para cima e para baixo muitas vezes, sem ser retirado, chama-se "brinquedo do pardal". Isso acontece no fim da união.

18 Quando a mulher faz o papel do homem, tem as seguintes coisas a fazer além das nove dadas acima, a saber:

19 A tenaz.
O pião.
O balanço.

20 (1). Quando a mulher retém o lingam na sua yoni, o atrai, o aperta e o mantém assim dentro de si por muito tempo, chama-se "tenaz".

21 (2). Quando, durante a união, ela gira como uma roda, chama-se "pião". Só se aprende com a prática.

22 (3). Quando, nessa ocasião, o homem ergue a parte do meio do corpo e a mulher gira a sua parte do meio, chama-se "balanço".

23 Quando a mulher estiver cansada, deve pôr a testa sobre a do amante e assim descansar sem desfazer a união dos órgãos; e quando a mulher tiver descansado, o homem deve virar-se e recomeçar a união.

24 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

25 "Embora a mulher seja reservada e mantenha ocultos os seus sentimentos, quando fica por cima do homem mostra então todo o seu amor e todo o seu desejo. O homem deve perceber pelas ações da mulher de que disposição ela é e de que maneira gosta de ser amada. Uma mulher em seu período mensal, uma mulher que deu à luz há pouco e uma mulher gorda não devem ser levadas a fazer o papel do homem."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA AUPARISHTAKA

✦

1 Há duas espécies de eunucos: os que se disfarçam de homens e os que se disfarçam de mulheres. Os eunucos disfarçados de mulheres imitam as suas roupas, a sua fala, os seus gestos, a sua ternura, a sua timidez, a sua simplicidade, a sua suavidade e o seu pudor.

1.2 Os atos que se fazem no jaghana, ou partes do meio das mulheres, fazem-se na boca desses eunucos, e isso se chama Auparishtaka. Esses eunucos tiram dessa espécie de união o prazer que imaginam e o seu sustento, e levam a vida das cortesãs. Isso basta quanto aos eunucos disfarçados de mulheres.

2 Os eunucos disfarçados de homens mantêm em segredo os seus desejos e, quando querem fazer alguma coisa, levam a vida de massagistas. Sob o pretexto da massagem, um eunuco dessa espécie abraça e puxa para si as coxas do homem que está massageando, e depois disso toca as juntas das coxas e o jaghana, ou partes centrais do corpo dele.

2.2 Então, se encontra o lingam do homem ereto, aperta-o com as mãos e caçoa dele por ter ficado naquele estado. Se depois disso, e conhecendo a sua intenção, o homem não diz ao eunuco que continue, este o faz por conta própria e começa a união. Se, porém, o homem lhe ordena que o faça, ele discute com o homem e só consente por fim com dificuldade.

3 O eunuco faz então as oito coisas seguintes, uma após a outra, a saber:

[4] A união nominal.
Morder os lados.
Apertar por fora.
Apertar por dentro.
Beijar.
Esfregar.
Chupar uma manga.
Engolir.

[5] No fim de cada uma delas, o eunuco exprime o desejo de parar; mas, quando uma termina, o homem deseja que ele faça outra, e depois de feita esta, a que se segue, e assim por diante.

[6] (1). Quando, segurando o lingam do homem com a mão e pondo-o entre os lábios, o eunuco move a boca, chama-se "união nominal".

[7] (2). Quando, cobrindo a ponta do lingam com os dedos reunidos como o botão de uma planta ou flor, o eunuco aperta os lados dele com os lábios, usando também os dentes, chama-se "morder os lados".

[8] (3). Quando, sendo-lhe pedido que continue, o eunuco aperta a ponta do lingam com os lábios fechados e a beija como se a estivesse puxando, chama-se "aperto por fora".

[9] (4). Quando, pedindo-se-lhe que prossiga, ele põe o lingam mais para dentro da boca, aperta-o com os lábios e depois o tira, chama-se "aperto por dentro".

[10] (5). Quando, segurando o lingam na mão, o eunuco o beija como se beijasse o lábio inferior, chama-se "beijar".

11 (6). Quando, depois de beijá-lo, ele o toca com a língua por toda parte e passa a língua sobre a sua ponta, chama-se "esfregar".

12 (7). Quando, do mesmo modo, ele põe metade dele na boca e o beija e chupa com força, chama-se "chupar uma manga".

13 (8). E, por último, quando, com o consentimento do homem, o eunuco põe o lingam inteiro na boca e o aperta até o fim, como se fosse engoli-lo, chama-se "engolir".

14 Golpes, arranhões e outras coisas também podem ser feitos durante essa espécie de união.

15 A Auparishtaka é praticada só por mulheres impudicas e licenciosas, por criadas e servas, isto é, as que não são casadas com ninguém, mas vivem de massagens.

16 Os Acharyas (isto é, os autores antigos e veneráveis) são de opinião que essa Auparishtaka é obra de um cão, e não de um homem, porque é uma prática baixa e contrária às ordens das Escrituras Sagradas, e porque o próprio homem sofre ao pôr o seu lingam em contato com a boca de eunucos e mulheres.

16.2 Mas Vatsyayana diz que as ordens das Escrituras Sagradas não atingem os que frequentam cortesãs, e que a lei proíbe a prática da Auparishtaka só com mulheres casadas. Quanto ao dano ao homem, ele pode ser facilmente remediado.

17 O povo da Índia oriental não frequenta mulheres que praticam a Auparishtaka.

18 O povo de Ahichhatra frequenta essas mulheres, mas não faz nada com elas no que diz respeito à boca.

19 O povo de Saketa faz com essas mulheres toda espécie de união pela boca, enquanto o povo de Nagara não pratica isso, mas faz todas as outras coisas.

20 O povo do país de Shurasena, na margem sul do Jumna, faz tudo sem nenhuma hesitação, pois diz que, sendo as mulheres naturalmente impuras, ninguém pode estar seguro do seu caráter, da sua pureza, da sua conduta, das suas práticas, das suas confidências ou da sua fala.

20.2 Nem por isso, contudo, devem ser abandonadas, porque a lei religiosa, por cuja autoridade são consideradas puras, estabelece que o úbere da vaca é limpo no momento da ordenha, embora a boca da vaca, e também a boca do seu bezerro, sejam consideradas impuras pelos hindus.

20.3 Do mesmo modo, um cão é limpo quando agarra um cervo na caça, embora o alimento tocado por um cão seja, de resto, considerado muito impuro. Uma ave é limpa quando faz cair um fruto da árvore bicando-o, embora as coisas comidas por corvos e outras aves sejam consideradas impuras. E a boca da mulher é limpa para os beijos e coisas semelhantes no momento da relação sexual.

20.4 Vatsyayana pensa, além disso, que em todas essas coisas ligadas ao amor cada um deve agir segundo o costume do seu país e a sua própria inclinação.

21 Há também os seguintes versos sobre o assunto.

22 "Os criados de alguns homens praticam a união pela boca com os seus senhores. Também a praticam entre si alguns cidadãos que se conhecem bem. Algumas mulheres do harém, quando estão amorosas, fazem os atos da boca nas yonis umas das outras, e alguns homens fazem o mesmo com as mulheres. O modo de fazê-lo (isto é, de beijar a yoni) deve ser conhecido a partir do beijo na boca.

22.2 Quando o homem e a mulher se deitam em ordem invertida, isto é, com a cabeça de um voltada para os pés do outro, e praticam essa união, chama-se "união do corvo".

23 Por causa dessas coisas, as cortesãs abandonam homens dotados de boas qualidades, generosos e inteligentes, e se ligam a pessoas baixas, como escravos e condutores de elefantes.

23.2 A Auparishtaka, ou união pela boca, nunca deve ser feita por um brâmane culto, por um ministro que conduz os negócios do Estado ou por um homem de boa reputação, porque, embora a prática seja permitida pelos Shastras, não há razão para que seja feita, e só precisa ser praticada em casos particulares.

23.3 Assim, por exemplo, o sabor, a força e as qualidades digestivas da carne de cão são mencionados nas obras de medicina, mas daí não se segue que deva ser comida pelos sábios. Do mesmo modo, há alguns homens, alguns lugares e alguns momentos em relação aos quais essas práticas podem ser usadas.

23.4 O homem deve, portanto, levar em conta o lugar, o momento e a prática que se vai realizar, e também se ela é agradável à sua natureza e a ele mesmo, e então pode praticar ou não essas coisas, segundo as circunstâncias.

23.5 Mas, afinal, sendo essas coisas feitas em segredo e sendo a mente do homem inconstante, como se pode saber o que alguém fará em determinado momento e com determinado fim?

24 NOTA:

25 [39] Essa prática parece ter sido comum em algumas partes da Índia desde tempos muito antigos. O "Sushruta", uma obra de medicina com cerca de dois mil anos, descreve o ferimento do lingam com os dentes como uma das causas de uma doença tratada nessa obra.

25.2 Encontram-se vestígios da prática já no século VIII, pois várias espécies de Auparishtaka estão representadas nas esculturas de muitos templos shivaítas em Bhuvaneshwar, perto de Cuttack, em Orissa, construídos por volta dessa época. Por se encontrarem essas esculturas em tais lugares, parece que a prática era popular naquela parte do país naquele tempo.

25.3 Não parece ser tão comum hoje no Hindustão; o seu lugar talvez seja ocupado pela prática da sodomia, introduzida desde o período maometano.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COMO COMEÇAR E TERMINAR A UNIÃO; BRIGAS DE AMOR

✦

1 No quarto dos prazeres, enfeitado com flores e perfumado, rodeado de amigos e criados, o cidadão deve receber a mulher, que virá banhada e vestida, e convidá-la a tomar refrescos e a beber à vontade. Deve então sentá-la à sua esquerda e, segurando-lhe os cabelos e tocando também a ponta e o nó da sua roupa, abraçá-la suavemente com o braço direito.

1.2 Devem então ter uma conversa divertida sobre vários assuntos, e podem também falar de modo sugestivo de coisas que seriam consideradas grosseiras ou que em geral não se mencionam em sociedade. Podem então cantar, com ou sem gestos, tocar instrumentos musicais, falar sobre as artes e convidar-se mutuamente a beber.

1.3 Por fim, quando a mulher estiver vencida pelo amor e pelo desejo, o cidadão deve despedir as pessoas que estiverem com ele, dando-lhes flores, unguento e folhas de bétel, e então, quando os dois ficarem sozinhos, devem proceder como já foi descrito nos capítulos anteriores.

2 Esse é o começo da união sexual. No fim da união, os amantes, com modéstia e sem se olharem, devem ir separadamente à sala de banho. Depois disso, sentados em seus lugares, devem mascar algumas folhas de bétel, e o cidadão deve aplicar com a própria mão no corpo da mulher um unguento puro de sândalo ou de outra espécie.

2.2 Deve então abraçá-la com o braço esquerdo e, com palavras agradáveis, fazê-la beber de uma taça que ele mesmo segura, ou pode dar-lhe água para beber. Podem então comer doces ou qualquer outra coisa, segundo o

gosto, e podem beber suco fresco,[40] sopa, mingau, caldo de carne, sorvete, suco de manga, o extrato do suco da cidreira misturado com açúcar, ou qualquer coisa de que se goste nas diferentes regiões e que se saiba ser doce, suave e pura.

2.3 Os amantes podem também sentar-se no terraço do palácio ou da casa, desfrutar do luar e ter uma conversa agradável. Nessa hora, também, enquanto a mulher está deitada no colo dele, com o rosto voltado para a lua, o cidadão deve mostrar-lhe os diferentes planetas, a estrela da manhã, a estrela polar e os sete Rishis, ou Ursa Maior.

3 Esse é o fim da união sexual.

4 A união é das seguintes espécies, a saber:

5 União amorosa.
União do amor que vem depois.
União do amor artificial.
União do amor transferido.
União como a dos eunucos.
União enganosa.
União do amor espontâneo.

6 (1). Quando um homem e uma mulher que se amam há algum tempo se unem com grande dificuldade, ou quando um dos dois volta de uma viagem ou se reconcilia depois de ter estado separado por causa de uma briga, a união se chama "união amorosa". É feita segundo o gosto dos amantes e por quanto tempo quiserem.

7 (2). Quando duas pessoas se unem enquanto o seu amor ainda está na infância, a sua união se chama "união do amor que vem depois".

8 (3). Quando o homem faz a união excitando-se por meio das sessenta e quatro maneiras, como o beijo etc., ou quando um homem e uma mulher se unem, embora na verdade ambos estejam ligados a outras pessoas, a sua união se chama então "união do amor artificial". Nesse caso devem usar-se todos os modos e meios mencionados no Kama Shastra.

9 (4). Quando o homem, do começo ao fim da união, embora tendo relação com a mulher, pensa o tempo todo que está gozando de outra a quem ama, chama-se "união do amor transferido".

10 (5). A união entre um homem e uma carregadora de água, ou uma criada de casta inferior à sua, que dura só até o desejo ser satisfeito, chama-se "união como a dos eunucos". Aqui não se devem empregar toques exteriores, beijos nem carícias.

11 (6). A união entre uma cortesã e um camponês, e a que se dá entre cidadãos e as mulheres das aldeias e das regiões vizinhas, chama-se "união enganosa".

12 (7). A união que acontece entre duas pessoas ligadas uma à outra e que se faz segundo o seu próprio gosto chama-se "união espontânea".

13 Assim terminam as espécies de união.

14 Falaremos agora das brigas de amor.

15 Uma mulher muito apaixonada por um homem não suporta ouvir mencionar o nome da rival, nem ter qualquer conversa sobre ela, nem ser chamada pelo nome dela por engano. Se isso acontece, surge uma grande briga, e a mulher chora, se zanga, sacode os cabelos, bate no amante, cai da cama ou do assento e, atirando longe as guirlandas e os enfeites, joga-se ao chão.

16 Nessa hora o amante deve tentar reconciliá-la com palavras conciliadoras e levantá-la com cuidado e pô-la na cama. Mas ela, sem responder às suas perguntas e com raiva crescente, deve abaixar-lhe a cabeça puxando-lhe os cabelos e, depois de lhe dar um, dois ou três pontapés nos braços, na cabeça, no peito ou nas costas, deve dirigir-se à porta do quarto.

16.2 Dattaka diz que ela deve então sentar-se zangada perto da porta e derramar lágrimas, mas não deve sair, porque seria censurada por ir embora. Depois de algum tempo, quando achar que as palavras e as ações conciliadoras do amante chegaram ao máximo, deve então abraçá-lo, falando-lhe com palavras duras e cheias de censura, mas mostrando ao mesmo tempo um desejo amoroso de união.

17 Quando a mulher está em sua própria casa e brigou com o amante, deve ir até ele, mostrar-lhe quanto está zangada e deixá-lo. Depois, tendo o cidadão mandado o Vita,[41] o Vidushaka[41] ou o Pithamurda[41] para acalmá-la, ela deve acompanhá-los de volta à casa e passar a noite com o amante.

18 Assim terminam as brigas de amor.

19 Em conclusão.

20 O homem que emprega os sessenta e quatro meios mencionados por Babhravya alcança o seu objetivo e goza da mulher de primeira qualidade. Ainda que fale bem sobre outros assuntos, se não conhecer as sessenta e quatro divisões, não lhe é dado grande respeito na assembleia dos sábios.

20.2 Um homem desprovido de outros conhecimentos, mas que conhece bem as sessenta e quatro divisões, torna-se líder em qualquer sociedade de homens e mulheres. Que homem não respeitará as sessenta e quatro partes,

[42] considerando que são respeitadas pelos sábios, pelos astutos e pelas cortesãs?

20.3 Como as sessenta e quatro partes são respeitadas, são encantadoras e aumentam o talento das mulheres, são chamadas pelos Acharyas de queridas das mulheres. O homem hábil nas sessenta e quatro partes é visto com amor pela própria esposa, pelas esposas dos outros e pelas cortesãs.

21 [40] Na Índia bebe-se o suco fresco do coqueiro, da tamareira e de outras espécies de palmeira. Não se conserva fresco por muito tempo, mas fermenta rapidamente e é então destilado em bebida alcoólica.

22 [41] As características desses três indivíduos foram dadas na Parte I, página 31.

23 [42] Uma definição das sessenta e quatro partes, ou divisões, é dada no Capítulo II, página 45.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO NOIVADO E DO CASAMENTO

✦



1 Quando uma moça da mesma casta, e virgem, é desposada segundo os preceitos das Escrituras Sagradas, os frutos dessa união são: a aquisição de Dharma e Artha, descendência, parentesco, aumento de amigos e amor sem mancha. Por isso o homem deve pôr o seu afeto numa moça de boa família, cujos pais estejam vivos e que seja três anos ou mais mais nova que ele.

1.2 Ela deve ter nascido de família muito respeitável, abastada, bem relacionada e com muitos parentes e amigos. Deve também ser bela, de bom gênio, com marcas de boa sorte no corpo e com bons cabelos, unhas, dentes, orelhas, olhos e seios, nem mais nem menos do que devem ser, sem que nenhum deles falte por completo, e sem ser atormentada por um corpo doentio.

1.3 O homem, naturalmente, também deve ter essas qualidades. Mas, de todo modo, diz Ghotakamukha, uma moça que já se uniu a outros (isto é, que não é mais donzela) nunca deve ser amada, pois seria censurável fazer tal coisa.

2 Ora, para conseguir o casamento com uma moça como a descrita acima, os pais e os parentes do homem devem esforçar-se, assim como os amigos de ambos os lados cuja ajuda se deseje no assunto.

2.2 Esses amigos devem levar ao conhecimento dos pais da moça os defeitos, presentes e futuros, de todos os outros homens que queiram casar com ela, e ao mesmo tempo exaltar, até o exagero, todas as excelências, dos antepassados e do pai, do seu amigo, para torná-lo querido deles, e sobretudo das pessoas de quem a mãe da moça goste.

2.3 Um dos amigos deve também disfarçar-se de astrólogo e anunciar a boa sorte e a riqueza futuras do seu amigo, mostrando a existência de todos os bons presságios[43] e sinais,[44] a boa influência dos planetas, a entrada auspiciosa do sol num signo do Zodíaco, estrelas propícias e marcas afortunadas no corpo dele.

2.4 Outros ainda devem despertar o ciúme da mãe da moça dizendo-lhe que o amigo deles tem a possibilidade de conseguir, de outra parte, uma moça ainda melhor que a dela.

3 Uma moça deve ser tomada como esposa, e também dada em casamento, quando a sorte, os sinais, os presságios e as palavras[45] dos outros forem favoráveis, pois, diz Ghotakamukha, o homem não deve casar quando bem quiser. Não se deve casar com uma moça que, quando pedida em casamento, esteja dormindo, chorando ou fora de casa, ou que esteja prometida a outro. Também se devem evitar as seguintes:

4 A que é mantida escondida.
A que tem um nome de som feio.
A que tem o nariz achatado.
A que tem a narina arrebitada.

A que tem formas de homem.
A que é curvada.
A que tem as coxas tortas.
A que tem a testa saliente.
A que tem a cabeça calva.
A que não gosta da pureza.
A que foi maculada por outro.
A que sofre de Gulma.[46]
A que é desfigurada de algum modo.
A que já chegou plenamente à puberdade.
A que é amiga.
A que é irmã mais nova.
A que é Varshakari.[47]

5 Do mesmo modo, uma moça que tem o nome de uma das vinte e sete estrelas, ou de uma árvore, ou de um rio, é considerada sem valor, assim como uma moça cujo nome termina em "r" ou "l". Mas alguns autores dizem que a prosperidade só se obtém casando com a moça a quem se fica afeiçoado, e que por isso ninguém deve casar com outra moça senão a que ama.

6 Quando a moça chega à idade de casar, os pais devem vesti-la com elegância e pô-la onde possa ser vista facilmente por todos. Todas as tardes, depois de vesti-la e enfeitá-la de modo conveniente, devem mandá-la com as companheiras a jogos, sacrifícios e cerimônias de casamento, e assim mostrá-la em sociedade com vantagem, porque ela é uma espécie de mercadoria.

6.2 Devem também receber com palavras amáveis e sinais de amizade os de aparência auspiciosa que venham, acompanhados de amigos e parentes, com o fim de casar com a filha deles e, sob um pretexto ou outro, depois de

vesti-la convenientemente, apresentá-la a eles.

6.3 Depois disso devem aguardar o favor da sorte e, com esse fim, marcar um dia futuro em que se possa chegar a uma decisão sobre o casamento da filha. Nessa ocasião, quando as pessoas tiverem vindo, os pais da moça devem convidá-las a banhar-se e a jantar e dizer: "Tudo acontecerá no momento certo", e não atender então ao pedido, mas resolver o assunto mais tarde.

7 Quando uma moça é assim obtida, seja segundo o costume do país, seja segundo o seu próprio desejo, o homem deve casar com ela segundo os preceitos das Escrituras Sagradas, por uma das quatro espécies de casamento.

8 Assim termina o casamento.

9 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

10 Os divertimentos em sociedade, como completar versos começados por outros, os casamentos e as cerimônias auspiciosas não devem ser feitos nem com superiores nem com inferiores, mas com os nossos iguais. Deve-se considerar alta aliança aquela em que o homem, depois de casar com uma moça, tem de servi-la e aos parentes dela como um criado, e essa aliança é censurada pelos bons.

10.2 Por outro lado, aquela aliança censurável em que o homem, junto com os seus parentes, domina a esposa é chamada baixa aliança pelos sábios. Mas quando tanto o homem quanto a mulher se dão prazer mutuamente, e quando os parentes de ambos os lados se respeitam uns aos outros, isso se chama aliança no sentido próprio da palavra.

10.3 Portanto, o homem não deve contrair nem uma alta aliança, pela qual será obrigado depois a curvar-se diante dos parentes da esposa, nem uma baixa aliança, que é reprovada por todos.

11 [43] O voo de um gaio-azul do lado esquerdo de uma pessoa é considerado bom presságio quando se começa qualquer negócio; o aparecimento de um gato diante de alguém nesse momento é visto como mau presságio. Há muitos presságios do mesmo gênero.

12 [44] Como o tremor do olho direito nos homens e do olho esquerdo nas mulheres etc.

13 [45] Antes de começar qualquer coisa, é costume ir de manhã cedo à casa de um vizinho e escutar as primeiras palavras ditas em sua família; e conforme as palavras ouvidas sejam de bom ou mau agouro, tira-se uma conclusão sobre o êxito ou o fracasso do empreendimento.

14 [46] Uma doença que consiste em qualquer aumento glandular em alguma parte do corpo.

15 [47] Uma mulher cujas palmas das mãos e plantas dos pés estão sempre suando.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DE COMO GANHAR A CONFIANÇA DA NOIVA

✦

1 Durante os três primeiros dias depois do casamento, a moça e o marido devem dormir no chão, abster-se dos prazeres sexuais e comer a comida sem temperá-la com álcali nem sal. Nos sete dias seguintes devem banhar-se ao som de instrumentos musicais auspiciosos, enfeitar-se, jantar juntos e dar atenção aos parentes e aos que tenham vindo assistir ao casamento.

1.2 Isso vale para pessoas de todas as castas. Na noite do décimo dia, o homem deve começar, num lugar retirado, com palavras suaves, e assim criar confiança na moça.

1.3 Alguns autores dizem que, para conquistá-la, ele não deve falar com ela durante três dias; mas os seguidores de Babhravya são de opinião que, se o homem não falar com ela durante três dias, a moça pode desanimar ao vê-lo sem vida como uma coluna e, ficando abatida, pode começar a desprezá-lo como a um eunuco.

1.4 Vatsyayana diz que o homem deve começar a conquistá-la e a criar confiança nela, mas deve abster-se no começo dos prazeres sexuais. As mulheres, sendo de natureza delicada, querem começos delicados, e quando são abordadas à força por homens que conhecem pouco, às vezes passam de repente a odiar a união sexual, e às vezes até a odiar o sexo masculino.

1.5 O homem deve, por conseguinte, aproximar-se da moça segundo o gosto dela e usar os recursos pelos quais possa ganhar cada vez mais a sua confiança. Esses recursos são os seguintes:

2 Deve abraçá-la antes de tudo do modo que ela mais gosta, porque esse abraço não dura muito tempo.

3 Deve abraçá-la com a parte superior do corpo, porque isso é mais fácil e simples. Se a moça for crescida, ou se o homem a conhecer há algum tempo, pode abraçá-la à luz de uma lâmpada; mas, se não a conhecer bem, ou se ela for muito jovem, deve então abraçá-la no escuro.

4 Quando a moça aceitar o abraço, o homem deve pôr-lhe na boca um "tambula", ou rolinho de noz e folhas de bétel; e, se ela não quiser aceitá-lo, deve convencê-la com palavras conciliadoras, súplicas, juramentos e ajoelhando-se a seus pés, pois é regra universal que, por mais tímida ou zangada que esteja uma mulher, ela nunca despreza um homem ajoelhado a seus pés.

4.2 No momento de dar o "tambula", ele deve beijar-lhe a boca suavemente e com graça, sem fazer nenhum ruído. Conquistada ela nesse ponto, ele deve então fazê-la falar e, para que ela seja levada a falar, deve fazer-lhe perguntas sobre coisas de que ele nada sabe ou finge nada saber e que possam ser respondidas em poucas palavras.

4.3 Se ela não lhe falar, ele não deve assustá-la, mas perguntar-lhe a mesma coisa várias vezes, de modo conciliador. Se ainda assim ela não falar, ele deve insistir para que responda, porque, como diz Ghotakamukha, "todas as moças ouvem tudo o que os homens lhes dizem, mas às vezes elas mesmas não dizem uma só palavra".

4.4 Assim instada, a moça deve responder com movimentos de cabeça; mas, se tiver brigado com o homem, não deve fazer nem isso. Quando o homem lhe perguntar se ela o deseja e se gosta dele, deve ficar calada por

muito tempo e, quando por fim instada a responder, dar-lhe uma resposta favorável com um aceno de cabeça.

4.5 Se o homem já conhecia a moça, deve conversar com ela por meio de uma amiga que lhe seja favorável e tenha a confiança de ambos, e que conduza a conversa pelos dois lados. Nessa ocasião a moça deve sorrir de cabeça baixa e, se a amiga disser da parte dela mais do que ela queria, deve repreendê-la e discutir com ela.

4.6 A amiga deve dizer de brincadeira até o que a moça não quer que ela diga e acrescentar: "ela diz isso", ao que a moça deve dizer de modo indistinto e gracioso: "Ah, não! Eu não disse isso", e então sorrir e lançar de vez em quando um olhar ao homem.

5 Se a moça tiver intimidade com o homem, deve pôr perto dele, sem dizer nada, o tambula, o unguento ou a guirlanda que ele tenha pedido, ou pode amarrá-los na roupa de cima dele.

5.2 Enquanto ela faz isso, o homem deve tocar-lhe os seios jovens à maneira sonora do aperto com as unhas, e se ela o impedir deve dizer-lhe: "Não farei de novo, se me abraçares", e desse modo levá-la a abraçá-lo. Enquanto é abraçado por ela, deve passar a mão repetidamente pelo corpo dela.

5.3 Pouco a pouco deve pô-la no colo e tentar cada vez mais obter o seu consentimento; e, se ela não ceder, deve assustá-la dizendo: "Vou imprimir marcas dos meus dentes e unhas nos teus lábios e seios, depois farei marcas semelhantes no meu próprio corpo e direi aos meus amigos que foste tu que as fizeste. Que dirás então?"

5.4 Por esses e outros meios, assim como se criam medo e confiança na mente das crianças, o homem deve conquistá-la para os seus desejos.

6 Na segunda e na terceira noite, depois que a confiança dela aumentou ainda mais, ele deve apalpar todo o corpo dela com as mãos e beijá-la por inteiro; deve também pôr as mãos nas coxas dela e massageá-las, e, se conseguir isso, deve então massagear as juntas das coxas. Se ela tentar impedi-lo, deve dizer-lhe: "Que mal há em fazer isso?", e convencê-la a deixá-lo fazer.

6.2 Conseguido esse ponto, deve tocar-lhe as partes íntimas, afrouxar-lhe o cinto e o nó do vestido e, levantando-lhe a roupa de baixo, massagear as juntas das coxas nuas. Sob vários pretextos deve fazer todas essas coisas, mas não deve começar então a união propriamente dita.

6.3 Depois disso deve ensinar-lhe as sessenta e quatro artes, dizer-lhe quanto a ama e descrever-lhe as esperanças que antes alimentava a respeito dela. Deve também prometer ser-lhe fiel no futuro e dissipar todos os seus medos a respeito de rivais e, por fim, depois de vencer a sua timidez, deve começar a gozar dela de modo a não assustá-la.

6.4 Isso basta quanto a criar confiança na moça; e há, ademais, alguns versos sobre o assunto, que dizem:

7 O homem que age segundo as inclinações de uma moça deve procurar conquistá-la de modo que ela o ame e deposite nele a sua confiança. O homem não tem êxito nem seguindo cegamente a inclinação de uma moça, nem se opondo completamente a ela; deve, portanto, adotar um meio-termo.

7.2 Quem sabe fazer-se amar pelas mulheres, aumentar a sua honra e criar confiança nelas, esse se torna objeto do seu amor. Mas quem descuida de uma moça por achá-la tímida demais é desprezado por ela como um animal que ignora o funcionamento da mente feminina.

7.3 Além disso, uma moça possuída à força por alguém que não entende o coração das moças fica nervosa, inquieta e abatida, e de repente começa a odiar o homem que se aproveitou dela; e então, quando o seu amor não é compreendido nem correspondido, cai no desânimo e passa a odiar os homens em geral, ou, odiando o seu próprio homem, recorre a outros homens. [48]

8 NOTA:

9 [48] Estas últimas linhas foram ilustradas de muitos modos em muitos romances deste século.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO NAMORO

✦

1 Um homem pobre dotado de boas qualidades, um homem nascido de família baixa dotado de qualidades medianas, um vizinho dotado de riqueza e alguém sob o domínio do pai, da mãe ou dos irmãos não devem casar sem procurar conquistar a moça, desde a infância dela, para que os ame e estime.

1.2 Assim, um rapaz separado dos pais e que vive na casa do tio deve procurar conquistar a filha do tio, ou outra moça, ainda que ela esteja prometida a outro. E esse modo de conquistar uma moça, diz Ghotakamukha, é irrepreensível, porque por meio dele se pode cumprir o Dharma, tanto quanto por qualquer outro modo de casamento.

2 Quando um rapaz começa assim a cortejar a moça que ama, deve passar o tempo com ela e diverti-la com vários jogos e diversões próprios da idade e do grau de convivência, como colher e juntar flores, fazer guirlandas, fazer de conta que são membros de uma família, cozinhar, jogar dados, jogar cartas, o jogo de par ou ímpar, o jogo de descobrir o dedo do meio, o jogo das seis pedrinhas e outros jogos que sejam comuns no país e agradáveis ao gênio da moça.

2.2 Além disso, deve fazer vários jogos divertidos em grupo, como esconde-esconde, brincar com sementes, esconder coisas em vários montinhos de trigo e procurá-las, cabra-cega, exercícios de ginástica e outros jogos do mesmo tipo, na companhia da moça, das amigas e das criadas dela.

2.3 O homem deve também mostrar grande bondade a qualquer mulher que a moça julgue digna de confiança, e também fazer novas amizades; mas, acima de tudo, deve ligar a si, com bondade e pequenos favores, a filha da ama da moça, pois, se ela for conquistada, mesmo que venha a saber do seu plano, não cria nenhum obstáculo, e às vezes até consegue promover a união entre ele e a moça.

2.4 E, embora conheça o verdadeiro caráter do homem, sempre fala das suas muitas excelentes qualidades aos pais e aos parentes da moça, ainda que ele não lhe peça isso.

3 Desse modo, o homem deve fazer tudo o que mais agrada à moça e conseguir para ela tudo o que ela deseje possuir. Assim, deve arranjar-lhe brinquedos que as outras moças mal conheçam.

3.2 Pode também mostrar-lhe uma bola tingida de várias cores e outras curiosidades do mesmo gênero; e deve dar-lhe bonecas feitas de pano, madeira, chifre de búfalo, marfim, cera, farinha ou barro; também utensílios de cozinha e figuras de madeira, como um homem e uma mulher de pé, um par de carneiros, ou bodes, ou ovelhas; também templos feitos de barro, bambu ou madeira, dedicados a várias deusas; e gaiolas para papagaios, cucos, estorninhos, codornas, galos e perdizes; vasos de água de diferentes tipos e formas elegantes, engenhos de esguichar água, alaúdes, suportes para pôr imagens, banquinhos, laca, arsênico vermelho, unguento amarelo, vermelhão e colírio, assim como sândalo, açafrão, noz e folhas de bétel.

3.3 Essas coisas devem ser dadas em momentos diferentes, sempre que ele tiver boa oportunidade de encontrá-la, e algumas devem ser dadas em particular e outras em público, segundo as circunstâncias. Em resumo, deve procurar de todos os modos que ela o veja como alguém que faria por ela tudo o que ela quisesse.

4 Em seguida, deve conseguir que ela se encontre com ele em algum lugar em particular e então dizer-lhe que a razão de lhe dar presentes em segredo era o medo de que os pais de ambos ficassem descontentes, e depois pode acrescentar que as coisas que lhe dera eram muito desejadas por outras pessoas.

4.2 Quando o amor dela começar a dar sinais de aumentar, ele deve contar-lhe histórias agradáveis, se ela mostrar desejo de ouvir tais narrativas. Ou, se ela gostar de prestidigitação, deve maravilhá-la fazendo vários truques de mágica; ou, se ela tiver grande curiosidade de ver uma demonstração das várias artes, deve mostrar a sua própria habilidade nelas.

4.3 Se ela gostar de canto, deve diverti-la com música e, em certos dias, quando forem juntos às feiras e festas de luar, e quando ela voltar depois de ter estado fora de casa, deve presenteá-la com ramos de flores, grinaldas para a cabeça, brincos e anéis, pois essas são as ocasiões próprias para dar tais coisas.

5 Deve também ensinar à filha da ama da moça todos os sessenta e quatro meios de prazer praticados pelos homens e, com esse pretexto, informá-la também da sua grande habilidade na arte do prazer sexual.

5.2 Durante todo esse tempo deve usar roupas finas e ter a melhor aparência possível, pois as moças amam os homens que vivem perto delas e que são bonitos, de boa aparência e bem vestidos. Quanto ao dito de que, embora as mulheres se apaixonem, não fazem elas mesmas nenhum esforço para conquistar o objeto do seu afeto, isso é só conversa fiada.

6 Ora, uma moça sempre mostra o seu amor por sinais e ações exteriores, como os seguintes: nunca olha o homem no rosto e fica envergonhada quando ele a olha; sob um pretexto ou outro, mostra-lhe os membros; olha-

o às escondidas quando ele já se afastou dela; abaixa a cabeça quando ele lhe faz alguma pergunta e responde com palavras indistintas e frases inacabadas; gosta de estar muito tempo na companhia dele; fala com as criadas num tom especial, na esperança de atrair a atenção dele, quando está longe dele; não quer sair do lugar onde ele está; sob um pretexto ou outro, faz com que ele olhe para coisas diferentes; conta-lhe contos e histórias bem devagar, para continuar conversando com ele por muito tempo; beija e abraça diante dele uma criança sentada em seu colo; desenha sinais decorativos na testa das suas criadas; faz movimentos brincalhões e graciosos quando as criadas brincam com ela na presença do amante; confia nos amigos do amante e os respeita e obedece; mostra bondade aos criados dele, conversa com eles e os encarrega de fazer o seu trabalho como se fosse a patroa deles, e os escuta com atenção quando contam a alguém histórias sobre o amante dela; entra na casa dele quando levada a isso pela filha da sua ama e, com a ajuda dela, consegue conversar e brincar com ele; evita ser vista pelo amante quando não está vestida e enfeitada; dá-lhe, pela mão da amiga, o brinco, o anel ou a guirlanda de flores que ele tenha pedido para ver; usa sempre qualquer coisa que ele lhe tenha dado; fica abatida quando os pais mencionam qualquer outro noivo, e não se mistura com os que sejam do partido deste ou que apoiem as pretensões dele.

7 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

8 O homem que viu e percebeu os sentimentos da moça por ele, e que notou os sinais e movimentos exteriores pelos quais esses sentimentos se exprimem, deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para se unir a ela.

Deve conquistar uma moça jovem com brincadeiras infantis, uma donzela que chegou à idade adulta com a sua habilidade nas artes, e uma moça que o ama recorrendo às pessoas em quem ela confia.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O QUE CABE AO HOMEM E À MOÇA

✦

1 Ora, quando a moça começa a mostrar o seu amor por sinais e movimentos exteriores, como se descreveu no capítulo anterior, o amante deve procurar conquistá-la por completo por vários modos e meios, como os seguintes:

2 Quando estiver com ela em algum jogo ou brincadeira, deve segurar-lhe a mão de propósito. Deve praticar com ela as várias espécies de abraço, como o abraço que toca e outros já descritos num capítulo anterior (Parte II, Capítulo 2). Deve mostrar-lhe de vez em quando um par de figuras humanas recortadas numa folha de árvore e coisas semelhantes.

2.2 Nas brincadeiras na água, deve mergulhar longe dela e subir à tona bem perto dela. Deve mostrar um gosto crescente pela folhagem nova das árvores e coisas semelhantes. Deve descrever-lhe as dores que sofre por causa dela. Deve contar-lhe o belo sonho que teve a respeito de outras mulheres.

2.3 Em festas e reuniões da sua casta, deve sentar-se perto dela e tocá-la sob um pretexto ou outro e, tendo posto o pé sobre o dela, deve tocar devagar cada um dos dedos dos seus pés e apertar a ponta das unhas; se tiver êxito nisso, deve segurar-lhe o pé com a mão e repetir a mesma coisa.

2.4 Deve também apertar um dedo da mão dela entre os dedos dos seus pés quando ela estiver lavando os pés dele; e sempre que lhe der alguma coisa ou receber alguma coisa dela, deve mostrar-lhe pelo modo e pelo olhar quanto a ama.

3 Deve aspergi-la com a água trazida para ele enxaguar a boca; e, quando estiver a sós com ela num lugar retirado, ou no escuro, deve cortejá-la e dizer-lhe o verdadeiro estado do seu espírito, sem afligi-la de modo algum.

4 Sempre que se sentar com ela no mesmo assento ou na mesma cama, deve dizer-lhe: "Tenho uma coisa para te dizer em particular", e então, quando ela vier ouvi-la num lugar tranquilo, deve exprimir-lhe o seu amor mais pelos modos e sinais do que pelas palavras.

4.2 Quando vier a conhecer o estado dos sentimentos dela por ele, deve fingir-se doente e fazê-la vir à sua casa para lhe falar. Ali deve segurar-lhe a mão de propósito e pô-la sobre os olhos e a testa e, sob o pretexto de preparar algum remédio para ele, deve pedir-lhe que faça um trabalho por ele com estas palavras: "Este trabalho tem de ser feito por ti, e por mais ninguém."

4.3 Quando ela quiser ir embora, deve deixá-la ir, com um pedido insistente de que volte a vê-lo. Esse recurso da doença deve continuar por três dias e três noites. Depois disso, quando ela começar a vir vê-lo com frequência, deve ter longas conversas com ela, pois, diz Ghotakamukha, "por mais que um homem ame uma moça, nunca consegue conquistá-la sem muita conversa".

4.4 Por fim, quando o homem achar que a moça está completamente conquistada, pode então começar a gozar dela. Quanto ao dito de que as mulheres ficam menos tímidas que de costume ao anoitecer e no escuro, e de que desejam a união nessas horas, não se opõem então aos homens e só devem ser possuídas nessas horas, isso é só conversa.

5 Quando for impossível ao homem levar adiante os seus esforços sozinho, deve, por meio da filha da ama dela ou de uma amiga em quem ela confie, fazer com que a moça seja trazida até ele sem lhe dar a conhecer o seu plano, e deve então proceder com ela do modo descrito acima. Ou deve, desde o começo, mandar a sua própria criada viver com a moça como amiga dela, e depois conquistá-la por meio dela.

6 Por fim, quando conhecer o estado dos sentimentos dela pelos seus modos e pela sua conduta exterior para com ele em cerimônias religiosas, cerimônias de casamento, feiras, festas, teatros, assembleias públicas e ocasiões semelhantes, deve começar a gozar dela quando ela estiver sozinha, pois Vatsyayana estabelece que as mulheres, quando procuradas nos momentos e lugares adequados, não se afastam dos seus amantes.

7 Quando uma moça dotada de boas qualidades e bem-educada, mas nascida de família humilde, ou desprovida de riqueza e por isso não desejada pelos seus iguais, ou uma órfã, ou uma moça privada dos pais, mas que observa as regras da sua família e da sua casta, desejar promover o seu próprio casamento ao chegar à idade, essa moça deve procurar conquistar um rapaz forte e bonito, ou uma pessoa que ela pense que casaria com ela por fraqueza de espírito, mesmo sem o consentimento dos pais.

7.2 Deve fazê-lo pelos meios que a tornem querida dessa pessoa, e também vendo-a e encontrando-a com frequência. A mãe dela também deve fazer com que se encontrem constantemente, por meio das suas amigas e da filha da ama. A própria moça deve procurar ficar a sós com o amado em algum lugar tranquilo e, de vez em quando, dar-lhe flores, noz de bétel, folhas de bétel e perfumes.

7.3 Deve também mostrar a sua habilidade na prática das artes, na massagem, no arranhar e no apertar com as unhas. Deve também falar com ele sobre os assuntos de que ele mais gosta e discutir com ele os modos e meios de conquistar uma moça e ganhar o seu afeto.

8 Mas os autores antigos dizem que, por mais que a moça ame o homem, não deve oferecer-se nem dar os primeiros passos, pois a moça que faz isso perde a sua dignidade e se expõe a ser desprezada e rejeitada.

8.2 Mas quando o homem mostra o seu desejo de gozar dela, ela deve ser-lhe favorável e não mostrar nenhuma mudança no comportamento quando ele a abraçar, e deve receber todas as manifestações do seu amor como se ignorasse o estado do espírito dele.

8.3 Mas quando ele tentar beijá-la, deve opor-se; quando ele pedir licença para ter relações sexuais com ela, deve deixá-lo tocar apenas as suas partes íntimas, e com muita dificuldade; e, embora importunada por ele, não deve entregar-se a ele como se fosse por vontade própria, mas resistir às suas tentativas de possuí-la.

8.4 Ademais, só quando estiver certa de que é verdadeiramente amada, e de que o amante lhe é de fato dedicado e não mudará de ideia, deve então entregar-se a ele e convencê-lo a casar-se com ela depressa. Depois de perder a virgindade, deve contar isso às suas amigas de confiança.

Aqui terminam os esforços de uma moça para conquistar um homem.

10 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem: Uma moça muito procurada deve casar com o homem de quem gosta e que julga que lhe será obediente e capaz de lhe dar prazer.

10.2 Mas quando, por desejo de riqueza, uma moça é casada pelos pais com um homem rico, sem levar em conta o caráter ou a aparência do noivo, ou quando é dada a um homem que tem várias esposas, ela nunca se afeiçoa ao homem, ainda que ele seja dotado de boas qualidades, obediente à vontade dela, ativo, forte, saudável e desejoso de agradá-la de todos os modos. [49] Um marido obediente, mas senhor de si, ainda que pobre e não bonito, é melhor que um que é comum a muitas mulheres, ainda que bonito e atraente.

10.3 As esposas dos homens ricos, onde há muitas esposas, em geral não são afeiçoadas aos maridos nem lhes têm confiança e, ainda que possuam todos os prazeres exteriores da vida, recorrem a outros homens.

10.4 Um homem de espírito baixo, que caiu da sua posição social e que viaja muito, não merece ser escolhido para casar; nem o que tem muitas esposas e filhos, ou o que é dado à caça e ao jogo e só vem à esposa quando lhe apetece.

10.5 De todos os amantes de uma moça, só é seu verdadeiro marido aquele que possui as qualidades de que ela gosta, e só esse marido tem verdadeira superioridade sobre ela, porque é o marido do amor.

11 NOTA:

12 [49] Há muita verdade nestas últimas observações. A mulher é um animal monogâmico: ama um só, gosta de se sentir a única no afeto de um homem e não suporta rivais. Pode-se também tomar como regra geral que as mulheres casadas com homens ricos, ou sustentadas por eles, os amam pela riqueza, e não por eles mesmos.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS FORMAS DE CASAMENTO

✦

1 Quando a moça não pode encontrar-se com o amante em particular com frequência, deve mandar-lhe a filha da sua ama, entendendo-se que confia nela e que antes a ganhou para os seus interesses.

1.2 Ao ver o homem, a filha da ama deve, no decorrer da conversa, descrever-lhe o nascimento nobre, o bom gênio, a beleza, o talento, a habilidade, o conhecimento da natureza humana e o afeto da moça, de modo a não deixá-lo supor que foi mandada por ela, e assim criar afeto pela moça no coração do homem.

1.3 Também à moça deve falar das excelentes qualidades do homem, principalmente das que sabe que agradam à moça. Deve, além disso, falar com desdém dos outros pretendentes da moça e falar da avareza e da indiscrição dos pais deles e da inconstância dos seus parentes.

1.4 Deve também citar exemplos de muitas moças dos tempos antigos, como Shakuntala e outras, que, tendo-se unido a amantes da sua própria casta e da sua própria escolha, foram sempre felizes na companhia deles. E deve falar também de outras moças que casaram em grandes famílias e, atormentadas por esposas rivais, se tornaram desgraçadas e infelizes e foram por fim abandonadas.

1.5 Deve falar ainda da boa sorte, da felicidade contínua, da castidade, da obediência e do afeto do homem e, se a moça ficar apaixonada por ele, deve procurar acalmar a sua vergonha[51] e o seu medo, bem como as suas suspeitas sobre qualquer desgraça que pudesse resultar do casamento.

1.6 Em resumo, deve fazer todo o papel de mensageira, contando à moça tudo sobre o afeto do homem por ela, os lugares que ele frequentava e os esforços que fazia para encontrá-la, e repetindo muitas vezes: "Tudo dará certo se o homem te levar embora à força e de surpresa."

2 As formas de casamento.

3 Quando a moça está conquistada e age abertamente com o homem como sua esposa, ele deve mandar trazer fogo da casa de um brâmane e, tendo espalhado a erva kusha no chão e feito uma oferenda ao fogo, deve casar com ela segundo os preceitos da lei religiosa. Depois disso deve informar os pais do fato, porque é opinião dos autores antigos que um casamento contraído solenemente na presença do fogo não pode depois ser desfeito.

4 Depois da consumação do casamento, os parentes do homem devem ser postos aos poucos a par do assunto, e os parentes da moça também devem ser informados dele de modo que consintam no casamento e passem por alto a maneira como foi feito; e, feito isso, devem depois ser reconciliados com presentes afetuosos e boa conduta. Desse modo o homem deve casar com a moça segundo a forma de casamento Gandharva.

5 Quando a moça não consegue decidir-se, ou não quer manifestar a sua disposição de casar, o homem deve obtê-la por qualquer um dos seguintes modos:

6 (1). Numa ocasião oportuna e sob algum pretexto, deve, por meio de uma amiga que conheça bem e em quem possa confiar, e que também seja bem conhecida da família da moça, fazer com que a moça seja trazida de surpresa à sua casa, e deve então trazer fogo da casa de um brâmane e proceder como já se descreveu.

7 (2). Quando se aproxima o casamento da moça com outra pessoa, o homem deve desacreditar ao máximo o futuro marido no espírito da mãe da moça e então, tendo feito a moça vir, com o consentimento da mãe, a uma casa vizinha, deve trazer fogo da casa de um brâmane e proceder como acima.

8 (3). O homem deve tornar-se grande amigo do irmão da moça, sendo esse irmão da mesma idade que ele e dado às cortesãs e às intrigas com as esposas dos outros, e deve ajudá-lo nesses assuntos e também dar-lhe presentes de vez em quando.

8.2 Deve então falar-lhe do seu grande amor pela irmã dele, pois os rapazes sacrificam até a vida por aqueles que têm a mesma idade, os mesmos hábitos e o mesmo gênio que eles. Depois disso, o homem deve fazer a moça ser levada pelo irmão a algum lugar seguro e, tendo trazido fogo da casa de um brâmane, proceder como antes.

9 (4). O homem deve, por ocasião das festas, fazer com que a filha da ama dê à moça alguma substância embriagante e então fazê-la ser levada a algum lugar seguro, sob o pretexto de algum assunto, e ali, tendo gozado dela antes que ela se recupere da embriaguez, deve trazer fogo da casa de um brâmane e proceder como antes.

10 (5). O homem deve, com a conivência da filha da ama, levar a moça da casa dela enquanto ela dorme e então, tendo gozado dela antes que ela acorde, deve trazer fogo da casa de um brâmane e proceder como antes.

11 (6). Quando a moça for a um jardim ou a alguma aldeia vizinha, o homem deve, com os amigos, cair sobre os guardas dela e, tendo-os matado ou afugentado, levá-la à força e proceder como antes.

12 Há versos sobre o assunto, que dizem: Em todas as formas de casamento dadas neste capítulo desta obra, a que vem antes é melhor que a que vem depois, por estar mais de acordo com os mandamentos da religião; por isso, só quando for impossível pôr em prática a anterior se deve recorrer à seguinte.

12.2 Como o fruto de todos os bons casamentos é o amor, a forma de casamento Gandharva[52] é respeitada, mesmo quando contraída em circunstâncias desfavoráveis, porque cumpre o objetivo buscado.

12.3 Outra causa do respeito dado à forma de casamento Gandharva é que ela produz felicidade, dá menos trabalho para ser realizada que qualquer outra forma de casamento e é, sobretudo, o resultado de um amor anterior.

13 NOTA:

14 [50] Essas formas de casamento diferem das quatro espécies de casamento mencionadas no Capítulo I e só devem ser usadas quando a moça é conquistada do modo mencionado nos Capítulos III e IV.

15 [51] Sobre isso, veja-se uma história sobre os efeitos fatais do amor na página 114 de "Early Ideas; a Group of Hindoo Stories", reunidas e cotejadas por Anaryan. W. H. Allen and Co., Londres, 1881.

16 [52] Sobre a forma de casamento Gandharvavivaha, veja-se a nota à página 28 de "Vickram and the Vampire; or Tales of Hindu Devilry", do capitão R. F. Burton. Longman, Green & Co., Londres, 1870. Essa forma de matrimônio era reconhecida pelos antigos hindus e é frequente nos livros.

É uma espécie de casamento escocês — ultracaledônio —, que se realiza por consentimento mútuo, sem forma nem cerimônia. Os Gandharvas são menestréis celestes da corte de Indra, que se supõe serem as testemunhas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA VIDA DA ESPOSA VIRTUOSA

✦



1 A mulher virtuosa, que tem afeto pelo marido, deve agir de acordo com os desejos dele como se ele fosse um ser divino e, com o seu consentimento, tomar a seu cargo todo o cuidado da família. Deve manter a casa inteira bem limpa, arranjar flores de várias espécies em diferentes partes dela e deixar o chão liso e polido, para dar a tudo um aspecto asseado e agradável.

1.2 Deve cercar a casa com um jardim e ter nele, prontos, todos os materiais necessários para os sacrifícios da manhã, do meio-dia e da tarde. Além disso, deve ela mesma venerar o santuário dos Deuses do Lar, pois, diz Gonardiya, "nada atrai tanto o coração de um chefe de família para a esposa quanto a observância cuidadosa das coisas mencionadas acima".

2 Para com os pais, os parentes, os amigos, as irmãs e os criados do marido, deve comportar-se como eles merecem. No jardim deve plantar canteiros de verduras, touceiras de cana-de-açúcar e moitas de figueira, mostarda,

salsa, funcho e xanthochymus pictorius.

2.2 Também devem ser plantados grupos de várias flores, como a trapa bispinosa, o jasmim, o jasminum grandiflorum, o amaranto-amarelo, o jasmim-silvestre, a tabernaemontana coronaria, a nadyaworta, o hibisco e outras, junto com a erva perfumada andropogon schoenanthus e a raiz perfumada da planta andropogon muricatus.

2.3 Deve também mandar fazer no jardim assentos e caramanchões, no meio dos quais se deve cavar um poço, um tanque ou um lago.

3 A esposa deve sempre evitar a companhia de mendigas, de monjas mendicantes budistas, de mulheres impudicas e velhacas, de adivinhas e de bruxas. Quanto às refeições, deve sempre considerar do que o marido gosta e do que não gosta, e que coisas lhe fazem bem e quais lhe fazem mal.

3.2 Quando ouvir os passos dele chegando em casa, deve levantar-se logo e estar pronta para fazer o que ele mandar, e ordenar à criada que lhe lave os pés ou lavá-los ela mesma.

3.3 Quando for a algum lugar com o marido, deve pôr os seus enfeites, e sem o consentimento dele não deve dar nem aceitar convites, nem assistir a casamentos e sacrifícios, nem sentar-se na companhia de amigas, nem visitar os templos dos Deuses. E, se quiser participar de qualquer espécie de jogos ou divertimentos, não deve fazê-lo contra a vontade dele.

3.4 Do mesmo modo, deve sempre sentar-se depois dele e levantar-se antes dele, e nunca deve acordá-lo quando estiver dormindo. A cozinha deve ficar num lugar tranquilo e retirado, de modo a não ser acessível a estranhos, e deve estar sempre limpa.

4 Em caso de alguma má conduta do marido, não deve censurá-lo em excesso, ainda que fique um pouco descontente. Não deve usar com ele linguagem ofensiva, mas repreendê-lo com palavras conciliadoras, esteja ele na companhia de amigos ou sozinho.

4.2 Ademais, não deve ser ralhadora, pois, diz Gonardiya, "não há causa de aversão de um marido tão grande quanto essa característica numa esposa". Por fim, deve evitar más expressões, olhares amuados, falar à parte, ficar parada à porta e olhar os que passam, conversar nos bosques de recreio e ficar muito tempo num lugar retirado; e, finalmente, deve sempre manter o corpo, os dentes, os cabelos e tudo o que lhe pertence arrumado, perfumado e limpo.

5 Quando a esposa quiser aproximar-se do marido em particular, a sua roupa deve consistir em muitos enfeites, várias espécies de flores e um tecido decorado de diferentes cores, com alguns unguentos ou pomadas perfumadas. Mas a sua roupa de todos os dias deve ser de um tecido fino e de trama fechada, com poucos enfeites e flores e um pouco de perfume, não demais. Deve também observar os jejuns e os votos do marido e, quando ele tentar impedi-la de fazê-lo, convencê-lo a deixá-la fazer.

6 Nas épocas apropriadas do ano, e quando estiverem baratos, deve comprar barro, bambus, lenha, peles e panelas de ferro, assim como sal e óleo. Substâncias perfumadas, vasos feitos do fruto da planta wrightia antidysenterica, ou wrightia de folha oval, remédios e outras coisas sempre necessárias devem ser obtidos quando preciso e guardados num lugar secreto da casa.

6.2 As sementes de rabanete, batata, beterraba comum, losna indiana, manga, pepino, berinjela, kushmanda, abóbora, surana, bignonia indica, sândalo, premna spinosa, alho, cebola e outros vegetais devem ser compradas e semeadas nas estações adequadas.

7 A esposa, além disso, não deve contar a estranhos o montante da sua riqueza, nem os segredos que o marido lhe confiou. Deve superar todas as mulheres da sua condição em inteligência, aparência, conhecimento de cozinha, brio e na maneira de servir o marido. As despesas do ano devem ser reguladas pelos ganhos.

7.2 O leite que sobra das refeições deve ser transformado em ghee, ou manteiga clarificada. O óleo e o açúcar devem ser preparados em casa; também ali se deve fiar e tecer; e deve haver uma provisão de cordas e cordões e de cascas de árvore para torcer em cordas. Deve também cuidar de pilar e limpar o arroz, aproveitando de algum modo os grãos miúdos e a palha.

7.3 Deve pagar o salário dos criados, cuidar do cultivo dos campos e da guarda dos rebanhos e manadas, supervisionar a fabricação dos veículos e cuidar dos carneiros, galos, codornas, papagaios, estorninhos, cucos, pavões, macacos e cervos; e, por fim, acertar as entradas e as despesas do dia.

7.4 As roupas gastas devem ser dadas aos criados que fizeram bom trabalho, para lhes mostrar que os seus serviços foram apreciados, ou podem ser empregadas em outro uso. Os vasos em que se prepara o vinho, assim como aqueles em que é guardado, devem ser cuidados com atenção e guardados no momento certo. Todas as vendas e compras também devem ser bem acompanhadas.

7.5 Os amigos do marido ela deve receber oferecendo-lhes flores, unguento, incenso, folhas de bétel e noz de bétel. O sogro e a sogra ela deve tratar como merecem, permanecendo sempre dependente da vontade de-

les, nunca os contradizendo, falando-lhes com poucas palavras e não ásperas, não rindo alto na sua presença e agindo com os amigos e os inimigos deles como com os seus.

7.6 Além disso, não deve ser vaidosa nem ocupar-se demais com os seus prazeres. Deve ser generosa com os criados e recompensá-los nos feriados e nas festas; e não deve dar nada sem antes informar o marido.

8 Assim termina o modo de vida da mulher virtuosa.

9 Durante a ausência do marido em viagem, a mulher virtuosa deve usar só os seus enfeites auspiciosos e observar os jejuns em honra dos Deuses. Embora ansiosa por notícias do marido, deve continuar cuidando dos assuntos da casa. Deve dormir perto das mulheres mais velhas da casa e tornar-se agradável a elas.

9.2 Deve cuidar das coisas de que o marido gosta e mantê-las em bom estado, e continuar os trabalhos começados por ele. À casa dos parentes não deve ir senão em ocasiões de alegria e de tristeza, e então deve ir com a sua roupa habitual de viagem, acompanhada dos criados do marido, e não ficar lá por muito tempo.

9.3 Os jejuns e as festas devem ser observados com o consentimento dos mais velhos da casa. Os recursos devem ser aumentados fazendo compras e vendas segundo a prática dos mercadores, por meio de criados honestos supervisionados por ela mesma. As entradas devem ser aumentadas e as despesas diminuídas o mais possível.

9.4 E quando o marido voltar da viagem, deve recebê-lo primeiro com as suas roupas comuns, para que ele saiba de que modo ela viveu durante a sua ausência, e deve levar-lhe alguns presentes, bem como os materiais para o culto da Divindade.

10 Assim termina a parte relativa ao comportamento da esposa durante a ausência do marido em viagem.

11 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

12 "A esposa, seja ela mulher de família nobre, ou viúva virgem[53] casada de novo, ou concubina, deve levar uma vida casta, dedicada ao marido, fazendo tudo pelo bem dele. As mulheres que agem assim adquirem Dharma, Artha e Kama, obtêm uma posição elevada e em geral mantêm os maridos dedicados a elas."

13 NOTA:

14 [53] Isso provavelmente se refere a uma moça casada na infância, ou muito jovem, cujo marido morreu antes que ela chegasse à puberdade. Os casamentos de crianças ainda são o costume comum dos hindus.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA CONVIVÊNCIA ENTRE AS ESPOSAS

✦

1 As causas de casar de novo enquanto a esposa ainda vive são as seguintes:

2 (1). A tolice ou o mau gênio da esposa.

3 (2). A aversão do marido por ela.

4 (3). A falta de descendência.

5 (4). O nascimento contínuo de filhas.

6 (5). A incontinência do marido.

7 Desde o começo, a esposa deve procurar atrair o coração do marido, mostrando-lhe continuamente a sua dedicação, o seu bom gênio e a sua sabedoria. Se, porém, não lhe der filhos, deve ela mesma dizer ao marido que case com outra mulher.

7.2 E quando a segunda esposa estiver casada e trazida para a casa, a primeira esposa deve dar-lhe uma posição superior à sua e considerá-la como irmã. De manhã, a esposa mais velha deve obrigar a mais nova a enfeitar-se na presença do marido, e não deve importar-se se todo o favor do marido for dado a ela.

7.3 Se a esposa mais nova fizer alguma coisa que desagrade ao marido, a mais velha não deve descuidar dela, mas estar sempre pronta a dar-lhe os conselhos mais cuidadosos e ensinar-lhe a fazer várias coisas na presença do marido.

7.4 Os filhos dela deve tratar como seus, as criadas dela deve considerar com mais atenção até do que as suas próprias, as amigas dela deve tratar com amor e bondade, e os parentes dela com grande honra.

8 Quando há muitas outras esposas além dela, a esposa mais velha deve associar-se àquela que vem logo abaixo dela em posição e idade, e deve instigar a esposa que recentemente gozou do favor do marido a brigar com a favorita do momento.

8.2 Depois disso deve mostrar simpatia pela primeira e, tendo reunido todas as outras esposas, levá-las a denunciar a favorita como mulher intrigante e perversa, sem, porém, comprometer-se de modo algum. Se a esposa favorita brigar com o marido, a esposa mais velha deve tomar o partido dela e dar-lhe falso incentivo, e assim fazer a briga crescer.

8.3 Se houver só uma pequena briga entre os dois, a esposa mais velha deve fazer tudo o que puder para transformá-la numa grande briga. Mas se, depois de tudo isso, ela vir que o marido continua a amar a esposa favorita, deve então mudar de tática e procurar promover a reconciliação entre eles, para evitar o desagrado do marido.

9 Assim termina a conduta da esposa mais velha.

10 A esposa mais nova deve considerar a esposa mais velha do marido como sua mãe e não deve dar nada, nem mesmo aos seus parentes, sem o conhecimento dela. Deve contar-lhe tudo sobre si mesma e não se aproximar do marido sem a sua permissão. O que a esposa mais velha lhe disser não deve revelar a outros, e deve cuidar dos filhos da mais velha ainda mais do que dos seus.

10.2 Quando estiver a sós com o marido, deve servi-lo bem, mas não lhe falar da dor que sofre pela existência de uma esposa rival. Pode também obter em segredo do marido algumas mostras da sua consideração especial por ela, e pode dizer-lhe que vive só para ele e pela consideração que ele tem por ela.

10.3 Nunca deve revelar a ninguém o seu amor pelo marido, nem o amor do marido por ela, nem por orgulho nem por raiva, pois a esposa que revela os segredos do marido é desprezada por ele. Quanto a procurar obter a consideração do marido, Gonardiya diz que isso deve ser feito sempre em particular, por medo da esposa mais velha.

10.4 Se a esposa mais velha não for querida pelo marido, ou não tiver filhos, a mais nova deve mostrar-lhe simpatia e pedir ao marido que faça o mesmo, mas deve superá-la em levar a vida de mulher casta.

11 Assim termina a conduta da esposa mais nova para com a mais velha.

12 Uma viúva pobre, ou de natureza fraca, que se une de novo a um homem, chama-se viúva casada de novo.

13 Os seguidores de Babhravya dizem que uma viúva virgem não deve casar com uma pessoa que talvez seja obrigada a deixar por causa do seu mau caráter, ou por ser desprovida das excelentes qualidades de um homem, vendo-se assim obrigada a recorrer a outra pessoa.

13.2 Gonardiya é de opinião que, como a causa de uma viúva casar de novo é o seu desejo de felicidade, e como a felicidade se garante pela posse de excelentes qualidades no marido, unidas ao gosto pelo prazer, é melhor, portanto, garantir desde o início uma pessoa dotada dessas qualidades.

13.3 Vatsyayana, porém, pensa que a viúva pode casar com qualquer pessoa de quem goste e que julgue convir-lhe.

14 Por ocasião do casamento, a viúva deve obter do marido o dinheiro para pagar o custo de festas com bebida e de piqueniques com os parentes, e para lhes dar, a eles e às amigas, regalos e presentes; ou pode fazer essas coisas à sua própria custa, se quiser. Do mesmo modo, pode usar os enfeites do marido ou os seus.

14.2 Quanto aos presentes de afeto trocados entre o marido e ela, não há regra fixa sobre eles. Se ela deixar o marido depois do casamento por vontade própria, deve devolver-lhe tudo o que ele lhe tenha dado, com exceção dos presentes mútuos. Se, contudo, for expulsa de casa pelo marido, não deve devolver-lhe nada.

15 Depois do casamento, deve viver na casa do marido como um dos principais membros da família, mas tratar as outras damas da família com bondade, os criados com generosidade e todos os amigos da casa com familiaridade e bom humor.

15.2 Deve mostrar que conhece as sessenta e quatro artes melhor que as outras damas da casa e, nas brigas com o marido, não deve repreendê-lo com severidade, mas, em particular, fazer tudo o que ele deseja e usar as sessenta e quatro maneiras de prazer.

15.3 Deve ser prestativa com as outras esposas do marido e dar presentes aos filhos delas, comportar-se como patroa deles e fazer enfeites e brinquedos para o seu uso.

15.4 Nos amigos e criados do marido deve confiar mais do que nas outras esposas dele e, por fim, deve gostar de festas com bebida, de ir a piqueniques, de frequentar feiras e festas e de realizar toda espécie de jogos e divertimentos.

16 Assim termina a conduta da viúva virgem casada de novo.

17 Uma mulher de quem o marido não gosta, e que é aborrecida e afligida pelas outras esposas dele, deve associar-se à esposa de quem o marido mais gosta e que o serve mais que as outras, e deve ensinar-lhe todas as artes que conhece. Deve fazer o papel de ama dos filhos do marido e, tendo ganho os amigos dele para o seu lado, fazê-lo saber por meio deles da sua dedicação a ele.

17.2 Nas cerimônias religiosas deve ser uma líder, assim como nos votos e jejuns, e não deve ter opinião boa demais de si mesma. Quando o marido estiver deitado na cama, deve ir para perto dele só quando isso lhe for agradável, e nunca deve repreendê-lo nem mostrar teimosia de modo algum.

17.3 Se o marido brigar com alguma das outras esposas, deve reconciliá-los; e, se ele desejar ver alguma mulher em segredo, deve conseguir promover o encontro entre eles. Deve, além disso, conhecer os pontos fracos do caráter do marido, mas mantê-los sempre em segredo, e em geral comportar-se de tal modo que o leve a considerá-la uma esposa boa e dedicada.

Aqui termina a conduta da esposa de quem o marido não gosta.

19 As seções acima mostram como devem comportar-se todas as mulheres do serralho do rei; por isso falaremos agora separadamente só do rei.

20 As criadas do harém (chamadas respectivamente Kanchukiyas,[54] Mahallarikas[55] e Mahallikas[56]) devem levar ao rei flores, unguentos e roupas da parte das esposas do rei, e ele, tendo recebido essas coisas, deve dá-las de presente aos criados, junto com as coisas que usou no dia anterior.

20.2 À tarde, o rei, vestido e com os seus enfeites, deve receber as mulheres do harém, que também devem estar vestidas e enfeitadas com joias. Então, tendo dado a cada uma delas o lugar e o respeito que convêm à ocasião

e que merecem, deve ter com elas uma conversa alegre.

20.3 Depois disso deve ver as esposas que são viúvas virgens casadas de novo e, depois delas, as concubinas e as dançarinas. Todas elas devem ser visitadas em seus próprios aposentos.

21 Quando o rei se levanta da sesta do meio-dia, a mulher que tem o dever de informar o rei sobre a esposa que passará a noite com ele deve vir até ele acompanhada das criadas da esposa cuja vez chegou na ordem regular, da que por acaso foi preterida quando chegou a sua vez e da que estava indisposta na hora da sua vez.

21.2 Essas criadas devem pôr diante do rei os unguentos e pomadas enviados por cada uma dessas esposas, marcados com o selo do seu anel, e devem dizer ao rei os nomes delas e as razões por que enviaram os unguentos. Depois disso, o rei aceita o unguento de uma delas, que é então informada de que o seu unguento foi aceito e de que o seu dia está marcado.[57]

22 Nas festas, nas reuniões de canto e nos espetáculos, todas as esposas do rei devem ser tratadas com respeito e servidas de bebidas.

23 Mas as mulheres do harém não devem ter permissão de sair sozinhas, nem se deve permitir que nenhuma mulher de fora entre no harém, exceto aquelas cujo caráter é bem conhecido. E, por fim, o trabalho que as esposas do rei têm de fazer não deve ser cansativo demais.

24 Assim termina a conduta do rei para com as mulheres do harém, e a conduta delas mesmas.

25 O homem que casa com muitas esposas deve agir com justiça para com todas. Não deve nem desconsiderar nem deixar passar os seus defeitos, e não deve revelar a uma esposa o amor, a paixão, os defeitos do corpo e as

censuras confidenciais da outra.

25.2 Não se deve dar a nenhuma delas a oportunidade de lhe falar das rivais, e, se uma delas começar a falar mal de outra, ele deve repreendê-la e dizer-lhe que ela tem exatamente os mesmos defeitos de caráter.

25.3 A uma deve agradar com confiança secreta, a outra com respeito secreto, a outra com lisonja secreta, e deve agradar a todas indo a jardins, com divertimentos, com presentes, honrando os seus parentes, contando-lhes segredos e, por fim, com uniões amorosas.

25.4 A jovem de bom gênio e que se conduz segundo os preceitos das Escrituras Sagradas ganha o afeto do marido e obtém superioridade sobre as rivais.

26 Assim termina a conduta do marido para com muitas esposas.

27 [54] Nome dado às criadas do zenana dos reis nos tempos antigos, porque mantinham sempre os seios cobertos com um pano chamado Kanchuki. Era costume, antigamente, que as criadas cobrissem os seios com um pano, enquanto as rainhas os mantinham descobertos. Esse costume se vê claramente nas pinturas das cavernas de Ajanta.

28 [55] O sentido desta palavra é mulher superior; parece, por conseguinte, que a Mahallarika devia ser uma pessoa com autoridade sobre as criadas da casa.

29 [56] Também este era um posto das mulheres empregadas no harém. Em tempos posteriores, esse lugar foi dado a eunucos.

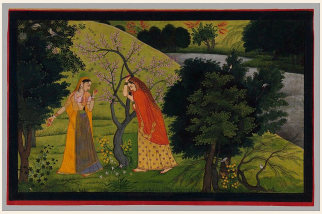
30 [57] Como os reis em geral tinham muitas esposas, era costume gozarem delas por turnos. Mas, como acontecia às vezes que algumas perdiam a sua vez por causa da ausência do rei ou por estarem indispostas, nesses casos as

mulheres cujas vezes tinham sido preteridas e aquelas cujas vezes tinham chegado faziam uma espécie de sorteio: os unguentos de todas as pretendentes eram enviados ao rei, que aceitava o unguento de uma delas, e assim resolvia a questão.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO CARÁTER DE HOMENS E MULHERES

✦



[1] As esposas dos outros podem ser procuradas nas ocasiões já descritas na Parte I, Capítulo 5, desta obra, mas antes de tudo devem examinar-se a possibilidade de obtê-las, a sua aptidão para a convivência, o perigo para si mesmo ao unir-se a elas e o efeito futuro dessas uniões. O homem pode recorrer à esposa de outro para salvar a própria vida, quando percebe que o seu amor por ela passa de um grau de intensidade a outro. Esses graus são dez e distinguem-se pelos seguintes sinais:

[2] 1. Amor dos olhos.

[3] 2. Apego da mente.

[4] 3. Pensamento constante.

[5] 4. Perda do sono.

[6] 5. Emagrecimento do corpo.

[7] 6. Afastamento dos objetos de prazer.

[8] 7. Perda da vergonha.

9 8. Loucura.

10 9. Desmaio.

11 10. Morte.

12 Os autores antigos dizem que o homem deve conhecer o gênio, a sinceridade, a pureza e a vontade de uma jovem, bem como a intensidade ou a fraqueza das suas paixões, pela forma do seu corpo e pelas suas marcas e sinais característicos. Mas Vatsyayana é de opinião que as formas do corpo e as marcas ou sinais característicos são apenas provas enganosas do caráter, e que as mulheres devem ser julgadas pela sua conduta, pela expressão exterior dos seus pensamentos e pelos movimentos do seu corpo.

13 Ora, como regra geral, Gonikaputra diz que a mulher se apaixona por todo homem bonito que vê, e o mesmo faz todo homem ao ver uma mulher bela, mas muitas vezes não dão mais nenhum passo, por várias considerações. No amor, as seguintes circunstâncias são próprias da mulher.

13.2 Ela ama sem considerar o certo ou o errado[58] e não procura conquistar um homem simplesmente para alcançar algum fim particular. Além disso, quando um homem a corteja pela primeira vez, ela naturalmente se retrai, ainda que esteja disposta a unir-se a ele. Mas quando as tentativas de conquistá-la se repetem e se renovam, ela por fim consente.

13.3 Já o homem, ainda que tenha começado a amar, vence os seus sentimentos por respeito à moral e à sabedoria e, embora os seus pensamentos estejam muitas vezes na mulher, não cede, ainda que se tente conquistá-lo. Às vezes faz uma tentativa ou um esforço para conquistar o objeto do seu afeto e, tendo falhado, deixa-a em paz para sempre.

13.4 Do mesmo modo, uma vez conquistada a mulher, muitas vezes se torna indiferente a ela. Quanto ao dito de que o homem não liga para o que se obtém facilmente e só deseja o que não se pode obter sem dificuldade, isso é só conversa.

14 As causas de uma mulher rejeitar as investidas de um homem são as seguintes:

15 1. Afeto pelo marido.

16 2. Desejo de descendência legítima.

17 3. Falta de oportunidade.

18 4. Raiva por ser abordada pelo homem com familiaridade excessiva.

19 5. Diferença de condição social.

20 6. Falta de segurança, por ser o homem dado a viagens.

21 7. Pensar que o homem pode estar ligado a outra pessoa.

22 8. Medo de que o homem não mantenha em segredo as suas intenções.

23 9. Pensar que o homem é dedicado demais aos amigos e tem consideração demais por eles.

24 10. O receio de que ele não esteja falando sério.

25 11. Timidez por ser ele um homem ilustre.

26 12. Medo por ser ele poderoso, ou de paixão impetuosa demais, no caso da mulher corça.

27 13. Timidez por ser ele inteligente demais.

28 14. A lembrança de ter convivido com ele só em termos de amizade.

29 15. Desprezo pela sua falta de conhecimento do mundo.

30 16. Desconfiança do seu caráter baixo.

31 17. Desgosto por ele não perceber o amor dela por ele.

32 18. No caso da mulher elefanta, o pensamento de que ele é um homem lebre, ou de paixão fraca.

33 19. Compaixão, temendo que algo lhe aconteça por causa da sua paixão.

34 20. Desespero pelas próprias imperfeições.

35 21. Medo de ser descoberta.

36 22. Desilusão ao ver os seus cabelos grisalhos ou a sua aparência gasta.

37 23. Medo de que ele tenha sido encarregado pelo marido de pôr à prova a sua castidade.

38 24. O pensamento de que ele tem consideração demais pela moral.

39 Qualquer que seja a causa acima que o homem perceba, deve procurar removê-la desde o começo. Assim, a timidez que possa nascer da sua grandeza ou da sua capacidade, ele deve removê-la mostrando o seu grande amor e afeto por ela. A dificuldade da falta de oportunidade, ou da sua inacessibilidade, deve removê-la mostrando-lhe algum meio fácil de acesso.

39.2 O respeito excessivo que a mulher tem por ele deve ser removido tornando-se muito familiar. As dificuldades que nascem de ser ele tido por caráter baixo, deve removê-las mostrando a sua coragem e a sua sabedoria; as que vêm do descaso, com atenção redobrada; e as que nascem do medo, dando-lhe o devido incentivo.

40 Os homens que em geral têm êxito com as mulheres são os seguintes.

41 1. Homens versados na ciência do amor.

42 2. Homens hábeis em contar histórias.

43 3. Homens que conhecem as mulheres desde a infância.

44 4. Homens que conquistaram a confiança delas.

45 5. Homens que lhes mandam presentes.

46 6. Homens que falam bem.

47 7. Homens que fazem as coisas de que elas gostam.

48 8. Homens que não amaram outras mulheres antes.

49 9. Homens que servem de mensageiros.

50 10. Homens que conhecem os seus pontos fracos.

51 11. Homens desejados por boas mulheres.

52 12. Homens ligados às amigas delas.

53 13. Homens de boa aparência.

54 14. Homens que foram criados com elas.

55 15. Homens que são seus vizinhos.

56 16. Homens dedicados aos prazeres sexuais, ainda que sejam os seus próprios criados.

57 17. Os amantes das filhas das suas amas.

58 18. Homens casados há pouco.

59 19. Homens que gostam de piqueniques e festas.

60 20. Homens generosos.

61 21. Homens célebres por serem muito fortes (homens touro).

62 22. Homens empreendedores e corajosos.

63 23. Homens que superam os maridos delas em saber e boa aparência, em boas qualidades e em generosidade.

64 24. Homens cuja roupa e cujo modo de vida são magníficos.

65 As mulheres que se conquistam facilmente são as seguintes.

66 1. Mulheres que ficam à porta de casa.

67 2. Mulheres que estão sempre olhando para a rua.

68 3. Mulheres que ficam sentadas conversando na casa da vizinha.

69 4. A mulher que está sempre olhando fixamente para você.

70 5. A mensageira.

71 6. A mulher que o olha de soslaio.

72 7. A mulher cujo marido tomou outra esposa sem justa causa.

73 8. A mulher que odeia o marido ou é odiada por ele.

74 9. A mulher que não tem ninguém que cuide dela ou a mantenha sob controle.

75 10. A mulher que não teve filhos.

76 11. A mulher cuja família ou casta não é bem conhecida.

[77] 12. A mulher cujos filhos morreram.

[78] 13. A mulher que gosta muito da vida social.

[79] 14. A mulher aparentemente muito carinhosa com o marido.

[80] 15. A esposa de um ator.

[81] 16. A viúva.

[82] 17. A mulher pobre.

[83] 18. A mulher que gosta de prazeres.

[84] 19. A esposa de um homem com muitos irmãos mais novos.

[85] 20. A mulher vaidosa.

[86] 21. A mulher cujo marido lhe é inferior em condição ou em capacidade.

[87] 22. A mulher orgulhosa da sua habilidade nas artes.

[88] 23. A mulher perturbada pela tolice do marido.

[89] 24. A mulher que foi casada na infância com um homem rico e, não gostando dele ao crescer, deseja um homem de gênio, talento e sabedoria de acordo com os seus gostos.

[90] 25. A mulher desprezada pelo marido sem nenhuma causa.

[91] 26. A mulher que não é respeitada por outras mulheres da mesma condição ou beleza.

[92] 27. A mulher cujo marido é dado a viagens.

[93] 28. A esposa de um joalheiro.

[94] 29. A mulher ciumenta.

95 30. A mulher cobiçosa.

96 31. A mulher imoral.

97 32. A mulher estéril.

98 33. A mulher preguiçosa.

99 34. A mulher covarde.

100 35. A mulher corcunda.

101 36. A mulher anã.

102 37. A mulher deformada.

103 38. A mulher vulgar.

104 39. A mulher de mau cheiro.

105 40. A mulher doente.

106 41. A mulher velha.

107 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

108 "O desejo, que nasce da natureza, é aumentado pela arte e do qual a sabedoria tira todo o perigo, torna-se firme e seguro. O homem hábil, contando com a própria capacidade, observando com cuidado as ideias e os pensamentos das mulheres e removendo as causas de elas se afastarem dos homens, em geral tem êxito com elas."

109 NOTA:

110 [58] On peut tout attendre et tout supposer d'une femme amoureuse. ("De uma mulher apaixonada pode-se esperar e supor tudo.") — Balzac.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DE COMO CONHECER A MULHER

✦

1 Os autores antigos são de opinião que as moças não se seduzem tão facilmente por meio de mensageiras quanto pelos esforços do próprio homem, mas que as esposas dos outros se alcançam mais facilmente com a ajuda de mensageiras do que pelos esforços pessoais de um homem.

1.2 Mas Vatsyayana estabelece que, sempre que possível, o homem deve agir ele mesmo nesses assuntos, e só quando isso for impraticável ou impossível se devem empregar mensageiras.

1.3 Quanto ao dito de que as mulheres que agem e falam com ousadia e liberdade devem ser conquistadas pelos esforços pessoais do homem, e de que as mulheres que não têm essas qualidades devem ser alcançadas por mensageiras, isso é só conversa.

2 Ora, quando o homem age ele mesmo no assunto, deve antes de tudo travar conhecimento com a mulher que ama do seguinte modo.

3 1º. Deve dar um jeito de ser visto pela mulher numa oportunidade natural ou especial. Oportunidade natural é quando um deles vai à casa do outro, e oportunidade especial é quando se encontram na casa de um amigo, de alguém da mesma casta, de um ministro ou de um médico, e também por ocasião de cerimônias de casamento, sacrifícios, festas, funerais e reuniões em jardins.

4 2º. Quando se encontrarem, o homem deve ter o cuidado de olhá-la de modo a fazer-lhe conhecer o estado do seu espírito; deve mexer no bigode, fazer um som com as unhas, fazer tilintar os seus enfeites, morder o lábio

inferior e fazer vários outros sinais desse tipo.

4.2 Quando ela estiver olhando para ele, deve falar com os amigos sobre ela e outras mulheres e mostrar-lhe a sua generosidade e o seu apreço pelos prazeres. Quando estiver sentado ao lado de uma amiga, deve bocejar e contorcer o corpo, franzir as sobrancelhas, falar bem devagar, como se estivesse cansado, e escutá-la com indiferença.

4.3 Deve também ter com uma criança ou outra pessoa uma conversa de duplo sentido, aparentemente referente a uma terceira pessoa, mas na verdade referente à mulher que ama, e desse modo deve manifestar o seu amor sob o pretexto de se referir a outros, e não a ela.

4.4 Deve fazer no chão, com as unhas ou com um pau, marcas que se refiram a ela, e deve abraçar e beijar uma criança na presença dela, dar-lhe com a língua a mistura de noz e folha de bétel e apertar-lhe o queixo com os dedos, de modo carinhoso. Todas essas coisas devem ser feitas no momento e nos lugares adequados.

5 3º. O homem deve afagar uma criança que esteja sentada no colo dela, dar-lhe alguma coisa para brincar e também tomá-la de volta. Pode também conversar com ela sobre a criança, e desse modo deve ir conhecendo-a bem, e deve também tornar-se agradável aos parentes dela.

5.2 Depois, esse conhecimento deve servir de pretexto para visitar a casa dela com frequência, e nessas ocasiões deve conversar sobre o amor na ausência dela, mas de modo que ela ouça.

5.3 À medida que aumenta a intimidade com ela, deve confiar-lhe algum depósito ou guarda e retirar dele uma pequena porção de cada vez; ou pode dar-lhe algumas substâncias perfumadas ou nozes de bétel para que ela as guarde para ele.

5.4 Depois disso deve procurar que ela conheça bem a sua própria esposa e fazer com que tenham conversas confidenciais e se sentem juntas em lugares retirados. Para vê-la com frequência, deve fazer com que o mesmo ourives, o mesmo joalheiro, o mesmo cesteiro, o mesmo tintureiro e o mesmo lavadeiro sejam empregados pelas duas famílias.

5.5 E deve também fazer-lhe longas visitas às claras, sob o pretexto de tratar de negócios com ela, e um negócio deve levar a outro, de modo a manter o contato entre eles.

5.6 Sempre que ela quiser alguma coisa, ou precisar de dinheiro, ou desejar adquirir habilidade numa das artes, ele deve dar-lhe a entender que está disposto e é capaz de fazer tudo o que ela quiser, de lhe dar dinheiro ou de lhe ensinar uma das artes, estando todas essas coisas bem dentro da sua capacidade e do seu poder.

5.7 Do mesmo modo deve ter discussões com ela na companhia de outras pessoas, e devem falar dos feitos e ditos dos outros e examinar coisas diferentes, como joias, pedras preciosas etc.

5.8 Nessas ocasiões deve mostrar-lhe certas coisas cujo valor ela talvez não conheça e, se ela começar a discutir com ele sobre as coisas ou o seu valor, ele não deve contradizê-la, mas mostrar que concorda com ela em tudo.

6 Assim terminam os modos de travar conhecimento com a mulher desejada.

7 Ora, depois que uma moça travou conhecimento com o homem do modo descrito acima e lhe manifestou o seu amor pelos vários sinais exteriores e pelos movimentos do corpo, o homem deve fazer todo esforço para conquistá-la.

7.2 Mas, como as moças não conhecem a união sexual, devem ser tratadas com a maior delicadeza, e o homem deve proceder com muita cautela, embora no caso de outras mulheres, acostumadas à relação sexual, isso não seja necessário.

7.3 Quando as intenções da moça forem conhecidas e a sua timidez posta de lado, o homem deve começar a usar o dinheiro dela, e deve haver troca de roupas, anéis e flores. Nisso o homem deve ter um cuidado especial para que as coisas dadas por ele sejam bonitas e valiosas.

7.4 Deve, além disso, receber dela uma mistura de noz e folha de bétel e, quando for a uma festa, pedir a flor do cabelo dela ou a flor da sua mão. Se ele mesmo lhe der uma flor, deve ser perfumada e marcada com sinais feitos pelas suas unhas ou dentes.

7.5 Com dedicação crescente deve dissipar os medos dela e, aos poucos, levá-la a ir com ele a algum lugar retirado, e ali deve abraçá-la e beijá-la. E por fim, no momento de lhe dar noz de bétel, ou de recebê-la dela, ou no momento de trocar flores, deve tocar e apertar as partes íntimas dela, levando assim os seus esforços a uma conclusão satisfatória.

8 Quando o homem está tentando seduzir uma mulher, não deve tentar seduzir outra ao mesmo tempo. Mas, depois de ter tido êxito com a primeira e gozado dela por bastante tempo, pode conservar o afeto dela dando-lhe presentes de que ela goste, e então começar a cortejar outra mulher.

8.2 Quando o homem vê o marido de uma mulher indo a algum lugar perto da sua casa, não deve gozar da mulher nesse momento, ainda que ela possa ser facilmente conquistada então. O homem sábio que preza a sua reputação não deve pensar em seduzir uma mulher apreensiva, tímida, em quem não se pode confiar, bem guardada, ou que tenha sogro ou sogra.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO EXAME DOS SENTIMENTOS DA MULHER

✦

1 Quando o homem procura conquistar uma mulher, deve examinar o estado do seu espírito e agir como segue.

2 Se ela o escuta, mas não lhe manifesta de modo algum as suas próprias intenções, ele deve então procurar conquistá-la por meio de uma intermediária.

3 Se ela se encontra com ele uma vez e volta a encontrá-lo mais bem vestida que antes, ou vem até ele em algum lugar retirado, ele deve ter certeza de que ela pode ser possuída com o uso de um pouco de força. A mulher que deixa um homem cortejá-la, mas não se entrega, mesmo depois de muito tempo, deve ser considerada uma leviana no amor; mas, por causa da inconstância da mente humana, até uma mulher assim pode ser conquistada mantendo-se sempre uma convivência estreita com ela.

4 Quando a mulher evita as atenções de um homem e, por respeito a ele e por orgulho de si mesma, não quer encontrá-lo nem aproximar-se dele, pode ser conquistada com dificuldade, seja procurando manter-se em termos familiares com ela, seja por meio de uma intermediária extremamente hábil.

5 Quando o homem corteja uma mulher e ela o repreende com palavras duras, deve ser abandonada de imediato.

6 Quando a mulher repreende um homem, mas ao mesmo tempo age com afeto para com ele, deve ser cortejada de todos os modos.

7 A mulher que se encontra com um homem em lugares retirados e tolera o toque do pé dele, mas finge, pela indecisão do seu espírito, não percebê-lo, deve ser conquistada com paciência e com esforços continuados, como segue:

8 Se ela adormecer perto dele, ele deve passar o braço esquerdo em volta dela e ver, quando ela acordar, se ela o repele de verdade ou só o repele como quem deseja que a mesma coisa lhe seja feita de novo. E o que se faz com o braço pode também ser feito com o pé.

8.2 Se o homem tiver êxito nesse ponto, deve abraçá-la mais estreitamente; e, se ela não suportar o abraço e se levantar, mas no dia seguinte se comportar com ele como de costume, ele deve considerar então que ela não está indisposta a ser possuída por ele.

8.3 Se, porém, ela não aparecer de novo, o homem deve procurar conquistá-la por meio de uma intermediária; e se, depois de ter desaparecido por algum tempo, ela aparecer de novo e se comportar com ele como de costume, o homem deve então considerar que ela não se oporia a unir-se a ele.

9 Quando a mulher dá oportunidade a um homem e lhe manifesta o seu próprio amor, ele deve passar a gozar dela. E os sinais de uma mulher que manifesta o seu amor são estes:

10 1. Ela chama o homem sem ter sido antes abordada por ele.

11 2. Mostra-se a ele em lugares secretos.

12 3. Fala-lhe trêmula e de modo inarticulado.

13 4. Tem os dedos das mãos e dos pés úmidos de suor e o rosto radiante de alegria.

14 5. Ocupa-se em massagear o corpo dele e apertar-lhe a cabeça.

15 6. Ao massageá-lo, trabalha com uma só mão, e com a outra toca e abraça partes do corpo dele.

16 7. Fica com as duas mãos imóveis sobre o corpo dele, como se tivesse sido surpreendida por alguma coisa ou vencida pelo cansaço.

17 8. Às vezes inclina o rosto sobre as coxas dele e, quando lhe pedem que as massageie, não mostra nenhuma relutância em fazê-lo.

18 9. Põe uma das mãos bem imóvel sobre o corpo dele e, ainda que o homem a aperte entre dois membros do seu corpo, não a retira por muito tempo.

19 10. Por fim, depois de ter resistido a todos os esforços do homem para conquistá-la, volta a ele no dia seguinte para massagear-lhe o corpo como antes.

20 Quando a mulher nem encoraja o homem nem o evita, mas se esconde e fica em algum lugar retirado, deve ser alcançada por meio da criada que estiver perto dela. Se, chamada pelo homem, ela agir do mesmo modo, deve então ser conquistada por meio de uma intermediária hábil. Mas se não quiser ter nada a dizer ao homem, ele deve refletir bem a respeito dela antes de começar qualquer nova tentativa de conquistá-la.

21 Assim termina o exame do estado do espírito de uma mulher.

22 O homem deve primeiro fazer-se apresentar a uma mulher e depois conversar com ela. Deve dar-lhe indícios do seu amor por ela e, se perceber pelas respostas dela que ela recebe esses indícios favoravelmente, deve então pôr-se a conquistá-la sem nenhum medo.

22.2 A mulher que mostra o seu amor por sinais exteriores ao homem no primeiro encontro deve ser conquistada com muita facilidade. Do mesmo modo, a mulher lasciva que, quando abordada com palavras amorosas, responde abertamente com palavras que exprimem o seu amor deve ser considerada conquistada naquele mesmo momento.

22.3 Quanto a todas as mulheres, sejam sábias, simples ou confiantes, estabelece-se a regra de que as que manifestam abertamente o seu amor são facilmente conquistadas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO OFÍCIO DA INTERMEDIÁRIA

✦

1 Se uma mulher manifestou o seu amor ou o seu desejo, por sinais ou por movimentos do corpo, e depois raramente ou nunca é vista em parte alguma, ou se uma mulher é encontrada pela primeira vez, o homem deve arranjar uma intermediária que se aproxime dela.

2 Ora, a intermediária, tendo-se insinuado na confiança da mulher agindo segundo o gênio dela, deve procurar fazê-la odiar ou desprezar o marido tendo com ela conversas astuciosas, falando-lhe de remédios para ter filhos, falando-lhe de outras pessoas, com contos de vários tipos, com histórias sobre as esposas de outros homens e elogiando a sua beleza, sabedoria, generosidade e bom gênio, e então dizendo-lhe: "É mesmo uma pena que tu, mulher tão excelente em tudo, tenhas um marido desse tipo.

2.2 Bela senhora, ele não serve nem para te servir." A intermediária deve ainda falar à mulher da fraqueza da paixão do marido, do seu ciúme, da sua velhacaria, da sua ingratidão, da sua aversão aos prazeres, da sua estupidez, da sua mesquinhez e de todos os outros defeitos que ele possa ter e que ela conheça.

2.3 Deve insistir sobretudo no defeito ou na falha que pareça afetar mais a esposa. Se a esposa for uma mulher corça e o marido um homem lebre, não haveria defeito nesse sentido; mas, no caso de ele ser um homem lebre e ela uma mulher égua ou mulher elefanta, esse defeito deve ser-lhe apontado.

3 Gonikaputra é de opinião que, quando é o primeiro caso da mulher, ou quando o seu amor só foi mostrado muito secretamente, o homem deve então arranjar e mandar-lhe uma intermediária que ela já conheça e em quem confie.

4 Mas voltemos ao nosso assunto. A intermediária deve falar à mulher da obediência e do amor do homem e, à medida que aumentam a confiança e o afeto dela, deve então explicar-lhe a coisa a realizar do seguinte modo: "Ouve isto, ó bela senhora: este homem, nascido de boa família, depois de te ver, ficou louco por tua causa.

4.2 O pobre rapaz, que é delicado por natureza, nunca antes sofreu desse modo, e é muito provável que sucumba à sua aflição presente e sofra as dores da morte." Se a mulher escutar com bons ouvidos, no dia seguinte a intermediária, tendo observado sinais de bom humor no rosto, nos olhos e na maneira de conversar dela, deve de novo conversar com ela sobre o homem e contar-lhe as histórias de Ahalya[59] e Indra, de Shakuntala[60] e Dushyanta, e outras que convenham à ocasião.

4.3 Deve também descrever-lhe a força do homem, os seus talentos, a sua habilidade nas sessenta e quatro espécies de prazer mencionadas por Babhravya, a sua boa aparência e a sua ligação com alguma mulher digna de elogio, quer esta última tenha acontecido, quer não.

5 Ademais, a intermediária deve observar com cuidado o comportamento da mulher, que, se for favorável, será o seguinte: ela a tratará com olhar sorridente, sentar-se-á bem junto dela e lhe perguntará: "Onde estiveste? O que andaste fazendo? Onde jantaste? Onde dormiste? Onde estiveste sentada?"

5.2 Além disso, a mulher se encontrará com a intermediária em lugares retirados e ali lhe contará histórias, bocejará pensativa, dará longos suspiros, lhe dará presentes, se lembrará dela nas ocasiões de festa, a despedirá com o desejo de vê-la de novo e lhe dirá de brincadeira: "Ó mulher de belas palavras, por que me dizes essas coisas feias?"; falará do pecado da sua união com o homem, não lhe contará as visitas ou conversas que porventura já tenha tido com ele, mas desejará ser perguntada sobre elas; e, por fim, rirá do desejo do homem, mas não o censurará de modo algum.

6 Assim termina o comportamento da mulher com a intermediária.

7 Quando a mulher manifesta o seu amor do modo descrito acima, a intermediária deve aumentá-lo levando-lhe lembranças de amor da parte do homem. Mas, se a mulher não conhecer o homem pessoalmente, a intermediária deve conquistá-la exaltando e elogiando as boas qualidades dele e contando histórias sobre o amor dele por ela. Aqui Auddalaka diz que, quando um homem e uma mulher não se conhecem pessoalmente e não se mostraram sinais de afeto, o emprego de uma intermediária é inútil.

8 Os seguidores de Babhravya, por outro lado, afirmam que, mesmo que não se conheçam pessoalmente, mas se tenham mostrado sinais de afeto, há ocasião para empregar uma intermediária. Gonikaputra afirma que se deve empregar uma intermediária desde que se conheçam, ainda que não tenha havido entre eles sinais de afeto. Vatsyayana, porém, estabelece que, mesmo que não se conheçam pessoalmente e não se tenham mostrado sinais de afeto, ambos são capazes de depositar confiança numa intermediária.

9 Ora, a intermediária deve mostrar à mulher os presentes, como a noz e a folha de bétel, os perfumes, as flores e os anéis que o homem lhe tenha dado para a mulher, e nesses presentes devem estar impressas as marcas dos dentes e das unhas do homem e outros sinais. No pano que ele mandar, deve desenhar com açafrão as duas mãos juntas, como em súplica fervorosa.

10 A intermediária deve também mostrar à mulher figuras ornamentais de vários tipos recortadas em folhas, junto com brincos e grinaldas de flores contendo cartas de amor que exprimam o desejo do homem,[61] e deve fazê-la mandar ao homem presentes afetuosos em troca. Depois que tiverem aceitado os presentes um do outro, deve-se combinar um encontro entre eles, sob a palavra da intermediária.

11 Os seguidores de Babhravya dizem que esse encontro deve dar-se na hora de ir ao templo de uma Divindade, ou por ocasião de feiras, reuniões em jardins, representações teatrais, casamentos, sacrifícios, festas e funerais, e também na hora de ir ao rio banhar-se, ou em tempos de calamidades naturais,[62] de medo de ladrões ou de invasões inimigas do país.

12 Gonikaputra, porém, é de opinião que é melhor promover esses encontros nas casas de amigas, mendicantes, astrólogos e ascetas. Mas Vatsyayana decide que só é bem adequado para esse fim o lugar que tem meios próprios de entrada e de saída, onde se tomaram providências para evitar qualquer imprevisto, e de onde o homem que uma vez entrou na casa possa também sair na hora certa, sem nenhum encontro desagradável.

13 Ora, as intermediárias ou mensageiras são das seguintes espécies, a saber:

14 (1). A intermediária que toma a seu cargo todo o peso do negócio.

15 (2). A intermediária que faz só uma parte limitada do negócio.

16 (3). A intermediária que é só portadora de uma carta.

17 (4). A intermediária que age por conta própria.

18 (5). A intermediária de uma jovem inocente.

19 (6). A esposa que serve de intermediária.

20 (7). A intermediária muda.

21 (8). A intermediária que faz o papel do vento.

22 (1). A mulher que, tendo observado a paixão mútua de um homem e de uma mulher, os aproxima e arranja tudo pela força da sua própria inteligência chama-se intermediária que toma a seu cargo todo o peso do negócio.

22.2 Essa espécie de intermediária é empregada principalmente quando o homem e a mulher já se conhecem e já conversaram, e nesses casos ela é mandada não só pelo homem (como sempre se faz em todos os outros casos), mas também pela mulher.

22.3 — Dá-se também esse nome à intermediária que, percebendo que o homem e a mulher combinam um com o outro, procura promover a união entre eles, ainda que não se conheçam.

23 (2). A intermediária que, percebendo que parte do assunto já está feita, ou que as investidas do homem já foram feitas, completa o resto do negócio chama-se intermediária que faz só uma parte limitada do negócio.

24 (3). A intermediária que simplesmente leva recados entre um homem e uma mulher que se amam, mas não podem encontrar-se com frequência, chama-se portadora de uma carta ou recado.

25 Dá-se também esse nome à que é mandada por um dos amantes para informar o outro da hora e do lugar do encontro.

26 (4). A mulher que vai ela mesma até um homem e lhe conta que gozou com ele a união sexual num sonho, e mostra a sua raiva porque a esposa dele o repreendeu por chamá-la pelo nome da rival em vez de pelo seu, e lhe dá alguma coisa com as marcas dos seus dentes e unhas, e lhe diz que sabia que antes era desejada por ele, e lhe pergunta em particular se ela ou a esposa dele é a mais bonita, essa pessoa chama-se mulher que é intermediária de si mesma. Ora, essa mulher deve ser encontrada e recebida pelo homem em particular e em segredo.

27 Dá-se também esse nome à mulher que, tendo combinado com outra mulher servir-lhe de intermediária, conquista o homem para si, fazendo com que ele a conheça pessoalmente, e assim faz a outra mulher fracassar. O mesmo vale para o homem que, servindo de intermediário para outro e sem ter tido antes ligação com a mulher, a conquista para si e assim faz o outro homem fracassar.

28 (5). A mulher que ganhou a confiança da jovem e inocente esposa de algum homem e aprendeu os seus segredos sem exercer nenhuma pressão sobre o seu espírito, e descobriu por ela como o marido a trata; se essa mulher então lhe ensina a arte de garantir o favor dele, e a enfeita para mostrar o seu amor, e lhe ensina como e quando zangar-se ou fingir que se zanga, e depois, tendo ela mesma feito marcas de unhas e dentes no corpo da esposa, leva esta a mandar chamar o marido para lhe mostrar essas marcas e assim excitá-lo para o prazer, essa se chama intermediária de uma jovem inocente. Nesses casos o homem deve mandar as respostas à esposa pela mesma mulher.

29 (6). Quando o homem faz a sua esposa ganhar a confiança de uma mulher de quem quer gozar, e visitá-la e falar-lhe da sabedoria e da capacidade do marido, essa esposa chama-se esposa que serve de intermediária. Nesse caso, os sentimentos da mulher em relação ao homem também devem ser dados a conhecer por meio da esposa.

30 (7). Quando algum homem manda uma menina ou uma criada a alguma mulher sob um pretexto ou outro e põe uma carta no ramo de flores dela, ou nos brincos dela, ou marca alguma coisa dela com os dentes ou as unhas, essa menina ou criada chama-se intermediária muda. Nesse caso o homem deve esperar a resposta da mulher pela mesma pessoa.

31 (8). A pessoa que leva a uma mulher um recado de duplo sentido, ou que se refere a alguma transação passada, ou que é ininteligível para os outros, chama-se intermediária que faz o papel do vento. Nesse caso, a resposta deve ser pedida pela mesma mulher.

32 Assim terminam as diferentes espécies de intermediárias.

33 A astróloga, a criada, a mendiga ou a artista conhecem bem o ofício de intermediária e muito depressa ganham a confiança das outras mulheres. Qualquer uma delas pode semear inimizade entre duas pessoas, se quiser, ou exaltar a beleza de qualquer mulher que queira elogiar, ou descrever as artes praticadas por outras mulheres na união sexual.

33.2 Podem também falar muito bem do amor de um homem, da sua habilidade no prazer sexual e do desejo que outras mulheres, ainda mais belas que aquela a quem se dirigem, têm por ele, e explicar as restrições a que ele está sujeito em casa.

[34] Por fim, uma intermediária pode, pela astúcia da sua conversa, unir uma mulher a um homem, ainda que ela nunca tenha pensado nele, ou o tenha considerado acima das suas aspirações. Pode também trazer de volta a uma mulher um homem que, por um motivo ou outro, se separou dela.

[35] NOTA:

[36] Quand on a juré le plus profond hommage
Voulez-vous qu'infidèle on change de langage
Vous seule captive mon esprit ou mon coeur
Que je puisse dans vos bras seuls goûter le bonheur;
Je voudrais, mais en vain, que mon coeur en délire
Couche où ce papier n'oserait vous dire.
Avec soin, de ces vers lisez leur premiers mots,
Vous verrez quel remède il faut à tous mes maux.

[37] Ou estes:

[38] Quand on vous voit, on vous aime;
Quand on vous aime, où vous voit-on.

[39] [59] A esposa do sábio Gautama, seduzida por Indra, o rei dos Deuses.

[40] [60] A heroína de uma das melhores, se não a melhor, das peças hindus, e a mais conhecida da literatura dramática sânscrita. Foi dada a conhecer primeiro por Sir William Jones e foi bem e poeticamente traduzida pelo Dr. Monier Williams com o título "Sakoontala, or the lost ring, an Indian drama", traduzida para a prosa e o verso ingleses a partir do sânscrito de Kalidasa.

[41] [61] Supõe-se que se trata de algo como os versos franceses acima.

[42] [62] Supõe-se que aqui se aluda a tempestades, terremotos, fomes e epidemias.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO AMOR DOS QUE TÊM AUTORIDADE

✦

1 Os reis e os seus ministros não têm acesso às casas dos outros e, além disso, o seu modo de viver é constantemente vigiado, observado e imitado pelo povo em geral, assim como o mundo animal, vendo o sol nascer, se levanta depois dele e, quando ele se põe à tarde, se deita de novo do mesmo modo.

1.2 As pessoas com autoridade não devem, por conseguinte, praticar em público nenhum ato impróprio, pois isso é impossível pela sua posição e mereceria censura. Mas, se acharem que tal ato precisa ser feito, devem usar os meios adequados, descritos nos parágrafos seguintes.

2 O chefe da aldeia, o funcionário do rei ali empregado e o homem[63] cujo ofício é respigar o grão podem conquistar as aldeãs simplesmente pedindo-lhes. É por isso que essa classe de mulheres é chamada de impudica pelos libertinos.

3 A união dos homens acima mencionados com essa classe de mulheres acontece por ocasião do trabalho não pago, de encher os celeiros das suas casas, de levar coisas para dentro e para fora da casa, de limpar as casas, de trabalhar nos campos e de comprar algodão, lã, linho, cânhamo e fio, e na época da compra, venda e troca de vários outros artigos, assim como no momento de fazer vários outros trabalhos.

3.2 Do mesmo modo, os encarregados dos currais gozam das mulheres dos currais; e os funcionários encarregados das viúvas, das mulheres sem amparo e das mulheres que deixaram os maridos têm relações sexuais com

essas mulheres. Os espertos alcançam o seu objetivo vagando à noite pela aldeia, e os aldeões também se unem às esposas dos seus filhos, ficando muito a sós com elas.

3.3 Por fim, os inspetores dos mercados têm muito a ver com as aldeãs quando elas fazem compras no mercado.

4 Durante a festa da oitava lua, isto é, durante a quinzena clara do mês de Margashirsha, e também durante a festa do luar do mês de Kartika e a festa da primavera de Chaitra, as mulheres das cidades e das vilas em geral visitam as mulheres do harém do rei no palácio real.

4.2 Essas visitantes vão aos vários aposentos das mulheres do harém, que conhecem, e passam a noite conversando, em jogos e diversões adequados, e vão embora de manhã. Nessas ocasiões, uma criada do rei (que já conhece a mulher que o rei deseja) deve ficar por ali e abordar essa mulher quando ela sair para ir para casa, e convencê-la a vir ver as coisas divertidas do palácio.

4.3 Mesmo antes dessas festas, deve ter feito saber a essa mulher que, por ocasião da festa, lhe mostraria todas as coisas interessantes do palácio real. Assim, deve mostrar-lhe o caramanchão da trepadeira de coral, o pavilhão do jardim com o chão incrustado de pedras preciosas, o caramanchão das uvas, o edifício sobre a água, as passagens secretas nas paredes do palácio, as pinturas, os animais de recreio, os engenhos, as aves e as jaulas dos leões e dos tigres.

4.4 Depois disso, quando estiver a sós com ela, deve falar-lhe do amor do rei por ela e descrever-lhe a boa sorte que acompanharia a sua união com o rei, fazendo-lhe nesse momento uma estrita promessa de segredo.

4.5 Se a mulher não aceitar a oferta, deve conciliá-la e agradá-la com belos presentes dignos da posição do rei e, tendo-a acompanhado por algum tempo, despedi-la com grande afeto.

5 (2). Ou, tendo travado conhecimento com o marido da mulher que o rei deseja, as esposas do rei devem fazer com que a esposa lhes faça uma visita no harém, e nessa ocasião uma criada do rei, mandada para lá, deve agir como se descreveu acima.

6 (3). Ou uma das esposas do rei deve travar conhecimento com a mulher que o rei deseja, mandando-lhe uma das suas criadas, que, à medida que se tornarem mais íntimas, deve convencê-la a vir ver a morada real. Depois, quando ela tiver visitado o harém e adquirido confiança, uma confidente do rei, mandada para lá, deve agir como se descreveu antes.

7 (4). Ou a esposa do rei deve convidar a mulher que o rei deseja a vir ao palácio real para ver a prática da arte em que a esposa do rei é hábil, e depois que ela tiver vindo ao harém, uma criada do rei, mandada para lá, deve agir como se descreveu antes.

8 (5). Ou uma mendiga, de conluio com a esposa do rei, deve dizer à mulher desejada pelo rei, cujo marido talvez tenha perdido a riqueza ou tenha algum motivo de temer o rei: "Esta esposa do rei tem influência sobre ele e é, além disso, de coração naturalmente bondoso; devemos, portanto, ir até ela neste assunto.

8.2 Eu arranjarei a tua entrada no harém, e ela afastará todo motivo de perigo e de medo da parte do rei." Se a mulher aceitar a oferta, a mendiga deve levá-la duas ou três vezes ao harém, e ali a esposa do rei deve prometer-lhe proteção.

8.3 Depois disso, quando a mulher, encantada com a acolhida e com a promessa de proteção, voltar ao harém, uma criada do rei, mandada para lá, deve agir como se indicou.

9 (6). O que se disse acima sobre a esposa de alguém que tem motivo de temer o rei vale também para as esposas dos que procuram servir o rei, ou que são oprimidos pelos ministros do rei, ou que são pobres, ou que não estão satisfeitos com a sua posição, ou que desejam ganhar o favor do rei, ou que querem tornar-se famosos entre o povo, ou que são oprimidos pelos membros da sua própria casta, ou que querem prejudicar os da sua casta, ou que são espiões do rei, ou que têm algum outro objetivo a alcançar.

10 (7). Por fim, se a mulher desejada pelo rei estiver vivendo com alguém que não é seu marido, o rei deve mandar prendê-la e, tendo-a feito escrava por causa do seu crime, pô-la no harém. Ou o rei deve fazer com que o seu embaixador brigue com o marido da mulher desejada e então prendê-la como esposa de um inimigo do rei, e por esse meio pô-la no harém.

11 Assim terminam os meios de conquistar em segredo as esposas dos outros.

12 Os modos acima mencionados de conquistar as esposas de outros homens são praticados principalmente nos palácios dos reis. Mas o rei nunca deve entrar na casa de outra pessoa, pois Abhira,[64] rei dos kottas, foi morto por um lavadeiro quando estava na casa de outro, e do mesmo modo Jayasena, rei dos kashis, foi morto por ordem do comandante da sua cavalaria.

13 Mas, segundo os costumes de alguns países, há facilidades para os reis cortejarem as esposas de outros homens. Assim, no país dos andhras,[65] as filhas recém-casadas do povo entram no harém do rei com alguns presentes no décimo dia do casamento e, depois de terem sido possuídas pelo rei, são despedidas.

13.2 No país dos vatsagulmas,[66] as esposas dos ministros principais vão ao rei à noite para servi-lo. No país dos vaidarbhas,[67] as belas esposas dos habitantes passam um mês no harém do rei sob o pretexto de afeto pelo rei. No país dos aparatakas,[68] o povo dava as suas belas esposas de presente aos ministros e aos reis.

13.3 E, por fim, no país dos saurashtras,[69] as mulheres da cidade e do campo entram no harém real para o prazer do rei, juntas ou separadamente.

14 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

15 "Esses e outros modos são os meios empregados em diferentes países pelos reis em relação às esposas de outras pessoas. Mas um rei que tem no coração o bem do seu povo não deve, por motivo algum, pô-los em prática."

16 "O rei que venceu os seis[70] inimigos da humanidade torna-se senhor da terra inteira."

17 [63] Expressão usada para um homem que faz o trabalho de todos e é sustentado pela aldeia inteira.

18 [64] A data exata do reinado desses reis não é conhecida. Supõe-se que tenha sido por volta do começo da era cristã.

19 [65] A moderna região de Telangana, que fica ao sul de Rajamundry.

20 [66] Supõe-se que seja uma região do país ao sul de Malwa.

21 [67] Hoje conhecida pelo nome de Berar. A sua capital era Kundinpura, que foi identificada com a moderna Amravati.

22 [68] Também chamados aparantakas, sendo o Konkan do norte e do sul.

[23] [69] As modernas províncias de Kathiawar. A sua capital chamava-se Girinagara, a moderna Junagadh.

[24] [70] São eles a Luxúria, a Ira, a Avareza, a Ignorância Espiritual, o Orgulho e a Inveja.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS MULHERES DO HARÉM REAL

✦

1 As mulheres do harém real não podem ver nem encontrar homem algum, por serem rigorosamente guardadas, nem têm os seus desejos satisfeitos, porque o seu único marido é comum a muitas esposas. Por isso, entre si, dão prazer umas às outras de vários modos, como se descreve agora.

2 Tendo vestido de homem as filhas das suas amas, ou as suas amigas, ou as suas criadas, alcançam o seu objetivo por meio de bulbos, raízes e frutos com a forma do lingam, ou se deitam sobre a estátua de uma figura masculina em que o lingam é visível e ereto.

3 Alguns reis, que são compassivos, tomam ou aplicam certos remédios para poderem gozar de muitas esposas numa só noite, simplesmente com o fim de satisfazer o desejo das suas mulheres, embora talvez não tenham desejo próprio. Outros gozam com grande afeto só das esposas de quem gostam particularmente, enquanto outros só as tomam conforme chega a vez de cada esposa, na ordem devida. Tais são os modos de prazer comuns nos países do Oriente, e o que se diz sobre os meios de prazer da mulher aplica-se também ao homem.

4 Por meio das suas criadas, as damas do harém real em geral fazem entrar homens nos seus aposentos disfarçados ou vestidos de mulher. As suas criadas e as filhas das suas amas, que conhecem os seus segredos, devem esforçar-se por fazer homens virem ao harém desse modo, falando-lhes da boa

sorte que isso traz e descrevendo as facilidades de entrar e sair do palácio, o grande tamanho do recinto, o descuido das sentinelas e as irregularidades dos criados que cercam as esposas reais.

4.2 Mas essas mulheres nunca devem convencer um homem a entrar no harém contando-lhe mentiras, pois isso provavelmente o levaria à ruína.

5 Quanto ao próprio homem, é melhor que não entre num harém real, ainda que seja de fácil acesso, por causa dos numerosos desastres a que pode ficar exposto ali.

5.2 Se, contudo, quiser entrar, deve primeiro verificar se há um modo fácil de sair, se o harém é cercado de perto pelo jardim de recreio, se tem recintos separados, se as sentinelas são descuidadas, se o rei partiu para fora, e então, quando for chamado pelas mulheres do harém, deve observar com cuidado o lugar e entrar pelo caminho indicado por elas.

5.3 Se conseguir, deve rondar o harém todos os dias e, sob um pretexto ou outro, fazer amizade com as sentinelas e mostrar-se afeiçoado às criadas do harém que tenham vindo a saber do seu plano, e a quem deve exprimir o seu pesar por não conseguir alcançar o objeto do seu desejo.

5.4 Por fim, deve fazer com que todo o trabalho de intermediária seja feito pela mulher que tenha acesso ao harém, e deve ter o cuidado de saber reconhecer os emissários do rei.

6 Quando uma intermediária não tem acesso ao harém, o homem deve ficar em algum lugar de onde possa ser vista a dama que ele ama e de quem anseia gozar.

7 Se esse lugar estiver ocupado pelas sentinelas do rei, deve então disfarçar-se de criada da dama que vem ao lugar ou passa por ele. Quando ela olhar para ele, deve dar-lhe a conhecer os seus sentimentos por sinais e gestos ex-

teriores e mostrar-lhe pinturas, coisas de duplo sentido, grinaldas de flores e anéis.

7.2 Deve observar com cuidado a resposta que ela der, por palavra, por sinal ou por gesto, e então procurar entrar no harém. Se tiver certeza de que ela virá a determinado lugar, deve esconder-se ali e, na hora marcada, entrar com ela como um dos guardas.

7.3 Pode também entrar e sair escondido numa cama dobrada ou numa coberta de cama, ou com o corpo tornado invisível[71] por meio de aplicações externas, das quais uma receita é a seguinte:

8 O coração de um icnêumone, o fruto da cabaça comprida (Tumbi) e os olhos da serpente devem ser todos queimados sem deixar sair a fumaça; as cinzas devem então ser moídas e misturadas em quantidades iguais com água. Pondo essa mistura sobre os olhos, o homem pode andar sem ser visto.

9 Outros meios de invisibilidade são prescritos pelos brâmanes Duyana e pelos Jogashiras.

10 Ademais, o homem pode entrar no harém durante a festa da oitava lua no mês de Margashirsha e durante as festas do luar, quando as criadas do harém estão todas muito ocupadas ou em confusão.

11 Sobre este assunto estabelecem-se os seguintes princípios.

12 A entrada dos rapazes nos haréns e a sua saída deles acontecem em geral quando se estão levando coisas para dentro do palácio, ou tirando coisas dele, ou quando há festas com bebida, ou quando as criadas estão com pressa, ou quando se está mudando a residência de algumas das damas re-

ais, ou quando as esposas do rei vão a jardins ou a feiras, ou quando entram no palácio ao voltar deles; ou, por fim, quando o rei está ausente numa longa peregrinação.

12.2 As mulheres do harém real conhecem os segredos umas das outras e, tendo um só objetivo a alcançar, ajudam-se mutuamente. Um rapaz que goza de todas elas e é comum a todas pode continuar gozando da sua união com elas enquanto isso se mantiver em silêncio e não for conhecido fora.

13 Ora, no país dos aparatakas, as damas reais não são bem protegidas e, por isso, muitos rapazes são introduzidos no harém pelas mulheres que têm acesso aos palácios reais. As esposas do rei do país de Ahira alcançam os seus objetivos com as sentinelas do harém que têm o nome de kshatriyas.

13.2 As damas reais do país dos vatsagulmas fazem entrar no harém, junto com as suas mensageiras, os homens que lhes convêm. No país dos vaidarbhas, os filhos das damas reais entram no harém real quando querem e gozam das mulheres, com exceção das próprias mães. No Stri-rajya, as esposas do rei são gozadas pelos homens da sua casta e pelos seus parentes.

13.3 No país de Ganda, as esposas reais são gozadas por brâmanes, amigos, criados e escravos. No país de Samdhava, criados, filhos adotivos e outras pessoas semelhantes gozam das mulheres do harém. No país dos haimavatas, cidadãos aventureiros subornam as sentinelas e entram no harém.

13.4 No país dos vanyas e dos kalmyas, brâmanes, com o conhecimento do rei, entram no harém sob o pretexto de dar flores às damas e falam com elas por trás de uma cortina, e dessa conversa resulta depois a união. Por fim, as mulheres do harém do rei dos prachyas escondem no harém um rapaz para cada grupo de nove ou dez mulheres.

14 Assim agem as esposas dos outros.

15 Por essas razões o homem deve guardar a sua própria esposa. Os autores antigos dizem que o rei deve escolher para sentinelas do seu harém homens cuja isenção de desejos carnais esteja bem comprovada.

15.2 Mas tais homens, embora livres eles mesmos do desejo carnal, podem, por medo ou avareza, fazer outras pessoas entrarem no harém; por isso Gonikaputra diz que os reis devem pôr no harém homens cuja isenção de desejos carnais, de medos e de avareza esteja bem comprovada.

15.3 Por fim, Vatsyayana diz que sob a influência do Dharma[72] algumas pessoas poderiam ser admitidas, e por isso devem escolher-se homens livres de desejos carnais, de medo, de avareza e de Dharma.[73]

16 Os seguidores de Babhravya dizem que o homem deve fazer a esposa conviver com uma jovem que lhe conte os segredos das outras pessoas, e assim descobrir por meio dela a castidade da esposa. Mas Vatsyayana diz que, como as pessoas perversas sempre têm êxito com as mulheres, o homem não deve deixar que a sua esposa inocente seja corrompida pondo-a na companhia de uma mulher enganadora.

17 As causas da ruína da castidade de uma mulher são as seguintes:

18 Frequentar sempre a sociedade e ficar sentada em companhia.

19 Falta de freio.

20 Os hábitos dissolutos do marido.

21 Falta de cautela nas suas relações com outros homens.

22 Ausência contínua e prolongada do marido.

23 Viver num país estrangeiro.

24 Destruição do seu amor e dos seus sentimentos pelo marido.

25 A companhia de mulheres dissolutas.

26 O ciúme do marido.

27 Há também os seguintes versos sobre o assunto.

28 "O homem hábil que aprende nos Shastras os modos de conquistar as esposas dos outros nunca é enganado no caso das suas próprias esposas. Ninguém, porém, deve usar esses modos para seduzir as esposas dos outros, porque nem sempre dão certo e, além disso, muitas vezes causam desastres e a ruína do Dharma e do Artha. Este livro, que se destina ao bem do povo e a ensinar-lhe os modos de guardar as próprias esposas, não deve ser usado só para conquistar as esposas dos outros."

29 [71] O modo de se tornar invisível; o conhecimento da arte da transmigração, ou de mudar a si mesmo ou aos outros em qualquer forma ou figura pelo uso de encantos e feitiços; o poder de estar em dois lugares ao mesmo tempo e outras ciências ocultas são mencionados com frequência em toda a literatura oriental.

30 [72] Isso pode ser entendido como influência religiosa e alude às pessoas que podem ser ganhas por esse meio.

31 [73] Pode-se notar pelas observações acima que eunucos não parecem ter sido empregados no harém do rei naqueles tempos, embora pareçam ter sido empregados para outros fins. Veja-se a Parte II, página 43.

PARTE VI.

DAS CORTESÃS.

OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS.

Esta Parte VI, sobre as cortesãs, foi preparada por Vatsyayana a partir de um tratado sobre o assunto escrito por Dattaka para as mulheres de Pataliputra

(a moderna Patna), há cerca de dois mil anos. A obra de Dattaka não parece existir mais, mas este resumo dela é muito engenhoso e em nada inferior a qualquer das produções de Émile Zola e de outros escritores da escola realista de hoje.

Embora se tenha escrito muito sobre a cortesã, em parte alguma se encontrará descrição melhor dela, dos seus pertences, das suas ideias e do funcionamento da sua mente do que a contida nas páginas seguintes.

Os pormenores da vida doméstica e social dos antigos hindus não estariam completos sem a menção da cortesã, e a Parte VI é inteiramente dedicada a esse assunto. Os hindus sempre tiveram o bom senso de reconhecer as cortesãs como parte da sociedade humana e, enquanto se comportavam com decência e decoro, eram vistas com certo respeito. De todo modo, nunca foram tratadas no Oriente com aquela brutalidade e aquele desprezo tão comuns no Ocidente, e a sua educação sempre foi de tipo superior à dada ao resto das mulheres nos países orientais.

Nos tempos antigos, a dançarina e cortesã hindu bem-educada sem dúvida se parecia com a hetera dos gregos e, sendo culta e divertida, era muito mais aceita como companhia do que a generalidade das mulheres casadas ou solteiras daquele período. Em todos os tempos e em todos os países sempre houve uma pequena rivalidade entre as castas e as não castas. Mas, embora algumas mulheres nasçam cortesãs e sigam os instintos da sua natureza em todas as classes da sociedade, alguns autores disseram com razão que toda mulher tem na natureza uma pitada da profissão e faz o possível, em regra geral, para se tornar agradável ao sexo masculino.

A sutileza das mulheres, o seu maravilhoso poder de percepção, o seu conhecimento e a sua apreciação intuitiva dos homens e das coisas mostram-

se todos nas páginas seguintes, que podem ser vistas como uma essência concentrada que depois foi desenvolvida em pormenor por muitos escritores em todos os cantos do mundo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DAS ESCOLHAS DA CORTESÃ

✦



1 Ao ter relações com os homens, as cortesãs obtêm prazer sexual e também o seu sustento. Ora, quando uma cortesã se liga a um homem por amor, a ação é natural; mas quando recorre a ele com o fim de obter dinheiro, a sua ação é artificial ou forçada.

1.2 Mesmo neste último caso, porém, deve comportar-se como se o seu amor fosse de fato natural, porque os homens depositam a sua confiança nas mulheres que aparentemente os amam. Ao dar a conhecer o seu amor ao homem, deve mostrar-se completamente livre de avareza e, pelo seu crédito futuro, deve abster-se de obter dinheiro dele por meios ilícitos.

2 A cortesã, bem vestida e com os seus enfeites, deve sentar-se ou ficar de pé à porta de casa e, sem se expor demais, olhar para a rua de modo a ser vista pelos que passam, como um objeto exposto à venda.[74] Deve fazer ami-

zade com as pessoas que lhe permitam separar os homens de outras mulheres e ligá-los a si, reparar os seus próprios infortúnios, adquirir riqueza e proteger-se de ser maltratada ou atacada por pessoas com quem tenha negócios de um tipo ou de outro.

3 Essas pessoas são:

4 Os guardas da cidade, ou a polícia.

5 Os funcionários dos tribunais de justiça.

6 Os astrólogos.

7 Os homens poderosos, ou influentes.

8 Os homens cultos.

9 Os mestres das sessenta e quatro artes.

10 Os Pithamardas, ou confidentes.

11 Os Vitas, ou parasitas.

12 Os Vidushakas, ou bufões.

13 Os vendedores de flores.

14 Os perfumistas.

15 Os vendedores de bebidas.

16 Os lavadeiros.

17 Os barbeiros.

18 Os mendigos.

19 E outras pessoas que se achem necessárias para o objetivo particular a alcançar.

20 As seguintes espécies de homens podem ser tomadas simplesmente com o fim de obter o seu dinheiro.

21 Homens de renda independente.

22 Rapazes.

23 Homens livres de qualquer laço.

24 Homens que ocupam cargos de autoridade sob o rei.

25 Homens que garantiram o seu sustento sem dificuldade.

26 Homens que possuem fontes de renda que nunca falham.

27 Homens que se julgam bonitos.

28 Homens que estão sempre se elogiando.

29 Aquele que é eunuco, mas quer passar por homem.

30 Aquele que odeia os seus iguais.

31 Aquele que é generoso por natureza.

32 Aquele que tem influência junto ao rei ou aos seus ministros.

33 Aquele que tem sempre sorte.

34 Aquele que se orgulha da sua riqueza.

35 Aquele que desobedece às ordens dos mais velhos.

36 Aquele que é vigiado pelos membros da sua casta.

37 O filho único cujo pai é rico.

38 O asceta que por dentro é atormentado pelo desejo.

39 O homem corajoso.

40 O médico do rei.

41 Os conhecidos de antes.

42 Por outro lado, os que possuem excelentes qualidades devem ser procurados por amor e por fama. Esses homens são os seguintes:

43 Homens de nascimento elevado, cultos, com bom conhecimento do mundo e que fazem as coisas certas nos momentos certos, poetas, bons contadores de histórias, homens eloquentes, homens enérgicos, hábeis em várias artes, que veem longe no futuro, de grande espírito, cheios de perseverança, de devoção firme, livres de ira, generosos, afetuosos com os pais e que gostam de todas as reuniões sociais, hábeis em completar versos começados por outros e em vários outros passatempos, livres de toda doença, de corpo perfeito, fortes e não dados à bebida, vigorosos no prazer sexual, sociáveis, que mostram amor pelas mulheres e atraem para si os seus corações, mas não lhes são inteiramente entregues, que têm meios de vida independentes, livres de inveja e, por último, livres de desconfiança.

44 Essas são as boas qualidades de um homem.

45 A mulher também deve ter as seguintes características, a saber:

46 Deve ser dotada de beleza e amabilidade, com marcas auspiciosas no corpo. Deve gostar das boas qualidades nas outras pessoas e também gostar da riqueza. Deve ter prazer nas uniões sexuais que resultam do amor e ser de espírito firme e da mesma classe que o homem quanto ao prazer sexual.

47 Deve estar sempre desejosa de adquirir e obter experiência e conhecimento, ser livre de avareza e gostar sempre das reuniões sociais e das artes.

48 As qualidades comuns de todas as mulheres são as seguintes:

49 Ter inteligência, bom gênio e boas maneiras; ser franca no comportamento e ser grata; considerar bem o futuro antes de fazer qualquer coisa; ter atividade, ser de comportamento constante e conhecer os momentos e lugares adequados para fazer as coisas; falar sempre sem mesquinhez, riso alto, malícia, ira, avareza, estupidez ou tolice; conhecer o Kama Sutra e ser hábil em todas as artes ligadas a ele.

50 Os defeitos das mulheres conhecem-se pela ausência de qualquer das boas qualidades acima mencionadas.

51 As seguintes espécies de homens não convêm às cortesãs, a saber:

52 O tísico; o doentio; aquele cuja boca tem vermes; aquele cujo hálito cheira a excremento humano; aquele que tem amor à esposa; o que fala com aspereza; o que está sempre desconfiado; o avarento; o impiedoso; o ladrão; o presunçoso; o que gosta de feitiçaria; o que não liga para o respeito ou o desrespeito; o que pode ser ganho até pelos inimigos por meio de dinheiro; e, por último, o extremamente tímido.

53 Os autores antigos são de opinião que as causas de uma cortesã procurar os homens são o amor, o medo, o dinheiro, o prazer, retribuir algum ato de inimizade, a curiosidade, a tristeza, a convivência constante, o Dharma, a celebridade, a compaixão, o desejo de ter um amigo, a vergonha, a semelhança do homem com alguma pessoa amada, a busca da boa sorte, livrar-se do amor de outra pessoa, ser da mesma classe que o homem quanto à união

sexual, viver no mesmo lugar, a constância e a pobreza. Mas Vatsyayana decide que o desejo de riqueza, a libertação do infortúnio e o amor são as únicas causas que determinam a união das cortesãs com os homens.

54 Ora, a cortesã não deve sacrificar o dinheiro ao amor, porque o dinheiro é a coisa principal a cuidar. Mas, nos casos de medo etc., deve levar em conta a força e outras qualidades. Além disso, ainda que seja convidada por algum homem a juntar-se a ele, não deve consentir logo na união, porque os homens tendem a desprezar as coisas que se obtêm facilmente.

54.2 Nessas ocasiões deve primeiro mandar os massagistas, os cantores e os bufões que estejam a seu serviço, ou, na falta deles, os Pithamardas, ou confidentes, e outros, para descobrir o estado dos sentimentos dele e a condição do seu espírito.

54.3 Por meio dessas pessoas deve verificar se o homem é puro ou impuro, afetado ou não, capaz de afeição ou indiferente, generoso ou mesquinho; e, se o achar do seu agrado, deve então empregar o Vita e outros para ligar a si o espírito dele.

55 Assim, o Pithamarda deve trazer o homem à casa dela sob o pretexto de ver brigas de codornas, galos e carneiros, de ouvir falar o maina (uma espécie de estorninho) ou de ver algum outro espetáculo ou a prática de alguma arte; ou pode levar a mulher à casa do homem.

55.2 Depois disso, quando o homem vier à casa dela, a mulher deve dar-lhe alguma coisa capaz de despertar curiosidade e amor no seu coração, como um presente afetuoso, dizendo-lhe que foi feito especialmente para o seu uso. Deve também diverti-lo por muito tempo contando-lhe as histórias e fazendo as coisas que mais lhe agradem.

55.3 Quando ele for embora, deve mandar-lhe com frequência uma criada hábil em conversa brincalhona e, ao mesmo tempo, um pequeno presente. Deve também às vezes ir ela mesma até ele, sob o pretexto de algum negócio, acompanhada do Pithamarda.

56 Assim terminam os meios de ligar a si o homem desejado.

57 Há também alguns versos sobre o assunto, que dizem:

58 "Quando um amante vem à sua casa, a cortesã deve dar-lhe uma mistura de folha e noz de bétel, guirlandas de flores e unguentos perfumados e, mostrando a sua habilidade nas artes, entretê-lo com uma longa conversa. Deve também dar-lhe alguns presentes amorosos e trocar as suas coisas com as dele, e ao mesmo tempo mostrar-lhe a sua habilidade no prazer sexual. Quando a cortesã está assim unida ao amante, deve sempre deleitá-lo com presentes afetuosos, com a conversa e com o uso de meios ternos de prazer."

59 NOTA:

60 [74] Na Inglaterra, as cortesãs das classes mais baixas andam pelas ruas; na Índia e em outros lugares do Oriente, sentam-se às janelas ou às portas das suas casas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA CORTESÃ QUE VIVE COMO ESPOSA

✦

1 Quando a cortesã vive como esposa com o amante, deve comportar-se como uma mulher casta e fazer tudo para a satisfação dele. O seu dever, nesse caso, é, em resumo, dar-lhe prazer, mas não se apegar a ele, embora se comportando como se estivesse de fato apegada.

2 Ora, o modo como deve conduzir-se para alcançar esse fim é o seguinte. Deve ter uma mãe que dependa dela, a qual deve ser apresentada como muito dura e como alguém que tem o dinheiro por principal objetivo na vida. Se não houver mãe, uma ama velha e de confiança deve fazer o mesmo papel.

2.2 A mãe ou a ama, por sua parte, deve parecer descontente com o amante e levá-la à força para longe dele. A própria mulher deve sempre mostrar por isso raiva, abatimento, medo e vergonha fingidos, mas nunca deve desobedecer à mãe ou à ama.

3 Deve fazer crer à mãe ou à ama que o homem está com a saúde ruim e, tomando isso como pretexto para ir vê-lo, deve ir por esse motivo. Deve, além disso, fazer as seguintes coisas com o fim de ganhar o favor do homem, a saber:

4 Mandar a criada buscar as flores usadas por ele no dia anterior, para usá-las ela mesma como sinal de afeto, e também pedir a mistura de noz e folha de bétel que ele não comeu; mostrar admiração pelo seu conhecimento da relação sexual e pelos vários meios de prazer usados por ele; aprender com

ele as sessenta e quatro espécies de prazer mencionadas por Babhravya; praticar continuamente os modos de prazer como ele os ensinou e segundo o seu gosto; guardar os seus segredos; contar-lhe os seus próprios desejos e segredos; esconder a sua raiva; nunca o descuidar na cama quando ele volta o rosto para ela; tocar qualquer parte do corpo dele segundo o seu desejo; beijá-lo e abraçá-lo quando ele está dormindo; olhá-lo com aparente ansiedade quando ele está absorto em pensamentos ou pensando em outro assunto que não ela; não mostrar nem completa falta de vergonha nem timidez excessiva quando ele a encontra ou a vê, da rua, de pé no terraço da casa; odiar os inimigos dele; amar os que lhe são queridos; mostrar gosto pelo que ele gosta; ficar alegre ou abatida conforme o estado em que ele mesmo está; mostrar curiosidade de ver as esposas dele; não prolongar a sua raiva por muito tempo; suspeitar que até as marcas e feridas feitas por ela mesma com as unhas e os dentes no corpo dele foram feitas por outra mulher; não exprimir o seu amor por ele com palavras, mas mostrá-lo com ações, sinais e insinuações; ficar calada quando ele está dormindo, embriagado ou doente; prestar muita atenção quando ele descreve as suas boas ações e recitá-las depois em seu louvor e proveito; dar-lhe respostas espirituosas, se ele estiver suficientemente apegado a ela; ouvir todas as suas histórias, exceto as que se referem às rivais dela; mostrar abatimento e tristeza se ele suspirar, bocejar ou cair; dizer "vida longa" quando ele espirrar; fingir-se doente ou com desejo de engravidar quando se sentir abatida; abster-se de elogiar as boas qualidades de qualquer outra pessoa e de censurar os que têm os mesmos defeitos que o seu homem; usar qualquer coisa que ele lhe tenha dado; abster-se de pôr os seus enfeites e de comer quando ele estiver com dor, doente, abatido ou sofrendo algum infortúnio, e consolá-lo e lamentar com ele por isso; desejar acompanhá-lo se ele deixar o país por conta própria ou

se for banido pelo rei; mostrar o desejo de não viver depois dele; dizer-lhe que todo o objetivo e o desejo da sua vida eram unir-se a ele; oferecer à Divindade os sacrifícios prometidos antes quando ele adquirir riqueza, ou tiver algum desejo realizado, ou quando se recuperar de alguma doença; pôr enfeites todos os dias; não agir com liberdade demais com ele; recitar o nome dele e o nome da sua família nas suas canções; pôr a mão dele nos quadris, no peito e na testa e adormecer depois de sentir o prazer do seu toque; sentar-se no colo dele e adormecer ali; desejar ter um filho dele; desejar não viver mais do que ele; abster-se de revelar os seus segredos aos outros; dissuadi-lo de votos e jejuns dizendo "que o pecado caia sobre mim"; guardar os votos e jejuns junto com ele quando for impossível fazê-lo mudar de ideia; dizer-lhe que os votos e jejuns são difíceis de observar, até para ela, quando tiver alguma discussão com ele a respeito deles; olhar a sua própria riqueza e a dele sem nenhuma distinção; abster-se de ir a reuniões públicas sem ele e acompanhá-lo quando ele desejar; ter prazer em usar coisas usadas antes por ele e em comer a comida que ele deixou; venerar a família dele, o seu gênio, a sua habilidade nas artes, o seu saber, a sua casta, a sua tez, a sua terra natal, os seus amigos, as suas boas qualidades, a sua idade e o seu temperamento doce; pedir-lhe que cante e faça outras coisas semelhantes, se for capaz delas; ir até ele sem se importar com o medo, o frio, o calor ou a chuva; dizer, a respeito do outro mundo, que ele deverá ser o seu amante até lá; adaptar os seus gostos, o seu gênio e as suas ações ao gosto dele; abster-se da feitiçaria; discutir continuamente com a mãe a respeito de ir até ele e, quando levada à força pela mãe para outro lugar, mostrar o desejo de morrer tomando veneno, deixando-se morrer de fome, ferindo-se com alguma arma ou enforcando-se; e, por fim, assegurar ao homem a sua cons-

tância e o seu amor por meio dos seus agentes, e receber ela mesma o dinheiro, mas abster-se de qualquer discussão com a mãe acerca de assuntos de dinheiro.

5 Quando o homem partir em viagem, ela deve fazê-lo jurar que voltará depressa e, na sua ausência, deve deixar de lado os seus votos de adorar a Divindade e não usar nenhum enfeite, exceto os que dão sorte.

5.2 Se o prazo marcado para a volta dele tiver passado, deve procurar saber a verdadeira data da sua volta pelos presságios, pelas notícias do povo e pelas posições dos planetas, da lua e das estrelas. Nas ocasiões de divertimento e de sonhos auspiciosos, deve dizer: "Que eu me una logo a ele."

5.3 Se, ademais, se sentir melancólica ou vir algum presságio desfavorável, deve realizar algum rito para aplacar a Divindade.

6 Quando o homem voltar para casa, ela deve adorar o deus Kama (isto é, o Cupido indiano) e fazer oferendas a outras Divindades e, tendo mandado as amigas trazerem um pote cheio de água, deve fazer o culto em honra do corvo que come as oferendas que fazemos aos manes dos parentes falecidos. Depois da primeira visita, deve pedir ao amante que também realize certos ritos, e ele o fará se estiver suficientemente apegado a ela.

7 Ora, diz-se que o homem está suficientemente apegado a uma mulher quando o seu amor é desinteressado; quando tem em vista o mesmo objetivo que a sua amada; quando está inteiramente livre de qualquer suspeita a respeito dela; e quando é indiferente ao dinheiro no que se refere a ela.

8 Tal é o modo de uma cortesã viver com um homem como esposa, exposto aqui para orientação segundo as regras de Dattaka. O que não está estabelecido aqui deve ser praticado segundo o costume do povo e a natureza de

cada homem.

9 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

10 "A extensão do amor das mulheres não é conhecida nem mesmo por aqueles que são objeto do seu afeto, por causa da sua sutileza e por causa da avareza e da inteligência natural do sexo feminino."

11 "As mulheres quase nunca são conhecidas em sua verdadeira luz, quer amem os homens, quer se tornem indiferentes a eles; quer lhes deem prazer, quer os abandonem; quer lhes arranquem toda a riqueza que possuam."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS MEIOS DE OBTER DINHEIRO

✦

1 Obtém-se dinheiro de um amante de duas maneiras, a saber:

2 Por meios naturais ou lícitos e por artifícios. Os autores antigos são de opinião que, quando a cortesã consegue do amante todo o dinheiro que quer, não deve usar artifícios. Mas Vatsyayana estabelece que, embora ela possa obter algum dinheiro dele por meios naturais, quando usa artifícios ele lhe dá o dobro, e por isso deve recorrer-se de todo modo ao artifício para lhe arrancar dinheiro.

3 Ora, os artifícios a usar para obter dinheiro do amante são os seguintes:

4 1º. Tirar dinheiro dele em diferentes ocasiões, com o fim de comprar vários artigos, como enfeites, comida, bebida, flores, perfumes e tecidos, e não os comprar, ou obter dele mais do que custam.

5 2º. Elogiar a inteligência dele na sua cara.

6 3º. Fingir-se obrigada a dar presentes por ocasião de festas ligadas a votos, árvores, jardins, templos ou tanques.[75]

7 4º. Fingir que, na hora de ir à casa dele, as suas joias foram roubadas pelos guardas do rei ou por ladrões.

8 5º. Alegar que os seus bens foram destruídos pelo fogo, pela queda da casa ou pelo descuido dos criados.

9 6º. Fingir ter perdido os enfeites do amante junto com os seus.

10 7º. Fazê-lo saber, por outras pessoas, das despesas que ela teve para vir vê-lo.

11 8º. Contrair dívidas por causa do amante.

12 9º. Discutir com a mãe por causa de alguma despesa feita por ela pelo amante e que a mãe não aprovou.

13 10º. Não ir a festas e comemorações na casa das amigas por falta de presentes para lhes dar, tendo antes informado o amante dos presentes valiosos que essas mesmas amigas lhe deram.

14 11º. Não realizar certos ritos festivos sob o pretexto de não ter dinheiro para realizá-los.

15 12º. Contratar artistas para fazer alguma coisa para o amante.

16 13º. Receber médicos e ministros com o fim de alcançar algum objetivo.

17 14º. Ajudar amigos e benfeitores, tanto nas ocasiões festivas quanto na desgraça.

18 15º. Realizar ritos domésticos.

19 16º. Ter de pagar as despesas da cerimônia de casamento do filho de uma amiga.

20 17º. Ter de satisfazer desejos curiosos durante a gravidez.

21 18º. Fingir-se doente e cobrar o custo do tratamento.

22 19º. Ter de resolver os problemas de uma amiga.

23 20º. Vender alguns dos seus enfeites para dar um presente ao amante.

24 21º. Fingir vender alguns dos seus enfeites, móveis ou utensílios de cozinha a um comerciante já instruído sobre como se comportar no caso.

25 22º. Ter de comprar utensílios de cozinha de maior valor que os das outras pessoas, para que possam ser distinguidos mais facilmente e não sejam trocados por outros de qualidade inferior.

26 23º. Lembrar os favores passados do amante e fazer com que as amigas e os seus seguidores sempre falem deles.

27 24º. Informar o amante dos grandes ganhos de outras cortesãs.

28 25º. Descrever diante delas, e na presença do amante, os seus próprios grandes ganhos, fazendo-os parecer ainda maiores que os delas, embora isso talvez não seja verdade.

29 26º. Opor-se abertamente à mãe quando ela tenta convencê-la a ligar-se a homens que ela já conheceu antes, por causa dos grandes ganhos que se podem tirar deles.

30 27º. Por fim, apontar ao amante a generosidade dos seus rivais.

31 Assim terminam os modos e meios de obter dinheiro.

32 A mulher deve sempre conhecer o estado do espírito, dos sentimentos e da disposição do amante para com ela pelas mudanças do seu humor, dos seus modos e da cor do seu rosto.

33 O comportamento de um amante que esfria é o seguinte:

34 1º. Dá à mulher menos do que ela quer, ou outra coisa que não a que ela pede.

35 2º. Mantém-na na esperança com promessas.

36 3º. Finge fazer uma coisa e faz outra.

37 4º. Não satisfaz os desejos dela.

38 5º. Esquece as suas promessas, ou faz outra coisa que não a prometida.

39 6º. Fala com os seus próprios criados de modo misterioso.

40 7º. Dorme em outra casa sob o pretexto de ter de fazer alguma coisa por um amigo.

41 8º. Por fim, fala em particular com as criadas de uma mulher que ele conheceu antes.

42 Ora, quando a cortesã percebe que a disposição do amante para com ela está mudando, deve apoderar-se de todas as melhores coisas dele antes que ele perceba as intenções dela e deixar que um suposto credor as tire dela à força para pagar alguma dívida fingida. Depois disso, se o amante for rico e sempre se tiver comportado bem com ela, deve tratá-lo sempre com respeito; mas, se for pobre e sem recursos, deve livrar-se dele como se nunca o tivesse conhecido antes.

43 Os meios de se livrar de um amante são os seguintes:

44 1º. Descrever os hábitos e os vícios do amante como desagradáveis e censuráveis, com um torcer de lábios e uma batida de pé.

45 2º. Falar de um assunto que ele não conhece.

46 3º. Não mostrar admiração pelo saber dele e criticá-lo.

47 4º. Rebaixar o seu orgulho.

48 5º. Buscar a companhia de homens superiores a ele em saber e sabedoria.

[49] 6º. Mostrar desconsideração por ele em todas as ocasiões.

[50] 7º. Censurar os homens que têm os mesmos defeitos que o amante.

[51] 8º. Mostrar descontentamento com os modos e meios de prazer usados por ele.

[52] 9º. Não lhe dar a boca para beijar.

[53] 10º. Recusar-lhe o acesso ao seu jaghana, isto é, a parte do corpo entre o umbigo e as coxas.

[54] 11º. Mostrar desagrado pelas feridas feitas pelas unhas e pelos dentes dele.

[55] 12º. Não se apertar contra ele quando ele a abraça.

[56] 13º. Manter os membros imóveis durante a união.

[57] 14º. Desejar que ele a possua quando ele está cansado.

[58] 15º. Rir do apego dele por ela.

[59] 16º. Não corresponder aos seus abraços.

[60] 17º. Afastar-se dele quando ele começa a abraçá-la.

[61] 18º. Fingir que está com sono.

[62] 19º. Sair para visitas ou para a sociedade quando percebe que ele deseja gozar dela durante o dia.

[63] 20º. Interpretar mal as suas palavras.

[64] 21º. Rir sem que haja graça nenhuma, ou, quando ele fizer alguma graça, rir sob algum outro pretexto.

65 22º. Olhar de soslaio para as próprias criadas e bater palmas quando ele disser alguma coisa.

66 23º. Interrompê-lo no meio das suas histórias e começar ela mesma a contar outras histórias.

67 24º. Recitar os seus defeitos e vícios e declará-los incuráveis.

68 25º. Dizer às criadas palavras feitas para ferir o coração do amante no ponto mais sensível.

69 26º. Ter o cuidado de não olhar para ele quando ele vier até ela.

70 27º. Pedir-lhe o que não pode ser concedido.

71 28º. E, por fim, despedi-lo de vez.

72 Há também dois versos sobre este assunto, que dizem:

73 "O dever da cortesã consiste em formar ligações com homens adequados, depois de devida e completa consideração, e ligar a si a pessoa com quem se une; em obter riqueza da pessoa que está ligada a ela, e depois despedi-la, depois de lhe ter tirado todos os bens."

74 "A cortesã que leva desse modo a vida de uma esposa não é incomodada por amantes demais e, ainda assim, obtém riqueza em abundância."

75 NOTA:

[76] [75] Ao completar-se um voto, realiza-se uma festa. Algumas árvores, como a figueira-sagrada (peepul) e a figueira-de-bengala, são investidas de cordões sagrados como os dos brâmanes, e por ocasião dessa cerimônia dá-se uma festa. Do mesmo modo, quando se fazem jardins ou se constroem tanques ou templos, também se celebram festas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DA VOLTA A UM ANTIGO AMANTE

✦

1 Quando a cortesã abandona o amante atual depois de esgotada toda a riqueza dele, pode então pensar em se reunir a um antigo amante. Mas só deve voltar para ele se ele tiver adquirido nova riqueza ou ainda for rico, e se ainda estiver apegado a ela. E se esse homem estiver vivendo naquele momento com outra mulher, ela deve refletir bem antes de agir.

2 Ora, um homem assim só pode estar numa das seis seguintes condições, a saber:

3 1º. Pode ter deixado a primeira mulher por vontade própria, e pode até ter deixado outra mulher desde então.

4 2º. Pode ter sido expulso por ambas as mulheres.

5 3º. Pode ter deixado uma mulher por vontade própria e estar vivendo com outra mulher.

6 5º. Pode ter sido expulso por uma mulher e ter deixado a outra por vontade própria.

7 6º. Pode ter sido expulso por uma mulher e estar vivendo com outra.

8 (1). Ora, se o homem deixou ambas as mulheres por vontade própria, não deve ser procurado, por causa da inconstância do seu espírito e da sua indiferença às excelências de ambas.

9 (2). Quanto ao homem que foi expulso por ambas as mulheres, se foi expulso pela última porque a mulher podia obter mais dinheiro de outro homem, então deve ser procurado, pois, se estiver apegado à primeira mulher,

lhe dará mais dinheiro, por vaidade e emulação, para afrontar a outra mulher. Mas, se foi expulso pela mulher por causa da sua pobreza ou mesquinhez, então não deve ser procurado.

10 (3). No caso do homem que deixou uma mulher por vontade própria e foi expulso pela outra, se ele concordar em voltar para a primeira e lhe der antecipadamente bastante dinheiro, então deve ser procurado.

11 (4). No caso do homem que deixou uma mulher por vontade própria e está vivendo com outra mulher, a primeira (desejando ligar-se de novo a ele) deve primeiro verificar se ele a deixou, de início, na esperança de encontrar alguma excelência particular na outra mulher e se, não tendo encontrado tal excelência, está disposto a voltar para ela e a dar-lhe muito dinheiro por causa da sua conduta e por causa do afeto que ainda tem por ela.

12 Ou se, tendo descoberto muitos defeitos na outra mulher, ele agora veria nela ainda mais excelências do que de fato existem e estaria disposto a dar-lhe muito dinheiro por essas qualidades.

13 Ou, por fim, considerar se ele é um homem fraco, ou um homem que gosta de gozar de muitas mulheres, ou um que gosta de mulher pobre, ou um que nunca fez nada pela mulher com quem estava. Depois de considerar maduramente todas essas coisas, deve procurá-lo ou não, segundo as circunstâncias.

14 (5). Quanto ao homem que foi expulso por uma mulher e deixou a outra por vontade própria, a primeira mulher (desejando reunir-se a ele) deve primeiro verificar se ele ainda tem algum afeto por ela e, por isso, gastaria muito dinheiro com ela; ou se, apegado às excelentes qualidades dela, não sentia prazer em outras mulheres; ou se, tendo sido expulso por ela antes de

satisfazer por completo os seus desejos sexuais, quer voltar para ela para se vingar da ofensa sofrida; ou se quer criar confiança no espírito dela e depois tomar de volta a riqueza que ela antes lhe tirou e, por fim, arruiná-la; ou, por último, se quer primeiro separá-la do amante atual e depois romper ele mesmo com ela.

14.2 Se, depois de considerar todas essas coisas, ela achar que as intenções dele são de fato puras e honestas, pode reunir-se a ele. Mas, se o espírito dele estiver de algum modo manchado por más intenções, deve ser evitado.

15 (6). No caso do homem que foi expulso por uma mulher e está vivendo com outra, se o homem fizer investidas para voltar à primeira, a cortesã deve refletir bem antes de agir e, enquanto a outra mulher se ocupa em atraí-lo para si, deve procurar por sua vez (mantendo-se nos bastidores) conquistá-lo, com base em qualquer uma das seguintes considerações, a saber:

16 1º. Que ele foi expulso injustamente e sem motivo adequado, e agora que foi para outra mulher, todo esforço deve ser feito para trazê-lo de volta a mim.

17 2º. Que, se ele conversasse comigo de novo uma vez, romperia com a outra mulher.

18 3º. Que o orgulho do meu amante atual seria rebaixado por meio do antigo.

19 4º. Que ele enriqueceu, conseguiu uma posição mais alta e ocupa um cargo de autoridade sob o rei.

20 5º. Que está separado da esposa.

21 6º. Que agora é independente.

22 7º. Que vive separado do pai ou do irmão.

23 8º. Que, fazendo as pazes com ele, poderei conquistar um homem muito rico que agora é impedido de vir a mim pelo meu amante atual.

24 9º. Que, como ele não é respeitado pela esposa, poderei agora separá-lo dela.

25 10º. Que o amigo desse homem ama a minha rival, que me odeia cordialmente; por esse meio, portanto, separarei o amigo da sua amante.

26 11º. E, por fim, lançarei descrédito sobre ele trazendo-o de volta a mim, mostrando assim a inconstância do seu espírito.

27 Quando a cortesã está decidida a ligar-se de novo a um antigo amante, o seu Pithamarda e outros criados devem dizer-lhe que a sua expulsão anterior da casa da mulher foi causada pela maldade da mãe dela; que a mulher o amava naquele tempo tanto quanto sempre, mas não pôde evitar o ocorrido por deferência à vontade da mãe; que odiava a união com o amante atual e lhe tinha extrema aversão.

27.2 Além disso, devem criar confiança no espírito dele falando-lhe do amor que ela teve por ele e aludir ao sinal desse amor de que ela sempre se lembrou. Esse sinal do seu amor deve estar ligado a alguma espécie de prazer que ele praticava, como o seu modo de beijá-la ou a sua maneira de ter relações com ela.

28 Assim terminam os modos de promover a reunião com um antigo amante.

29 Quando a mulher tem de escolher entre dois amantes, um dos quais esteve unido a ela antes, enquanto o outro é um estranho, os Acharyas (sábios) são de opinião que o primeiro é preferível, porque, sendo o seu gênio e o seu caráter já conhecidos por observação cuidadosa anterior, ele pode ser facilmente agradado e satisfeito; mas Vatsyayana pensa que um antigo amante, tendo já gasto grande parte da sua riqueza, não pode ou não quer dar muito dinheiro de novo e, portanto, não merece tanta confiança quanto um estranho. Podem, porém, surgir casos particulares que diferem dessa regra geral, por causa das diferentes naturezas dos homens.

30 Há também versos sobre o assunto, que dizem:

31 "A reunião com um antigo amante pode ser desejável para separar uma mulher em particular de um homem em particular, ou um homem em particular de uma mulher em particular, ou para produzir certo efeito sobre o amante atual."

32 "Quando um homem está excessivamente apegado a uma mulher, tem medo de que ela entre em contato com outros homens; não repara então nos defeitos dela nem os nota; e lhe dá muita riqueza por medo de que ela o deixe."

33 "A cortesã deve ser agradável ao homem que está apegado a ela e desprezar o homem que não se importa com ela. Se, enquanto vive com um homem, chegar um mensageiro de outro homem, pode recusar-se a ouvir qualquer negociação da parte dele, ou marcar-lhe uma hora fixa para visitá-la, mas não deve deixar o homem que vive com ela e que está apegado a ela."

[34] "A mulher sábia só deve renovar a sua ligação com um antigo amante se estiver convencida de que boa sorte, ganho, amor e amizade provavelmente resultarão dessa reunião."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS TIPOS DE GANHO

✦

1 Quando a cortesã consegue obter muito dinheiro todos os dias, por ter muitos clientes, não deve limitar-se a um só amante; nessas circunstâncias, deve fixar o seu preço por uma noite, depois de considerar o lugar, a estação e a condição das pessoas, levando em conta as suas próprias boas qualidades e a sua boa aparência, e depois de comparar os seus preços com os de outras cortesãs.

1.2 Pode informar os amantes, os amigos e os conhecidos desses preços. Se, contudo, puder obter um grande ganho de um só amante, pode recorrer só a ele e viver com ele como esposa.

2 Ora, os Sábios são de opinião que, quando a cortesã tem a possibilidade de um ganho igual de dois amantes ao mesmo tempo, deve dar-se preferência àquele que lhe der o tipo de coisa que ela quer.

2.2 Mas Vatsyayana diz que se deve dar preferência ao que lhe der ouro, porque o ouro não pode ser tomado de volta como algumas outras coisas, pode ser recebido facilmente e é também o meio de conseguir tudo o que se deseje.

2.3 Entre coisas como ouro, prata, cobre, metal de sino, ferro, panelas, móveis, camas, roupas de cima, roupas de baixo, substâncias perfumadas, vasos feitos de cabaça, ghee, óleo, grão, gado e outras coisas da mesma natureza, a primeira, isto é, o ouro, é superior a todas as outras.

3 Quando se exige o mesmo esforço para conquistar dois amantes, ou quando se pode obter de cada um deles o mesmo tipo de coisa, a escolha deve ser feita pelo conselho de um amigo, ou pode ser feita pelas suas quali-

dades pessoais, ou pelos sinais de boa ou má sorte que possam estar ligados a eles.

4 Quando há dois amantes, um dos quais está apegado à cortesã e o outro é simplesmente muito generoso, os Sábios dizem que se deve dar preferência ao amante generoso, mas Vatsyayana é de opinião que se deve preferir aquele que está de fato apegado à cortesã, porque este pode ser levado a ser generoso, assim como um avarento dá dinheiro se ficar afeiçoado a uma mulher, mas um homem que é simplesmente generoso não pode ser levado a amar com verdadeiro apego. Mas, entre os que estão apegados a ela, se houver um pobre e um rico, deve-se naturalmente dar preferência ao último.

5 Quando há dois amantes, um dos quais é generoso e o outro está pronto a prestar qualquer serviço à cortesã, alguns Sábios dizem que se deve preferir o que está pronto a prestar o serviço, mas Vatsyayana é de opinião que o homem que presta um serviço pensa que alcançou o seu objetivo quando fez alguma coisa uma vez, mas o homem generoso não se importa com o que deu antes. Mesmo aqui, a escolha deve ser guiada pela probabilidade do bem futuro que ela tirará da união com qualquer um deles.

6 Quando um dos dois amantes é grato e o outro generoso, alguns Sábios dizem que se deve preferir o generoso, mas Vatsyayana é de opinião que se deve escolher o primeiro, porque os homens generosos são em geral altivos, francos demais e sem consideração pelos outros.

6.2 Ainda que esses homens generosos tenham estado em termos de amizade por muito tempo, se virem algum defeito na cortesã, ou se outras mulheres lhes contarem mentiras sobre ela, não se importam com os serviços passados e vão-se embora bruscamente. Por outro lado, o homem grato não

rompe logo com ela, por consideração aos esforços que ela fez para agradá-lo. Também neste caso a escolha deve ser guiada pelo que pode acontecer no futuro.

7 Quando a ocasião de atender ao pedido de um amigo e a possibilidade de obter dinheiro vêm juntas, os Sábios dizem que se deve preferir a possibilidade de obter dinheiro. Mas Vatsyayana pensa que o dinheiro pode ser obtido amanhã tanto quanto hoje, mas, se o pedido de um amigo não for atendido logo, ele pode ficar desafeiçoado. Mesmo aqui, ao fazer a escolha, deve-se levar em conta a boa sorte futura.

8 Nessa ocasião, porém, a cortesã poderia acalmar o amigo fingindo ter algum trabalho a fazer e dizendo-lhe que o seu pedido será atendido no dia seguinte, e desse modo garantir a possibilidade de obter o dinheiro que lhe foi oferecido.

9 Quando a possibilidade de obter dinheiro e a possibilidade de evitar algum desastre vêm ao mesmo tempo, os Sábios são de opinião que se deve preferir a possibilidade de obter dinheiro, mas Vatsyayana diz que o dinheiro tem só uma importância limitada, enquanto um desastre evitado uma vez pode nunca mais acontecer. Aqui, porém, a escolha deve ser guiada pela grandeza ou pequenez do desastre.

10 Os ganhos das cortesãs mais ricas e de melhor tipo devem ser gastos como segue:

11 Construir templos, tanques e jardins; dar mil vacas a diferentes brâmanes; manter o culto dos Deuses e celebrar festas em sua honra; e, por fim, cumprir os votos que estejam ao seu alcance.

12 Os ganhos das outras cortesãs devem ser gastos como segue:

13 Ter uma roupa branca para usar todos os dias; obter comida e bebida suficientes para saciar a fome e a sede; mascar diariamente um tambula perfumado, isto é, uma mistura de noz e folha de bétel; e usar enfeites dourados a ouro. Os Sábios dizem que estes representam os ganhos de todas as classes médias e baixas de cortesãs, mas Vatsyayana é de opinião que os seus ganhos não podem ser calculados nem fixados de modo algum, pois dependem da influência do lugar, dos costumes do povo, da sua própria aparência e de muitas outras coisas.

14 Quando a cortesã quer manter certo homem longe de outra mulher; ou quer afastá-lo de alguma mulher a quem ele esteja apegado; ou privar alguma mulher dos ganhos que ela obtém dele; ou se pensa que elevaria a sua posição, ou gozaria de alguma grande boa sorte, ou se tornaria desejável a todos os homens unindo-se a esse homem; ou se deseja obter a ajuda dele para evitar algum infortúnio; ou está de fato apegada a ele e o ama; ou deseja prejudicar alguém por meio dele; ou leva em conta algum favor que ele lhe fez antes; ou deseja unir-se a ele só por desejo; por qualquer das razões acima, deve concordar em receber dele só uma pequena quantia de dinheiro, de modo amigável.

15 Quando a cortesã pretende abandonar certo amante e ligar-se a outro; ou quando tem razões para crer que o amante a deixará em breve e voltará para as suas esposas; ou que, tendo esbanjado todo o seu dinheiro e ficado sem um tostão, o seu tutor, o seu senhor ou o seu pai virá buscá-lo; ou que o amante está prestes a perder a sua posição; ou, por fim, que ele é de espírito muito inconstante, em qualquer dessas circunstâncias deve procurar obter dele o máximo de dinheiro possível, o quanto antes.

16 Por outro lado, quando a cortesã pensa que o amante está prestes a receber presentes valiosos; ou a obter do rei um cargo de autoridade; ou que está perto de herdar uma fortuna; ou que o seu navio logo chegará carregado de mercadorias; ou que ele tem grandes estoques de grão e de outros bens; ou que, se se fizer alguma coisa por ele, não será em vão; ou que ele sempre cumpre a palavra, então deve ter em vista o seu bem-estar futuro e viver com o homem como esposa.

17 Há também versos sobre o assunto, que dizem:

18 "Ao considerar os seus ganhos presentes e o seu bem-estar futuro, a cortesã deve evitar as pessoas que obtiveram os seus meios de subsistência com muita dificuldade, e também as que se tornaram egoístas e duras de coração por se tornarem favoritas dos reis."

19 "Deve fazer todo esforço para se unir a pessoas prósperas e abastadas, e àquelas que é perigoso evitar ou desconsiderar de algum modo. Mesmo com algum custo para si mesma, deve travar conhecimento com homens enérgicos e de espírito generoso, que, quando satisfeitos, lhe darão uma grande quantia de dinheiro, mesmo por um serviço muito pequeno ou por alguma coisa pequena."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS GANHOS E PERDAS, E DOS TIPOS DE CORTESÃ

✦

1 Acontece às vezes que, enquanto se buscam ganhos ou se espera realizá-los, só perdas resultam dos nossos esforços; as causas dessas perdas são:

2 Fraqueza de inteligência.

3 Amor excessivo.

4 Orgulho excessivo.

5 Presunção excessiva.

6 Simplicidade excessiva.

7 Confiança excessiva.

8 Ira excessiva.

9 Descuido.

10 Imprudência.

11 Influência de um mau gênio.

12 Circunstâncias acidentais.

13 Os resultados dessas perdas são:

14 Despesa feita sem nenhum resultado.

15 Ruína da boa sorte futura.

16 Interrupção de ganhos prestes a realizar-se.

17 Perda do que já se obteve.

18 Aquisição de um gênio azedo.

19 Tornar-se antipática a todos.

20 Dano à saúde.

21 Perda de cabelo e outros acidentes.

22 Ora, o ganho é de três espécies, a saber: ganho de riqueza, ganho de mérito religioso e ganho de prazer; e, do mesmo modo, a perda é de três espécies, a saber: perda de riqueza, perda de mérito religioso e perda de prazer. Quando se buscam ganhos, se outros ganhos vêm junto com eles, chamam-se ganhos acessórios.

22.2 Quando o ganho é incerto, a dúvida sobre se é um ganho chama-se dúvida simples. Quando há dúvida sobre se uma de duas coisas acontecerá ou não, chama-se dúvida mista. Se, enquanto se faz uma coisa, se produzem dois resultados, chama-se combinação de dois resultados; e se vários resultados decorrem da mesma ação, chama-se combinação de resultados por todos os lados.

23 Daremos agora exemplos do que se disse acima.

24 Como já se disse, o ganho é de três espécies, e a perda, que se opõe ao ganho, também é de três espécies.

25 (a). Quando, vivendo com um grande homem, a cortesã adquire riqueza presente e, além disso, trava conhecimento com outras pessoas, obtendo assim a possibilidade de fortuna futura e um aumento de riqueza, e se torna desejável a todos, chama-se ganho de riqueza acompanhado de outro ganho.

26 (b). Quando, vivendo com um homem, a cortesã simplesmente obtém dinheiro, chama-se ganho de riqueza não acompanhado de nenhum outro ganho.

27 (c). Quando a cortesã recebe dinheiro de outras pessoas além do amante, os resultados são: a possibilidade de perder o bem futuro do amante atual; a possibilidade de desafeição de um homem firmemente apegado a ela; o ódio de todos; e a possibilidade de uma união com alguma pessoa baixa, que tende a arruinar o seu bem futuro. Esse ganho chama-se ganho de riqueza acompanhado de perdas.

28 (d). Quando a cortesã, à sua própria custa e sem nenhum resultado em forma de ganho, se ligou a um grande homem ou a um ministro avarento para desviar algum infortúnio ou remover alguma causa que ameaçava a ruína de um grande ganho, diz-se que essa perda é uma perda de riqueza acompanhada de ganhos do bem futuro que ela pode trazer.

29 (e). Quando a cortesã é bondosa, mesmo à sua própria custa, com um homem muito avarento, ou com um homem orgulhoso da sua aparência, ou com um homem ingrato hábil em conquistar o coração dos outros, sem que no fim lhe resulte nenhum bem dessas ligações, essa perda chama-se perda de riqueza não acompanhada de nenhum ganho.

30 (f). Quando a cortesã é bondosa com algum desses homens descritos acima, mas que, ademais, são favoritos do rei e, ainda por cima, cruéis e poderosos, sem nenhum bom resultado no fim e com a possibilidade de ser posta para fora a qualquer momento, essa perda chama-se perda de riqueza acompanhada de outras perdas.

31 Desse modo o leitor pode conhecer os ganhos e as perdas, e os ganhos e perdas acessórios, em mérito religioso e em prazeres, e podem também fazer-se combinações de todos eles.

32 Assim terminam as observações sobre os ganhos e as perdas e sobre os ganhos e perdas acessórios.

33 Em seguida chegamos às dúvidas, que também são de três espécies, a saber: dúvidas sobre a riqueza, dúvidas sobre o mérito religioso e dúvidas sobre os prazeres.

34 Seguem-se exemplos.

35 (a). Quando a cortesã não tem certeza de quanto um homem pode dar-lhe ou gastar com ela, chama-se dúvida sobre a riqueza.

36 (b). Quando a cortesã fica em dúvida se faz bem em abandonar inteiramente um amante de quem não consegue obter dinheiro, depois de lhe ter tirado de início toda a riqueza, essa dúvida chama-se dúvida sobre o mérito religioso.

37 (c). Quando a cortesã não consegue um amante do seu agrado e não tem certeza se terá algum prazer com uma pessoa cercada pela família ou com uma pessoa baixa, chama-se dúvida sobre o prazer.

38 (d). Quando a cortesã não tem certeza se algum sujeito poderoso, mas sem princípios, lhe causaria prejuízo por ela não ser cortês com ele, chama-se dúvida sobre a perda de riqueza.

39 (e). Quando a cortesã fica em dúvida se perderia mérito religioso abandonando um homem apegado a ela sem lhe conceder o menor favor, causando-lhe assim infelicidade neste mundo e no outro,[76] essa dúvida

chama-se dúvida sobre a perda de mérito religioso.

40 (f). Quando a cortesã não tem certeza se poderia criar desafeição falando abertamente e revelando o seu amor, e assim não ter o seu desejo satisfeito, chama-se dúvida sobre a perda de prazer.

41 Assim terminam as observações sobre as dúvidas.

42 Dúvidas mistas.

43 (a). A relação ou ligação com um estranho cujo gênio é desconhecido e que pode ter sido apresentado por um amante ou por alguém com autoridade pode produzir ganho ou perda; por isso chama-se dúvida mista sobre o ganho e a perda de riqueza.

44 (b). Quando a cortesã é solicitada por um amigo, ou impelida pela piedade, a ter relações com um brâmane culto, um estudante religioso, um sacrificador, um devoto ou um asceta que se tenham todos apaixonado por ela e que, por isso, estejam à beira da morte, fazendo isso ela pode ganhar ou perder mérito religioso; por isso chama-se dúvida mista sobre o ganho e a perda de mérito religioso.

45 (c). Se a cortesã confia só no que outras pessoas dizem (isto é, no ouvir dizer) sobre um homem e vai até ele sem verificar ela mesma se ele tem boas qualidades ou não, pode ganhar ou perder prazer na medida em que ele seja bom ou mau; por isso chama-se dúvida mista sobre o ganho e a perda de prazer.

46 Uddalika descreveu os ganhos e as perdas dos dois lados como segue.

47 (a). Se, vivendo com um amante, a cortesã obtém dele riqueza e prazer, chama-se ganho dos dois lados.

48 (b). Quando a cortesã vive com um amante à sua própria custa sem tirar disso nenhum proveito, e o amante ainda toma de volta o que lhe tenha dado antes, chama-se perda dos dois lados.

49 (c). Quando a cortesã não tem certeza se um novo conhecido se apegaria a ela e, além disso, se, apegando-se a ela, lhe daria alguma coisa, chama-se então dúvida dos dois lados sobre os ganhos.

50 (d). Quando a cortesã não tem certeza se um antigo inimigo, reconciliado por ela à sua própria custa, lhe faria algum mal por causa do rancor que tem dela; ou se, apegando-se a ela, lhe tiraria com raiva alguma coisa que lhe tenha dado, chama-se dúvida dos dois lados sobre a perda.

51 Babhravya descreveu os ganhos e as perdas dos dois lados como segue.

52 (a). Quando a cortesã pode obter dinheiro de um homem a quem vá ver e também dinheiro de um homem a quem não vá ver, chama-se ganho dos dois lados.

53 (b). Quando a cortesã tem de fazer mais despesas se for ver um homem e, ainda assim, corre o risco de sofrer uma perda irremediável se não for vê-lo, chama-se perda dos dois lados.

54 (c). Quando a cortesã não tem certeza se certo homem lhe daria alguma coisa se ela fosse vê-lo, sem despesa da sua parte, ou se, descuidando dele, outro homem lhe daria alguma coisa, chama-se dúvida dos dois lados sobre o ganho.

55 (d). Quando a cortesã não tem certeza se, indo à sua própria custa ver um velho inimigo, ele tomaria de volta o que lhe tenha dado, ou se, não indo vê-lo, ele faria cair sobre ela algum desastre, chama-se dúvida dos dois lados

sobre a perda.

56 Combinando o que se disse acima, produzem-se as seis seguintes espécies de resultados mistos, a saber:

57 (a). Ganho de um lado e perda do outro.

58 (b). Ganho de um lado e dúvida de ganho do outro.

59 (c). Ganho de um lado e dúvida de perda do outro.

60 (d). Perda de um lado e dúvida de ganho do outro.

61 (e). Dúvida de ganho de um lado e dúvida de perda do outro.

62 (f). Dúvida de perda de um lado e perda do outro.

63 A cortesã, tendo considerado todas as coisas acima e aconselhando-se com as amigas, deve agir de modo a obter ganho, as possibilidades de grande ganho e o afastamento de qualquer grande desastre. O mérito religioso e o prazer também devem ser dispostos em combinações separadas, como as da riqueza, e depois todas devem ser combinadas entre si, de modo a formar novas combinações.

64 Quando a cortesã se junta a homens, deve fazer com que cada um deles lhe dê dinheiro e também prazer. Em certas épocas, como as Festas da Primavera etc., deve fazer a mãe anunciar aos vários homens que, em certo dia, a filha ficará com o homem que satisfizer tal e tal desejo seu.

65 Quando os rapazes se aproximarem dela com alegria, deve pensar no que pode realizar por meio deles.

66 As combinações de ganhos e perdas por todos os lados são: ganho de um lado e perda de todos os outros; perda de um lado e ganho de todos os outros; ganho de todos os lados; perda de todos os lados.

67 A cortesã deve também considerar as dúvidas sobre o ganho e as dúvidas sobre a perda com referência à riqueza, ao mérito religioso e ao prazer.

68 Assim termina a consideração do ganho, da perda, dos ganhos acessórios, das perdas acessórias e das dúvidas.

69 As diferentes espécies de cortesãs são:

70 A alcoviteira.

71 A criada.

72 A mulher impudica.

73 A dançarina.

74 A artesã.

75 A mulher que deixou a família.

76 A mulher que vive da sua beleza.

77 E, por fim, a cortesã propriamente dita.

78 Todas essas espécies de cortesãs conhecem várias espécies de homens e devem considerar os modos de obter dinheiro deles, de agradá-los, de se separar deles e de se reunir a eles. Devem também levar em consideração os ganhos e as perdas particulares, os ganhos e as perdas acessórios e as dúvidas, segundo as suas várias condições.

79 Assim terminam as considerações sobre as cortesãs.

80 Há também dois versos sobre o assunto, que dizem:

81 "Os homens querem prazer, enquanto as mulheres querem dinheiro; por isso, esta Parte, que trata dos meios de obter riqueza, deve ser estudada."

82 "Há algumas mulheres que buscam o amor, e há outras que buscam o dinheiro; para as primeiras, os caminhos do amor foram ditos nas partes anteriores desta obra, enquanto os modos de obter dinheiro, como os praticam as cortesãs, são descritos nesta Parte."

83 NOTA:

84 [76] Diz-se que as almas dos homens que morrem com os seus desejos não realizados vão para o mundo dos Manes, e não diretamente para o Espírito Supremo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DO ADORNO PESSOAL E DOS TÔNICOS

✦



1 Quando alguém não consegue alcançar o objeto dos seus desejos por nenhum dos modos relatados antes, deve então recorrer a outros modos de atrair os outros para si.

2 Ora, a boa aparência, as boas qualidades, a juventude e a generosidade são os meios principais e mais naturais de tornar uma pessoa agradável aos olhos dos outros. Mas, na falta destes, o homem ou a mulher deve recorrer a meios artificiais, ou à arte, e as seguintes são algumas receitas que podem ser úteis.

3 (a). Um unguento feito de tabernaemontana coronaria, de costus speciosus ou arabicus e de flacourtia cataphracta pode ser usado como unguento de adorno.

4 (b). Se se fizer um pó fino das plantas acima e se aplicar ao pavio de uma lâmpada que se faz arder com óleo de vitríolo azul, o pigmento negro, ou negro de fumo, assim produzido, aplicado às pestanas, tem o efeito de tornar uma pessoa encantadora.

5 (c). O óleo da erva-de-porco, da echites putescens, da planta sarina, do amaranto-amarelo e da folha de ninfeia, aplicado ao corpo, tem o mesmo efeito.

6 (d). Um pigmento negro das mesmas plantas produz efeito semelhante.

7 (e). Comendo o pó do nelumbium speciosum, do lótus azul e da mesua roxburghii com ghee e mel, o homem se torna encantador aos olhos dos outros.

8 (f). As coisas acima, junto com a tabernaemontana coronaria e o xanthochymus pictorius, usadas como unguento, produzem os mesmos resultados.

9 (g). Se o osso de um pavão ou de uma hiena for coberto de ouro e amarrado na mão direita, torna o homem encantador aos olhos das outras pessoas.

10 (h). Do mesmo modo, se uma conta feita da semente da jujuba, ou da concha, for encantada pelos encantamentos mencionados no Atharva Veda, ou pelos encantamentos dos que são hábeis na ciência da magia, e amarrada na mão, produz o mesmo resultado descrito acima.

11 (i). Quando uma criada chega à puberdade, o seu senhor deve mantê-la reclusa e, quando os homens a desejarem ardentemente por causa da sua reclusão e da dificuldade de se aproximar dela, deve então dar a sua mão a uma pessoa que possa dotá-la de riqueza e felicidade.

12 Esse é um meio de aumentar o encanto de uma pessoa aos olhos dos outros.

13 Do mesmo modo, quando a filha de uma cortesã chega à puberdade, a mãe deve reunir uma porção de rapazes da mesma idade, do mesmo gênio e do mesmo saber que a filha e dizer-lhes que a dará em casamento à pessoa que lhe der presentes de determinado tipo.

14 Depois disso, a filha deve ser mantida reclusa tanto quanto possível, e a mãe deve dá-la em casamento ao homem que estiver pronto a dar-lhe os presentes combinados. Se a mãe não conseguir obter tanto do homem, deve mostrar algumas das suas próprias coisas como se tivessem sido dadas à filha pelo noivo.

15 Ou a mãe pode permitir que a filha se case com o homem em particular, como se ignorasse todo o assunto, e depois, fingindo que chegou ao seu conhecimento, pode dar o seu consentimento à união.

16 A filha, também, deve tornar-se atraente para os filhos dos cidadãos ricos, sem que a mãe saiba, e fazê-los apegar-se a ela, e com esse fim deve encontrá-los na hora de aprender a cantar, nos lugares onde se toca música e nas casas de outras pessoas, e então pedir à mãe, por meio de uma amiga ou criada, permissão para se unir ao homem que mais lhe agrada.[77]

17 Quando a filha de uma cortesã é assim dada a um homem, os laços do casamento devem ser observados por um ano, e depois disso ela pode fazer o que quiser. Mas, mesmo depois do fim do ano, estando ocupada de outro modo, se for de vez em quando convidada pelo primeiro marido a vir vê-lo, deve deixar de lado o seu ganho presente e ir até ele para a noite.

18 Tal é o modo de casamento temporário entre as cortesãs, e de aumentar o seu encanto e o seu valor aos olhos dos outros. O que se disse a respeito delas deve entender-se também das filhas das dançarinas, cujas mães só devem

dá-las às pessoas que provavelmente lhes serão úteis de vários modos.

19 Assim terminam os modos de se tornar encantador aos olhos dos outros.

20 (a). Se o homem, depois de untar o seu lingam com uma mistura dos pós de estramônio branco, pimenta-longa e pimenta-do-reino, e mel, se entregar à união sexual com uma mulher, sujeita-a à sua vontade.

21 (b). A aplicação de uma mistura da folha da planta vatodbhranta, das flores lançadas sobre um cadáver humano quando levado para ser queimado e do pó dos ossos do pavão e da ave jiwanjiva produz o mesmo efeito.

22 (c). Os restos de um milhafre que morreu de morte natural, reduzidos a pó e misturados com mucuna e mel, também têm o mesmo efeito.

23 (d). Untar-se com um unguento feito da planta emblica myrobalans tem o poder de sujeitar as mulheres à própria vontade.

24 (e). Se o homem cortar em pedacinhos os brotos da planta vajnasunhi, mergulhá-los numa mistura de arsênico vermelho e enxofre e depois secá-los sete vezes, e aplicar esse pó misturado com mel ao seu lingam, pode sujeitar uma mulher à sua vontade logo que tiver tido união sexual com ela; ou, se, queimando esses mesmos brotos à noite e olhando a fumaça, vir uma lua dourada atrás, terá então êxito com qualquer mulher; ou, se lançar um pouco do pó desses mesmos brotos misturado com excremento de macaco sobre uma donzela, ela não será dada em casamento a mais ninguém.

25 (f). Se pedaços de raiz de íris forem preparados com óleo de manga e postos durante seis meses num buraco feito no tronco da árvore sisu, e depois retirados e transformados num unguento e aplicados ao lingam, diz-se que isso serve de meio para sujeitar as mulheres.

26 (g). Se o osso de um camelo for mergulhado no suco da planta eclipta prostrata e depois queimado, e o pigmento negro produzido das suas cinzas for posto numa caixa também feita de osso de camelo e aplicado, junto com antimônio, às pestanas com um pincel também feito de osso de camelo, diz-se que esse pigmento é muito puro e saudável para os olhos e serve de meio para sujeitar os outros à pessoa que o usa. O mesmo efeito pode ser produzido pelo pigmento negro feito dos ossos de falcões, abutres e pavões.

27 Assim terminam os modos de sujeitar os outros à própria vontade.

28 Ora, os meios de aumentar o vigor sexual são os seguintes:

29 (a). O homem obtém vigor sexual bebendo leite misturado com açúcar, com a raiz da planta uchchata, com piper chaba e com alcaçuz.

30 (b). Beber leite misturado com açúcar, no qual se tenha cozido o testículo de um carneiro ou de um bode, também produz vigor.

31 (c). Beber o suco do hedysarum gangeticum, do kuili e da planta kshirika misturado com leite produz o mesmo efeito.

32 (d). A semente da pimenta-longa, junto com as sementes da sansevieria roxburghiana e da planta hedysarum gangeticum, tudo pilado junto e misturado com leite, produz resultado semelhante.

33 (e). Segundo os autores antigos, se o homem pilar as sementes ou raízes da trapa bispinosa, da kasurika, do jasmim-da-toscana e do alcaçuz, junto com a kshirakapoli (uma espécie de cebola), e puser o pó em leite misturado com açúcar e ghee, e, tendo fervido toda a mistura em fogo moderado, beber a pasta assim formada, poderá gozar de inúmeras mulheres.

[34] (f). Do mesmo modo, se o homem misturar arroz com ovos de pardal e, tendo-o fervido em leite, lhe acrescentar ghee e mel e beber o quanto for necessário, isso produzirá o mesmo efeito.

[35] (g). Se o homem tomar a casca exterior das sementes de gergelim e embebê-las com ovos de pardal e depois, tendo-as fervido em leite misturado com açúcar e ghee, junto com os frutos da trapa bispinosa e da planta kasurika, e acrescentando-lhe farinha de trigo e de feijão, beber essa composição, diz-se que poderá gozar de muitas mulheres.

[36] (h). Se se misturarem ghee, mel, açúcar e alcaçuz em quantidades iguais, suco de funcho e leite, diz-se que essa composição semelhante ao néctar é santa, provoca o vigor sexual, conserva a vida e é doce ao paladar.

[37] (i). Diz-se que beber uma pasta composta de asparagus racemosus, da planta shvadaushtra, da planta guduchi, de pimenta-longa e de alcaçuz, fervida em leite, mel e ghee, na primavera, tem o mesmo efeito que a receita acima.

[38] (j). Diz-se que ferver em água o asparagus racemosus e a planta shvadaushtra, junto com os frutos pilados da premna spinosa, e beber isso age do mesmo modo.

[39] (k). Diz-se que beber ghee fervido, ou manteiga clarificada, de manhã, durante a primavera, é benéfico para a saúde e a força e agradável ao paladar.

[40] (l). Se o pó da semente da planta shvadaushtra e a flor de cevada forem misturados em partes iguais, e uma porção disso, isto é, duas palas de peso, for comida todas as manhãs ao levantar, tem o mesmo efeito que a receita anterior.

41 Há também versos sobre o assunto, que dizem:

42 "Os meios[78] de produzir amor e vigor sexual devem ser aprendidos da ciência da medicina, dos Vedas, dos que são versados nas artes da magia e de parentes de confiança. Não se deve experimentar nenhum meio de efeito duvidoso, que possa causar dano ao corpo, que envolva a morte de animais ou que nos ponha em contato com coisas impuras. Só se devem usar os meios que sejam santos, reconhecidos como bons e aprovados pelos brâmanes e pelos amigos."

43 NOTA:

44 [77] É costume das cortesãs dos países orientais dar as filhas temporariamente em casamento quando chegam à idade adulta, depois de terem recebido educação no Kama Sutra e em outras artes. Dão-se pormenores completos disso na página 76 de "Early Ideas, a group of Hindoo stories, collected and collated by Anaryan". W. H. Allen and Co., Londres, 1881.

45 [78] Desde os tempos mais antigos, os autores orientais se ocuparam dos afrodisíacos. A seguinte nota sobre o assunto foi tirada da página 29 de uma tradução da Arte Hindu do Amor, também chamada Ananga Ranga, mencionada no prefácio desta obra, Parte I, páginas 3 e 5: "A maioria dos tratados orientais divide os afrodisíacos em duas espécies diferentes: 1., os mecânicos ou naturais, como a escarificação, a flagelação etc.; e 2., os medicinais ou artificiais.

45.2 Aos primeiros pertence a aplicação de insetos, como a praticam algumas raças selvagens; e todos os orientalistas se lembrarão da história do velho brâmane cuja jovem esposa insistia em que ele fosse picado de novo por uma vespa."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

DOS MEIOS DE DESPERTAR O DESEJO; RECEITAS

✦

1 Se o homem não consegue satisfazer uma Hastini, ou mulher elefanta, deve recorrer a vários meios para excitar a paixão dela. No começo deve esfregar a yoni dela com a mão ou os dedos e não começar a ter relações com ela antes que ela fique excitada ou sinta prazer. Esse é um modo de excitar a mulher.

2 Ou pode usar certos Apadravyas, isto é, coisas que se põem sobre o lingam ou em volta dele para completar o seu comprimento ou a sua grossura, de modo a ajustá-lo à yoni. Na opinião de Babhravya, esses Apadravyas devem ser feitos de ouro, prata, cobre, ferro, marfim, chifre de búfalo, várias espécies de madeira, estanho ou chumbo, e devem ser macios, frescos, provocadores do vigor sexual e bem adequados ao fim pretendido. Vatsyayana, porém, diz que podem ser feitos segundo o gosto natural de cada um.

3 As diferentes espécies de Apadravyas são as seguintes.

4 (1). "A braçadeira" (Valaya) deve ser do mesmo tamanho que o lingam e deve ter a superfície exterior áspera, com glóbulos.

5 (2). "O par" (Sanghati) é formado de duas braçadeiras.

6 (3). "O bracelete" (Chudaka) faz-se juntando três ou mais braçadeiras, até que cheguem ao comprimento necessário do lingam.

7 (4). "O bracelete simples" forma-se enrolando um único fio em volta do lingam, segundo as suas dimensões.

8 (5). O Kantuka ou Jalaka é um tubo aberto nas duas pontas, com um furo de lado a lado, áspero por fora e cravejado de glóbulos macios, feito para se ajustar ao lado da yoni e amarrado à cintura.

9 Quando não se pode obter tal coisa, pode-se usar um tubo feito do fruto da maçã-de-elefante, ou o talo tubular da cabaça, ou um caniço amaciado com óleo e extratos de plantas e amarrado à cintura com cordões, bem como uma fileira de pedaços macios de madeira amarrados juntos.

10 Essas são as coisas que podem ser usadas junto com o lingam ou no lugar dele.

11 O povo das regiões do sul pensa que não se pode obter verdadeiro prazer sexual sem furar o lingam, e por isso o faz perfurar como os lóbulos das orelhas de uma criança furados para brincos.

12 Ora, quando um rapaz fura o seu lingam, deve perfurá-lo com um instrumento afiado e depois ficar de pé dentro da água enquanto o sangue continuar a correr. À noite deve entregar-se à relação sexual, mesmo com vigor, para limpar o furo.

12.2 Depois disso deve continuar a lavar o furo com decoctos e aumentar o seu tamanho pondo nele pedacinhos de cana e de wrightia antidysenterica, alargando assim gradualmente o orifício. Pode também ser lavado com alcaçuz misturado com mel, e o tamanho do furo aumentado com os pedúnculos dos frutos da planta sima-patra. O furo deve ser untado com uma pequena quantidade de óleo.

13 No furo feito no lingam, o homem pode pôr Apadravyas de várias formas, como o "redondo", o "redondo de um lado", o "pilão de madeira", a "flor", a "braçadeira", o "osso da garça", o "aguilhão do elefante", o "conjunto

de oito bolas", o "cacho de cabelo", o "lugar onde se encontram quatro caminhos" e outras coisas nomeadas segundo as suas formas e os modos de usá-las. Todos esses Apadravyas devem ser ásperos por fora, segundo as suas necessidades.

14 Devem agora relatar-se os modos de aumentar o lingam.

15 Quando o homem deseja aumentar o seu lingam, deve esfregá-lo com as cerdas de certos insetos que vivem nas árvores e depois, depois de esfregá-lo durante dez noites com óleos, deve esfregá-lo de novo com as cerdas, como antes.

15.2 Continuando a fazer isso, produz-se aos poucos um inchaço no lingam, e ele deve então deitar-se num catre e deixar o lingam pender por um buraco do catre. Depois disso deve tirar toda a dor do inchaço usando preparados frescos. O inchaço, que se chama "Suka" e é muitas vezes produzido entre o povo do país dos drávidas, dura a vida toda.

16 Se o lingam for esfregado com as seguintes coisas, a saber, a planta physalis flexuosa, a planta shavara-kandaka, a planta jalasuka, o fruto da berinjela, a manteiga de búfala, a planta hasti-charma e o suco da planta vajrarasa, produz-se um inchaço que dura um mês.

17 Esfregando-o com óleo fervido nos preparados das coisas acima, produz-se o mesmo efeito, mas que dura seis meses.

18 O aumento do lingam também se obtém esfregando-o ou umedecendo-o com óleo fervido em fogo moderado junto com as sementes da romã e do pepino e os sucos da planta valuka, da planta hasti-charma e da berinjela.

19 Além dos acima, outros meios podem ser aprendidos com pessoas experientes e de confiança.

20 As experiências e receitas diversas são as seguintes:

21 (a). Se o homem misturar o pó da planta leiteira (milk hedge) e da planta kantaka com excremento de macaco e a raiz em pó da planta lanjalalika e lançar essa mistura sobre uma mulher, ela não amará mais ninguém depois disso.

22 (b). Se o homem engrossar o suco dos frutos da cassia fistula e da eugenia jambolana misturando-os com o pó da planta soma, da vernonia anthelmintica, da eclipta prostrata e da lohopa-jihirka, e aplicar essa composição à yoni de uma mulher e depois tiver relações sexuais com ela, o seu amor por ela será destruído.

23 (c). Produz-se o mesmo efeito se o homem tiver relações com uma mulher que se banhou no leitelho de búfala misturado com os pós da planta gopalika, da planta banu-padika e do amaranto-amarelo.

24 (d). Um unguento feito das flores da nauclea cadamba, da cajá e da eugenia jambolana, usado por uma mulher, faz com que ela seja malquista pelo marido.

25 (e). Guirlandas feitas das flores acima, usadas pela mulher, produzem o mesmo efeito.

26 (f). Um unguento feito do fruto da asteracantha longifolia (kokilaksha) estreita a yoni de uma Hastini, ou mulher elefanta, e esse estreitamento dura uma noite.

27 (g). Um unguento feito pilando as raízes do nelumbium speciosum e do lótus azul, e o pó da planta physalis flexuosa misturado com ghee e mel, alarga a yoni da Mrigi, ou mulher corça.

28 (h). Um unguento feito do fruto da emblica myrobalans embebido no suco leitoso da planta leiteira, da planta soma, da calotropis gigantea e no suco do fruto da vernonia anthelmintica torna o cabelo branco.

29 (i). O suco das raízes da planta madayantaka, do amaranto-amarelo, da planta anjanika, da clitoria ternatea e da planta shlakshnaparni, usado como loção, faz o cabelo crescer.

30 (j). Um unguento feito fervendo as raízes acima em óleo, esfregado no couro cabeludo, torna o cabelo preto e também restaura aos poucos o cabelo que caiu.

31 (k). Se a laca for saturada sete vezes no suor do testículo de um cavalo branco e aplicada a um lábio vermelho, o lábio se tornará branco.

32 (l). A cor dos lábios pode ser recuperada por meio da madayantika e das outras plantas mencionadas acima, em (i).

33 (m). A mulher que ouve um homem tocar uma flauta de caniço preparada com os sucos da planta bahupadika, da tabernaemontana coronaria, do costus speciosus ou arabicus, do pinus deodora, da euphorbia antiquorum, da planta vajra e da planta kantaka torna-se escrava dele.

34 (n). Se se misturar a comida com o fruto do estramônio (Dhatura), ela causa embriaguez.

35 (o). Se se misturar a água com óleo e com as cinzas de qualquer espécie de erva, exceto a erva kusha, ela fica da cor do leite.

36 (p). Se o mirobálano-amarelo, a cajá, a planta shrawana e a planta priyangu forem pilados juntos e aplicados a panelas de ferro, essas panelas ficam vermelhas.

37 (q). Se se acender uma lâmpada abastecida com óleo extraído das plantas shrawana e priyangu, com o pavio feito de pano e de pele de cobra mudada, e se puserem perto dela pedaços compridos de madeira, esses pedaços de madeira parecerão outras tantas cobras.

38 (r). Beber o leite de uma vaca branca que tem aos pés um bezerro branco é auspicioso, traz fama e conserva a vida.

39 (s). As bênçãos de brâmanes veneráveis, bem propiciados, têm o mesmo efeito.

40 Há também alguns versos em conclusão:

41 "Assim escrevi em poucas palavras a 'Ciência do amor', depois de ler os textos dos autores antigos e de seguir os modos de prazer neles mencionados."

42 "Quem conhece os verdadeiros princípios desta ciência leva em conta o Dharma, o Artha, o Kama e a sua própria experiência, bem como os ensinamentos dos outros, e não age simplesmente segundo os ditames do seu próprio desejo. Quanto aos erros na ciência do amor que mencionei nesta obra, por minha própria autoridade de autor, logo depois de mencioná-los eu os censurei e proibi com cuidado."

43 "Um ato nunca é visto com indulgência pela simples razão de ser autorizado pela ciência, porque se deve lembrar que a intenção da ciência é que as regras que ela contém só sejam postas em prática em casos particulares. Depois de ler e considerar as obras de Babhravya e de outros autores antigos e de refletir sobre o sentido das regras dadas por eles, o Kama Sutra foi com-

posto, segundo os preceitos das Escrituras Sagradas, para o bem do mundo, por Vatsyayana, enquanto levava a vida de estudante religioso, inteiramente entregue à contemplação da Divindade."

44 "Esta obra não se destina a ser usada só como instrumento para satisfazer os nossos desejos. A pessoa que conhece os verdadeiros princípios desta ciência, que preserva o seu Dharma, o seu Artha e o seu Kama e respeita as práticas do povo, certamente alcança o domínio sobre os seus sentidos."

45 "Em resumo, a pessoa inteligente e prudente, cuidando do Dharma e do Artha, e cuidando também do Kama, sem se tornar escrava das suas paixões, obtém êxito em tudo o que empreende."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CONSIDERAÇÕES FINAIS

✦

1 Assim termina, em sete partes, o Kama Sutra de Vatsyayana, que também se poderia chamar de tratado sobre os homens e as mulheres, as suas relações mútuas e a sua ligação um com o outro.

2 É uma obra que deveria ser estudada por todos, velhos e jovens; os primeiros encontrarão nela verdades reais, colhidas pela experiência e já postas à prova por eles mesmos, enquanto os segundos terão a grande vantagem de aprender coisas que alguns talvez nunca aprendessem de outro modo, ou que só aprenderiam quando fosse tarde demais ("tarde demais", aquelas palavras imortais de Mirabeau) para tirar proveito do aprendizado.

3 Pode também ser recomendada com justiça ao estudioso das ciências sociais e da humanidade e, sobretudo, ao estudioso daquelas ideias antigas que foram aos poucos se filtrando pelas areias do tempo e que parecem provar que a natureza humana de hoje é praticamente a mesma de muito tempo atrás.

4 Disse-se de Balzac [o grande, se não o maior, dos romancistas franceses] que parecia ter herdado uma percepção natural e intuitiva dos sentimentos dos homens e das mulheres e que os descreveu com uma análise digna de um homem de ciência. O autor da presente obra também devia ter um conhecimento considerável da natureza humana.

4.2 Muitas das suas observações são tão cheias de simplicidade e verdade que resistiram à prova do tempo e ainda se destacam tão claras e verdadeiras quanto quando foram escritas pela primeira vez, há cerca de mil e oito-

centos anos.

5 Como coleção de fatos, contados em linguagem clara e simples, deve-se lembrar que naqueles tempos antigos aparentemente não havia a ideia de embelezar a obra, nem com um estilo literário, nem com fluência de linguagem, nem com uma quantidade de enchimento supérfluo.

5.2 O autor conta ao mundo o que sabe em linguagem muito concisa, sem nenhuma tentativa de produzir uma história interessante. Quantos romances se poderiam escrever a partir dos seus fatos! De fato, muito da matéria contida nas partes III, IV, V e VI formou a base de muitas das histórias e contos dos séculos passados.

6 Na parte VII encontram-se algumas receitas curiosas. Muitas delas parecem tão primitivas quanto o próprio livro, mas em obras posteriores da mesma natureza essas receitas e prescrições parecem ter aumentado, tanto em qualidade quanto em quantidade. No Ananga Ranga, ou "O Palco do Amor", mencionado na página 5 do Prefácio da Parte I, encontram-se nada menos que trinta e três assuntos diferentes para os quais se dão cento e trinta receitas e prescrições.

7 Como os pormenores podem ser interessantes, esses assuntos são descritos como segue:

8 1. Para apressar o paroxismo da mulher.

9 2. Para retardar os órgãos do homem.

10 3. Afrodisíacos.

11 4. Para engrossar e aumentar o lingam, tornando-o são e forte, duro e vigoroso.

12 5. Para estreitar e contrair a yoni.

13 6. Para perfumar a yoni.

14 7. Para remover e destruir os pelos do corpo.

15 8. Para remediar a interrupção súbita do incômodo mensal.

16 9. Para moderar o aparecimento excessivo do incômodo mensal.

17 10. Para purificar o útero.

18 11. Para causar gravidez.

19 12. Para prevenir o aborto e outros acidentes.

20 13. Para garantir parto fácil e pronto livramento.

21 14. Para limitar o número de filhos.

22 15. Para engrossar e embelezar o cabelo.

23 16. Para obter para ele uma boa cor preta.

24 17. Para branqueá-lo e descolori-lo.

25 18. Para renová-lo.

26 19. Para limpar a pele do rosto das erupções que surgem e deixam nela manchas pretas.

27 20. Para remover a cor escura da epiderme.

28 21. Para aumentar os seios das mulheres.

29 22. Para levantar e firmar os seios caídos.

30 23. Para dar fragrância à pele.

31 24. Para remover o mau cheiro do suor.

32 25. Para untar o corpo depois do banho.

33 26. Para dar cheiro agradável ao hálito.

34 27. Drogas e encantos com o fim de fascinar, dominar e subjugar homens ou mulheres.

35 28. Receitas para permitir que a mulher atraia e conserve o amor do marido.

36 29. Colírios mágicos para conquistar amor e amizade.

37 30. Prescrições para reduzir outras pessoas à submissão.

38 31. Pílulas de filtro e outros encantos.

39 32. Incenso fascinante, ou fumigação.

40 33. Versos mágicos que têm o poder de fascinar.

41 Das cento e trinta receitas dadas, muitas são absurdas, mas talvez não mais do que muitas das receitas e prescrições em uso na Europa não faz tanto tempo. Filtros de amor, encantos e remédios de ervas foram, nos tempos antigos, usados tão livremente na Europa quanto na Ásia, e sem dúvida algumas pessoas ainda acreditam neles em muitos lugares.

42 E agora, uma palavra sobre o autor da obra, o bom e velho sábio Vatsyayana. É muito de lamentar que nada se possa descobrir sobre a sua vida, os seus bens e o seu ambiente. No fim da Parte VII, ele declara que escreveu a obra enquanto levava a vida de estudante religioso [provavelmente em Benares], inteiramente entregue à contemplação da Divindade.

42.2 Devia ter chegado a certa idade naquele tempo, pois em toda a obra nos dá o benefício da sua experiência e das suas opiniões, e estas trazem a marca da idade mais que da juventude; de fato, a obra dificilmente poderia ter sido escrita por um jovem.

43 Num belo verso dos Vedas dos cristãos, diz-se dos mortos em paz que descansam dos seus trabalhos e que as suas obras os acompanham. Sim, de fato, as obras dos homens de gênio os acompanham e permanecem como um tesouro duradouro.

43.2 E, embora possa haver disputas e discussões sobre a imortalidade do corpo ou da alma, ninguém pode negar a imortalidade do gênio, que permanece sempre como uma estrela brilhante e guia para as humanidades que lutam nas eras seguintes.

43.3 Esta obra, por conseguinte, que resistiu à prova dos séculos, pôs Vatsyayana entre os imortais, e sobre Ela e sobre Ele não se pode escrever elegia nem elogio melhor do que os seguintes versos:

44 "Enquanto lábios beijarem e olhos puderem ver,
Enquanto isso viver, Ela te fará viver."

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0